

REVISTA DA SEMANA

Nº 48

27-11-48

Cr\$ 3,00 EM TODO O BRASIL





MIL ASSUNTOS



O ANO CATÓLICO

Os rumos do Catolicismo. Canonizações. Sagrações e nomeações. Bispos novos no Brasil. Falecimentos. Centenários e jubileus

O ano artístico. O ano científico. O ano filatélico. O ano esportivo. O ano aeronáutico. Informações sobre o ano novo. Um romance; dez contos; duas lendas. Tudo ilustrado. Adivinhações, anedotas, charadas, problemas, testes, caricaturas, gravuras

célebres Estações. Festas móveis e fixas da Igreja. Feriados. O calendário perpétuo. O calendário de 1948. Artigos diversos sobre os mais variados assuntos que interessam aos que vivem nas cidades e aos que vivem no campo. Matéria para adultos e crianças

O ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1949

OFERECE LEITURA PARA O ANO INTEIRO

PREÇO: Cr\$ 15,00 em todo o Brasil. À venda em todas as bancas de jornais na primeira quinzena de dezembro. Pedidos pelo Reembolso Postal ou mediante vale do Correio à

CIA. EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE MARANGUAPE, 15 — RIO

Carta ao Príncipe

Alteza:

Não sei como vos chame. Os vetustos nomes da vossa mãe e os largos títulos de vosso pai somam-se no vosso batismo, e de tal modo vos cobrem o berço que quase vos afogam a face rosada, face que 600 milhões de súditos do Império Britânico hoje cobrem de bênçãos e augúrios felizes! Não resta dúvida de que sois um duque e de que na vossa ascendência se entroncam reis, príncipes, soldados, conquistadores e outras ilustres nações de gente. Os vossos brinquedos devem ser a coroa e o cetro — e, como o vosso pai é oficial de Marinha, talvez vos deixem à mão uma âncora de ouro ou um tridente de Netuno! Nascestes, assim, entre um palácio real e um navio — os dois símbolos mais gratos à alma da Inglaterra. Atrás de vós estão a Torre de Londres, capítulo de pedra da história britânica, e a estátua de Nelson, encarnação eterna da glória naval, que memora, ao mesmo tempo, o herói em Trafalgar e Bonaparte, na ilha de Santa Helena, ditando memórias tristes a Las Casas.

O berço em que nascestes possui a severidade e o desconforto dos séculos. É possível que o tenham forrado com tecidos suaves — mas a madeira tinha visto o sábio Bacon a cogitar na estrutura da sociedade e nas origens do mundo... Qualquer prego ou lasca dele tem sua crônica, como a batalha de Hastings, em que o audaz e estrangeiro Guilherme venceu o tímido Haroldo, rei legítimo e nativo — o que prova que a legitimidade só é boa quando a apoia a força bruta das armas... Nesses palácios onde ides passar a meninice ressoaram, por vezes, as vozes iradas dos povos da Escócia e da Irlanda. A sombra da rainha Stuart passa, porventura, nos corredores da Torre de Londres, e o santo Thomas Morus ergue-se do seu túmulo para amaldiçoar os instintos desregrados do cruel Henrique VIII...

Para qualquer lado que volteis a face vereis um quadro de batalha, de luta política, de rebeldia religiosa. O arcebispo de Cantuária recordar-vos-á os fastos da libertação da Igreja de Inglaterra; os regimentos escoceses, o romance entre Maria Stuart e o conde de Botwell; e, se fixardes melhor os olhinhos risonhos, talvez diviseis o grande Júlio César saltando, à frente de legiões ligeiras, nas brancas praias de onde veio o nome da vossa pátria: Albion...

Vossa mãe, que vos contempla com aquêl sorriso indefinível da maternidade feliz, dir-vos-á que os fados, na história da Inglaterra, são mais propícios às rainhas do que aos reis. Foi uma mulher, Isabel, quem lançou os fundamentos da grande nação em que ides reinar um dia, e outra mulher, Vitória, quem dilatou os limites do Império e juntou à sua coroa de muitas gemas as pedras milenárias do tesouro da Índia... Um rei teve sua cabeça decapitada, por conta de divergências políticas e intrigas palacianas... Espectaculares, com seus urgentes problemas parlamentares, o Partido Trabalhista e o charuto do sr. Winston Churchill... Nasceis entre a maior guerra da História e a primeira campanha atômica do mundo. Em face das detonações de Nagasaki e Hiroshima, a esquadra inglesa, tal como hoje existe, é tão anacrônica como o "Demoiselle" de Santos Dumont comparado a uma "B-29" do último tipo! O poder, o verdadeiro poder administrativo do vosso país, está em mãos de um filho humilde do povo: o major Attlee, que já trabalhou, como operário, nas docas de Londres... Muita água correu no Tâmesa desde que o vosso trisavô, o rei Eduardo VII, passeava, orgulhoso, no seu iate, tendo por trás de si a sombra severa dos encouraçados da Home Fleet...

Tudo mudou, Alteza, nestes últimos anos — menos a ténpera do coração das mães e a composição química do leite humano... Mamais do mesmo modo por que mamavam os plantagenetas, e vossa mãe, ao ter-vos, é tão feliz hoje como era a mulher de Ramsés II quando dava ao Egito um príncipe herdeiro.

O que há de verdadeiro, neste mundo sub-lunar, são as leis da Natureza — escritas e sancionadas por Deus, o único legislador que não precisa de usar "Disposições Transitórias" para atender a casos pessoais e de emergência... Tendes fome — exatamente como a mais humilde avezinha que se empluma na beira do telhado do vosso Palácio de Buckingham, e podeis ter frio, tal como os milhares de crianças pobres do Est Wend londrino. Então, deixais de ser o futuro duque de Edimburgo, ou o provável rei da Inglaterra, para serdes um menino comum, que chora a certas horas, e ri em outras, consoante as suas vísceras estejam necessitando de alimento, ou, ao contrário, confortadas e nutridas...

O que vos importa, nestes primeiros meses de vida, é que a princesa, vossa mãe, vos dê o seio a horas certas e que vos envolva em lãs, quando esfrie lá fora, e vos beije muitas e muitas vezes, para que saibais que há, neste mundo, uma pessoa que vive só para vos cuidar e bem-querer... O aconchego do berço importa-vos mais que o destino da Índia, e o fato de terdes as fraldas enxutas vos é mais agradável do que a eleição de um primeiro ministro pró-Inglaterra na longínqua União Sul-Africana... O que torna a vida extremamente simples é a unidade dos desejos e das aspirações do homem — quer seja um rei e tenha milhões de súditos, quer seja um pastor de ovelhas e só possua uma camisa róta...

E, assim, o príncipezinho encantador, herdeiro da coroa de Ricardo Coração de Leão, o que vos desejo, nestes primeiros tempos de vossa amável existência, é que a Providência vos livre das cólicas intestinais e que os dentes vos nasçam brancos, finos e céleres, para que, um dia, possais comer o pão branco e a broa singela, sob o olhar amoroso da vossa mãe e ainda livre dos encargos asfíxiantes do Império... E, sobretudo, crescei, crescei bem e formosamente, à maneira das árvores, conforme disse o poeta Horácio:

Crescit occulto velut arbor aevum...

Beija-vos as mãos reais, ó duque, o servo longínquo — Berilo Neves.

BERILO NEVES

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

Sumário:

VIDA LITERÁRIA

Livros Novos (João Luso)	10
Ausência e presença do caricaturista Belmonte (Nelson Vainer)	7

BIOGRAFIA

A vida de Cervantes (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	18
--	----

MÚSICA E RÁDIO

Broadcast (Armando Migueis)	56
Música (Roberto Lyra Filho)	45

REPORTAGENS

O V Congresso Eucarístico Nacional (Ruy Saulo)	30/34
A nova Alemanha através da filatelia	5/ 6

CONTOS

Férias de escritora (Vera Milward de Carvalho)	42
A viúva rica (Felix Lima Junior)	20

NOVELA

O elevador número dois (W. Cooper Wilson. Trad. de Renato de Alencar)	15
---	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max) ..	51
--------------------------------------	----

CARICATURA

Bom humor	58
-----------------	----

SEÇÕES PERMANENTES

Carta ao príncipe (Berilo Neves)	3
A personalidade da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) ..	44

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos	19
Modelos para o verão	21
Modelos para toda hora	22/23
Penteados modernos	24
De Hollywood	25
Depois de um banho	26
Mães e filhos	35
Detalhes	36/37
Sol	39
"Week-end" na cozinha	36
Para a noite	40

FOLHETIM

Drago	53/54
-------------	-------

ILUSTRAÇÕES

Luis Canabrava
Seme

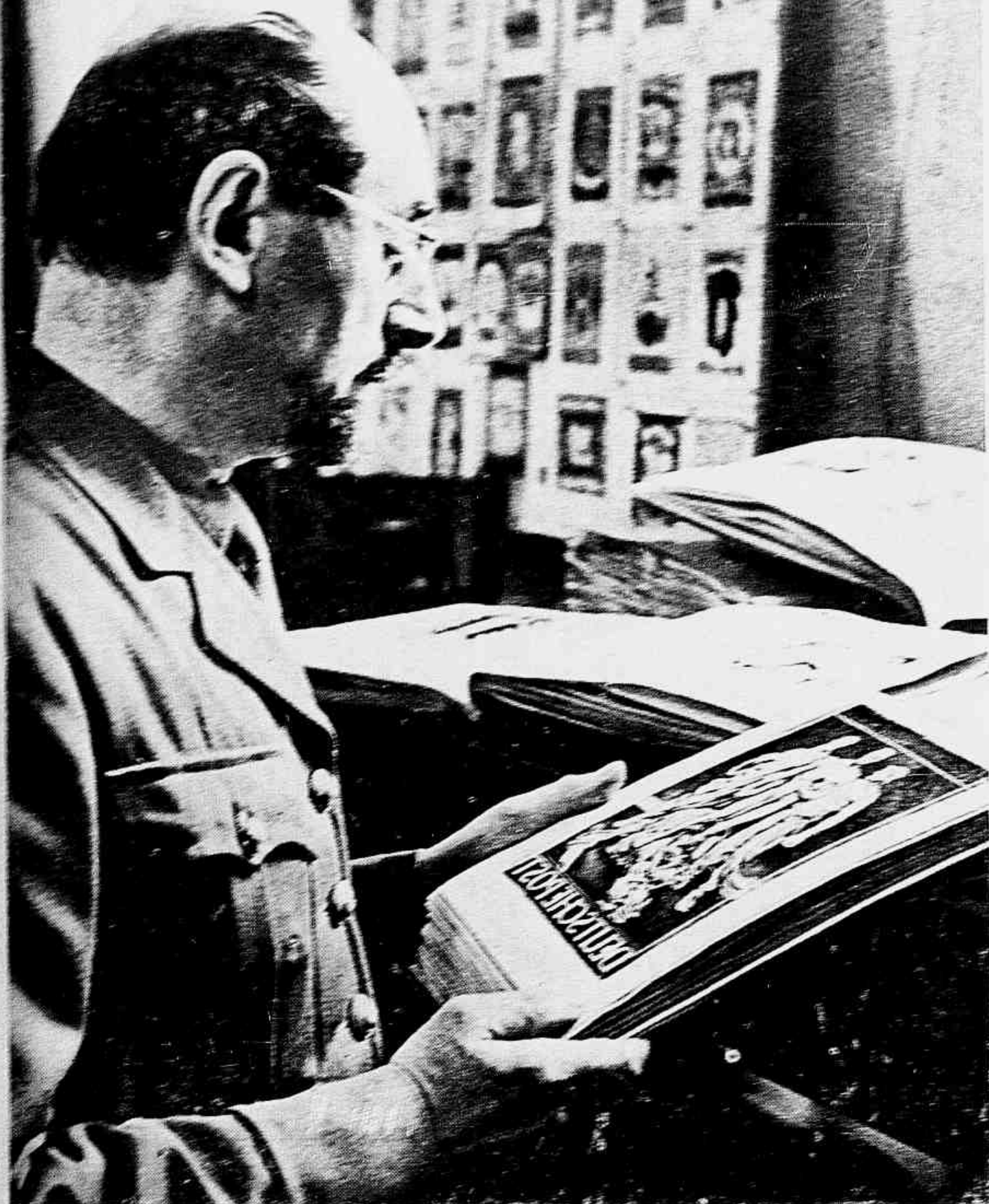
NOSSA CAPA

Ilustra hoje a nossa capa Viveca Lindfors, a linda sueca que ao lado de Ingrid Bergman e Martha Toren forma o trio das belezas nórdicas que têm dado a Hollywood e aos fãs do cinema magníficas interpretações. Viveca foi vista há pouco ao lado de Humphrey Bogart e breve estará de volta, com Errol Flynn, em "Aventuras de Don Juan".



A NOVA ALEMANHA ATRAVÉS DA FILATELIA

(FOTOS KEYSTONE)



O selo de correio, diante da imensa extensão de seu alcance por todos os recantos do mundo civilizado, representa admirável veículo de propaganda de guerra e de idéias.

Viajando aos milhões, tanto em gerências como em malas terrestres e marítimas, levam as correspondências os seus segredos no indestrutível dos sobrescritos ou invólucros, mas, por fora, o espelho de uma nação — os seus selos de correio.

Um dos pontos principais de que tiveram de tratar os Quatro Grandes, antes da ocupação do território germanico, foi o do plano de desnazificação da Alemanha. Mas, para combater-lhe as influências do credo hitlerista, não bastava que tropas vitoriosas da França, da Rússia da Inglaterra e dos Estados Unidos impusessem as severas leis militares, ou se modificasse o sistema de ensino e de trabalho em fábricas, nas repartições públicas e nos meios ru-

rais. Havia um setor que precisava ser imediatamente reeducado: era o campo filatelico.

A população alemã sob orientação aliada, vai a mais de cinquenta milhões de indivíduos. País onde, em idade escolar, não há analfabetos, seu movimento postal é dos mais intensos do mundo, expandindo-se por todos os continentes os selos de correio, que antes, levavam nos desenhos a propaganda nazista.

Além de tudo, quem ignora os artifícios e astúcias de espíões a servir-se de selos do correio para a transmissão de mensagens? Quantas catástrofes foram provocadas nessa guerra e na anterior através de microscópicos sinais, visíveis ou invisíveis, colocados em tão pequeninos mensageiros através de continentes, dos ares e dos oceanos?

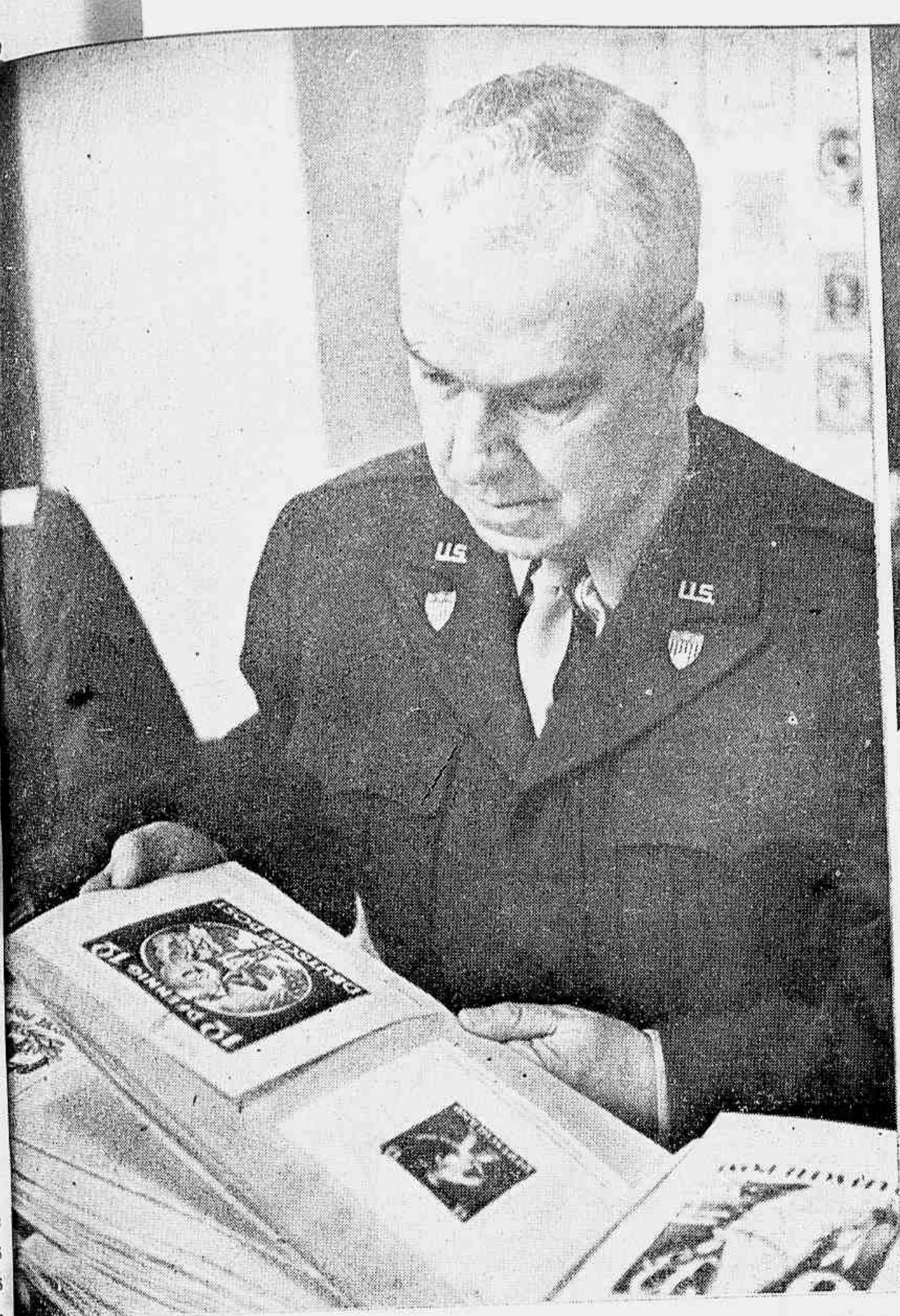
O selo é elemento de civilização e também veículo de crime como os cometidos numa guerra total. Nos desenhos se estampam estados de ci-

AO ALTO: O capitão Louis Thiegey, do serviço postal de Paris, foi o organizador da exposição de modelos para o Comitê. EM BAIXO: Os técnicos em trabalho: (da esquerda para a direita) major Nicolas Pashin, da Rússia; major A. Helmink (U. S. A.); Mr. W. S. Mason (Inglaterra) e Mr. L. C. Burtz (França)

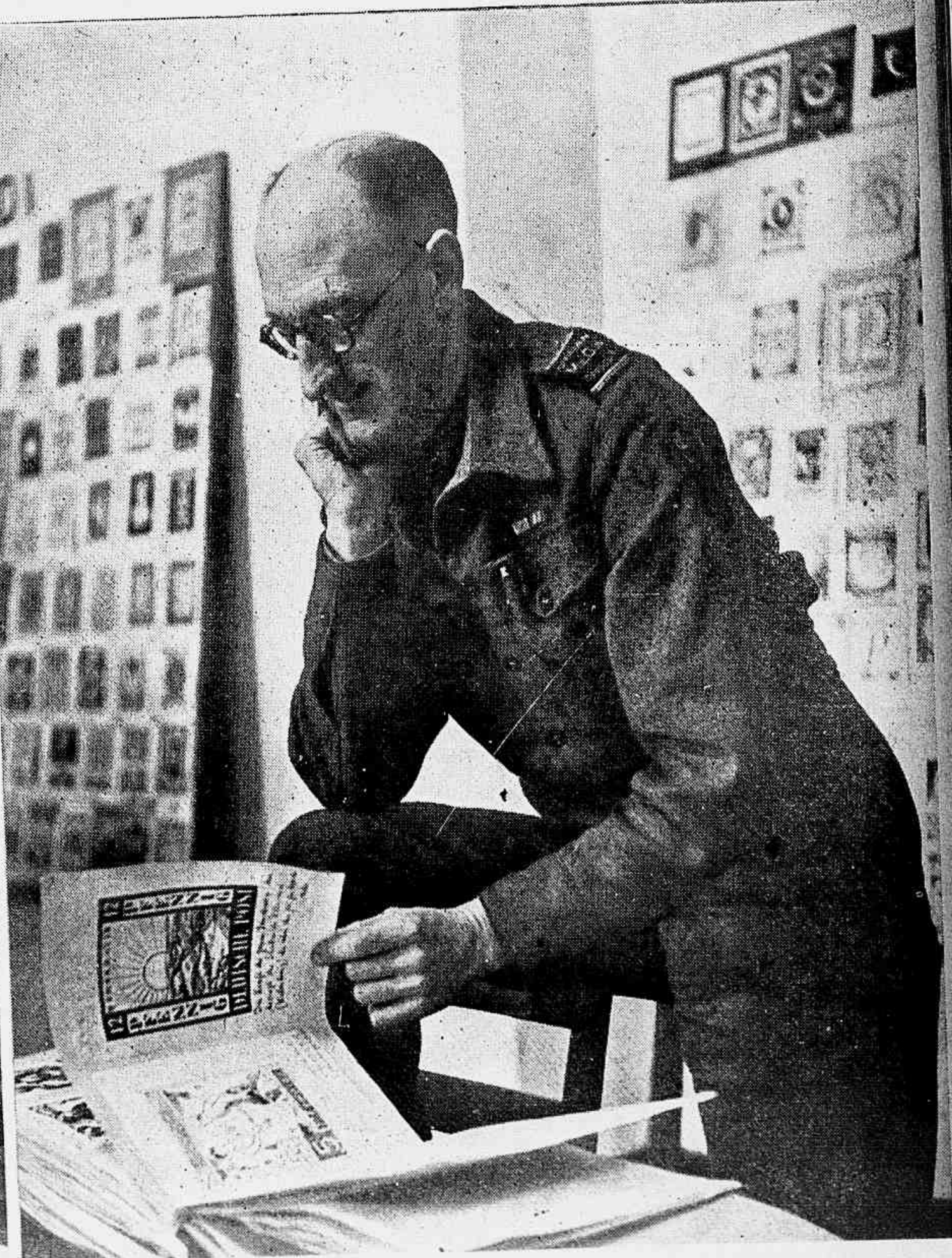


A
A
isava
era o
tação
a mi-
e, em
betos,
ais in-
se por
e cor-
dese-
os ar-
servir-
trans-
catás-
guer-
micro-
isíveis,
mensa-
es, dos
ração e
omo os
l. Nos
de ci-

ho: (da



EM CIMA: O major Alvin Helmick, Inspetor postal da América, examina uma das es tampas que devem ser seleccionadas. Miss Brodle veio de Londres como intérprete de francês e inglês e ri d'êste desenho cômico. EM BAIXO: O técnico postal russo veio de Moscou especialmente para ocupar seu pôsto na seleção postal. Mr. W. S. Mason veio de Londres. E' oficial do govêrno militar em Berlim e um técnico em serviços postais





EM CIMA: Uma equipe de mulheres vindas de Londres, Moscou, Leningrado, Paris, Sheffield, examinam modelos postais. EM BAIXO: Modelo decorativo para selos do correio. Mostra o toque de clarim alertando a nação para uma nova vida



vilização, homenagens a grandes figuras da humanidade, episódios históricos, comemorações que envaidecem os povos. Por isso os aliados lançaram também suas vistas para os selos da Alemanha vencida, e procuraram deter a marcha da propaganda nazista através dos mesmos.

E agora belas e grandes notícias surgem para delícia dos filatelistas do todo o mundo, com as novas edições de selos para os correios da Alemanha.

Muitos dos desenhos e «slogans» da Alemanha de antes de sua derrota, eram de louvores ao nazismo, tudo isso agora substituído por outros que simbolizam justamente o contrário: a destruição do sistema do Terceiro Reich.

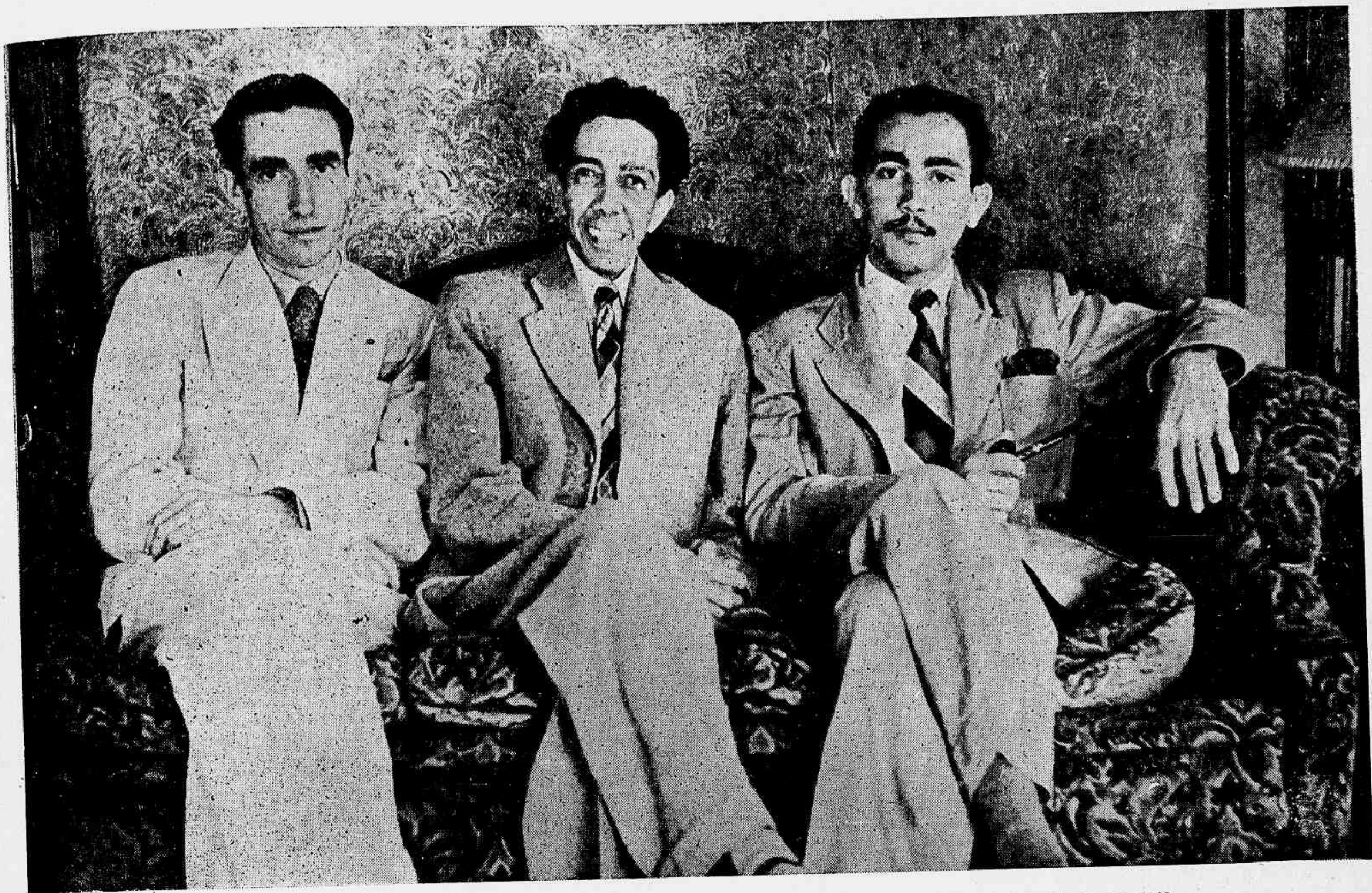
Alguns desses modelos que foram examinados pela comissão postal aliada, representam diretamente a destruição do nazismo, como sucedeu com os desenhos apresentados pelo Sr. Rudolf Lipus, de Leipzig, mostrando uma swastika destruída por violentos golpes do macho de um trabalhador, e outro quando é atingida pelos raios vingadores que descem dos céus como visão de castigo divino.

Para a seleção de milhares de desenhos que chegavam de todos os setores da Alemanha, foi organizado um Comitê composto de técnicos em

assuntos postais, da Inglaterra, Estados Unidos, Rússia e França, os quais, durante dez dias, se ocuparam arduamente, ao trabalho de selecionar nada menos de seis mil estampas submetidas à apreciação dos «experts».

E' interessante notar que, por mais incrível que pareça, entre esses milhares de estampas, também apareceram desenhos que simbolizavam a defesa e propaganda do... nazismo!

Era a insidiosa manobra dos fanáticos que ainda não se convenceram da queda de sua doutrina, para sempre. Diante dessa insistência quase invencível, os membros do Comitê puseram de lado essas amostras hitleristas, colaram-nas em álbuns especiais para investigações futuras. Um desses desenhos mostrava a figura de Hitler surgindo das ruínas da Alemanha, como a Fenix da fábula, como para dar alento aos nazistas. Esse modelo desapareceu. Na série de fotos desta página, verá o leitor o ingente trabalho que teve o Comitê aliado em Berlim, para conseguir resultados construtivos em meio a um aluvião de concorrentes. Também houve desenhos cômicos, como aquele que apresentava a figura de Hitler, na tradicional atitude de Napoleão, mas com o bigodinho nazista.



O saudoso caricaturista Belmonte, entre os jornalistas Nelson Vainer e Armando Pacheco, numa foto tirada em 1942

A AUSÊNCIA E PRESENÇA DO CARICATURISTA BELMONTE

Por NELSON VAINER
(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")



Na madrugada de 19 de abril de 1947, a morte, essa grande indiferente, realizando a sua habitual colheita diária entre os pobres efêmeros, passou pela cidade de São Paulo, entrou no hospital São Lucas donde saiu pouco depois, levando consigo uma das mais notáveis figuras da nossa cultura intelectual — o escritor e mestre do lápis que se escondia sob o pseudônimo de BELMONTE.

Eu assisti à sua morte. Eu e mais dois amigos dedicados do artista: o André, seu sobrinho, e o Pereira. Este, esmagado pela dor, retirou-se para um cantinho, cobriu o rosto com ambas as mãos e desatou a chorar. Eu e o André, de ambos os lados da cama seguramos nos braços o que a terrível dispnéia transformou em lamentável ruína humana.

Belmonte estrebuchava. Seus olhos, virados, fitavam o teto, seu rosto se contorcia em horribéis espasmos, o lábio inferior tremia. Faltava-lhe ar. O André, atordoado depois de várias noites sem dormir, não se lembra disso, mas eu me recordo perfeitamente de ter ouvido os últimos gemidos do meu pobre amigo, que se debatia horivelmente nas garras da morte.

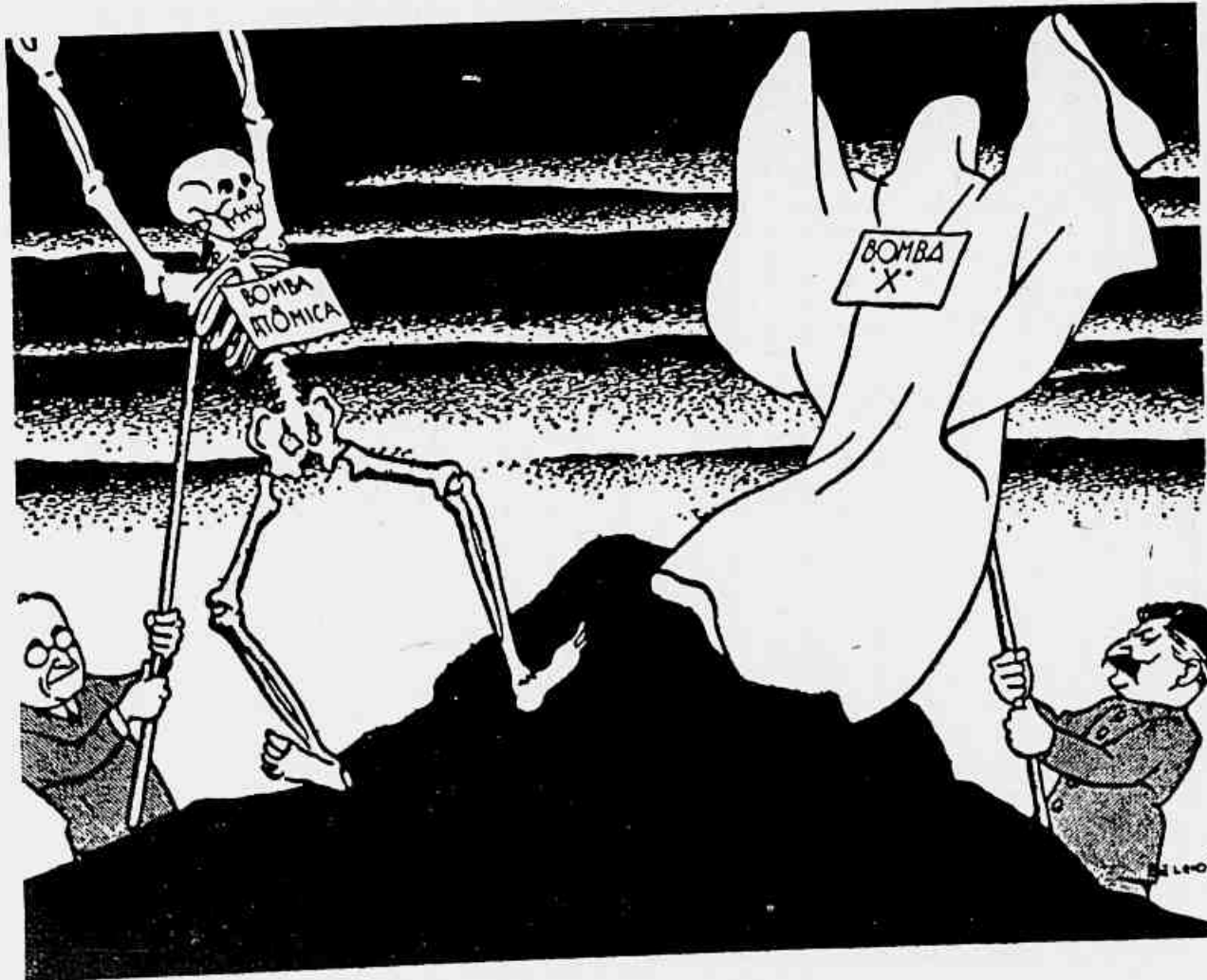
As quatro horas e quinze minutos, a alma deixou o corpo de Belmonte. André fechou-lhe os olhos e começou a cobri-lo com um lençol. Lancei um olhar sobre a mão direita do grande morto, essa mesma mão que via durante tantos anos produzir os primorosos desenhos. Estava fechada, exatamente como nos momentos em que trabalhava. Dir-se-ia que Belmonte, depois de tantos anos de labor ininterrupto entre os vivos, se preparava para executar a sua primeira "charge" no além, no mundo dos mortos...

Na tarde chuvarenta do mesmo dia, se realizava o seu enterro. Houve discursos, durante muitos dias os jornais publicavam artigos sobre a sua grande personalidade mas, pouco tempo depois, o nome do grande desenhista, que durante duas décadas foi a coqueluche de São Paulo, caiu num terrível esquecimento. Esqueceram-no seus companheiros de trabalho, seus amigos íntimos, os inúmeros jornalistas, escritores, poetas e artistas, cujos livros e ensaios foram ilustrados pelo lápis do incomparável artista. No primeiro aniversário da sua morte, a "Folha da Noite" publicou uma nota lacônica na segunda página: no dia 15 de maio, esse mesmo vespertino inseriu poucas linhas de Lala,

filha de Belmonte, desta vez acompanhada dum "cliché" do grande esquecido. Nada mais...

Ainda há pouco, Armando Pacheco, da redação do "O Globo" realizou uma interessante "enquete" entre os caricaturis-

tas cariocas. Não se compreende por que nenhum dos entrevistados não fez a mínima referência ao criador de "Juca Pato". Pacheco, íntimo amigo de Belmonte, "encachou" o seu nome na parte que lhe cabia. O escritor Mário Cordeiro às vezes es-



Uma das "charges" políticas de Belmonte, tão oportuna em nossos dias e que saiu na "Folha da Noite", há dois anos...

creve um tópico sobre Belmonte nalguma publicação... E é só...

E, quando eu já considerava a ausência total de Belmonte como um fato consumado, apareceu repentinamente nas estantes das livrarias um album de caricaturas do meu inesquecível amigo, que as "Edições Melhoramentos", de São Paulo, lançaram este mês. É um livro encadernado, com cento e dez páginas, que encerra mais de duzentas caricaturas, das melhores que ele produziu desde 1936 até 1947 e intitulado: CARICATURA DOS TEMPOS.

De 1936 a 1947. Dez anos... Da revolução espanhola à política babilônica dos planos Marshall e Stalin, com a maior guerra de todos os tempos no centro... E Belmonte, em seu gabinete de trabalho, no Alto das Perdizes, enclaustrado entre enciclopédias e milhares de livros, revistas e jornais, acompanhando com seu lápis os grandes acontecimentos que abalaram o mundo nestes últimos dez anos...

Folheio "CARICATURA DOS TEMPOS" e noto quão grande é a presença de Belmonte nessa imensa ausência que sua morte causou. Muitas de suas "charges" de política internacional são oportuníssimas no momento que passa e ainda seria o assunto do dia, se fossem reproduzidas não só nos órgãos da nossa imprensa, mas também nos grandes jornais da imprensa universal, como esta, por exemplo, que ilustra este artigo. Foi publicada na "Folha da Noite", no dia 13 de agosto de 1946. Há mais de dois anos, pois. E a situação da política internacional, tão bem analisada pelo lápis de Belmonte, não mudou, continua exatamente a mesma que o seu gênio criador fixou com tinta nanquim na cartolina há mais de dois anos...

Assim é grande parte das "charges" políticas que Belmonte nos deixou nos vários albums que saíram quando ele vivia e que agora, selecionadas, foram reproduzidas em "CARICATURA DOS TEMPOS". Sim, Belmonte fala do além e, se lhe fosse possível o envio de desenhos, preencheria a lacuna que ele deixou aberta na madrugada de 19 de abril de 1947, essa lacuna que jamais será preenchida por outro igual a ele.

A ausência de Belmonte é tremenda mas, enquanto os seus trabalhos forem reproduzidos nos órgãos da nossa imprensa e em albums como CARICATURA DOS TEMPOS, que acaba de aparecer, o criador de Juca Pato estará sempre presente no meio do povo brasileiro que ele tanto amou.



Na semana em que se festeja a Bandeira Nacional, lembramos forçosamente a figura de Raimundo Teixeira Mendes, aquele que, numa hora decisiva para a nossa pátria, teve a seu cargo a incumbência mais honrosa que se poderia conferir a um cidadão — o de estudar o plano de um pavilhão para o novo Brasil que surgia com a queda do Império e a ascensão do regime republicano.

★

Os cronistas assinalam a passagem de Teixeira Mendes pela história com um halo de glória e quase santidade. Era um idealista, um patriota e um batalhador sincero. Abolicionista dos mais ardorosos, foi dos que primeiro se empenharam valentemente na campanha pela extinção da escravidão no Brasil, dando o melhor dos seus esforços naquela cruzada memorável na qual se jogava com a sorte da própria civilização. Em seguida, como o germe do idealismo republicano já se infiltrara em todos os homens de inteligência daquela época, vamos encontrar Teixeira Mendes como um dos mais intrépidos e incansáveis propagadores da idéia da República.

Jamais passou diante dos seus olhos



um problema importante do nosso país que lhe não merecesse o exame mais acurado, o debate mais sensato, seja pelas colunas da imprensa, seja nas tribunas.

Dai ter acreditado, logo que vitorioso a República, que uma nação não muda de bandeira assim "como um homem muda de camisa". E dai ter procurado consolidar os traços das bandeiras anteriores, com um plano contendo ideia nova. Dessa conjunção, extrair-se-ia, então, o Pavilhão Nacional.

E assim foi. O regime novo, para a vitória do qual tanto concorreu o idealismo, a inteligência e o desprendimento de Raimundo Teixeira Mendes, desfraldou em todos os recantos do país o pavilhão que Rui Barbosa considerou o mais belo do mundo em um dos seus notáveis discursos.

★

Nas homenagens que a 19 deste mês se prestaram à Bandeira Nacional, estava incluída também uma percentagem de gratidão e reconhecimento dos brasileiros de hoje a esse grande vulto do nosso passado histórico que foi Teixeira Mendes.

a Seman

EM REVISTA

LUA DE FEL O sonho dos namorados é o gôso de uma lua de mel feliz, algum dia, num hotelzinho poético, numa encosta de montanha, ou à beira-mar, sob a luz de um céu muito azul. Há quem deseje também viajar por mar, terra ou pelos ares ao lado da eleita, a afagar-lhe as mãos, partilhando de sua emoção inédita, naquele fim de romance. Na verdade, nada há de mais agradável do que uma lua de mel bem doce. Contudo, por estranho que pareça, registram as crônicas certas luas de mel que são amargas e atrozmente como a decepção. Dizem telegramas de Bellefonte, Pennsylvania, que David Tarow, jovem de 23 anos de idade, acusado de ter assassinado o sr. Francis Devon, foi a júri, sendo condenado à cadeia elétrica. Sucedia, porém, que o delinquente era noivo da sta. Stella Noto, de Brooklyn, já mãe de uma menina de nove meses. Tarow desejou casar-se com ela antes de morrer. E, confirmada a sentença, não havendo jeito de comutar-se a pena, ele pediu à direção do presídio em que estava, que mandassem chamar sua noiva e testemunhas, pois desejava casar-se antes de ir para o outro mundo. A cerimônia foi realizada por um guarda da prisão que também era juiz de paz. Estiveram presentes ao ato os pais do preso e a menina de nove meses, filha da noiva. Depois da cerimônia, ele e ela, passaram dez horas de torturante enlevo, de mãos dadas, no gabinete do administrador da detenção, assistidos por todos aqueles que estariam muitos felizes e jubilosos, se outra fosse a circunstância em que se houvesse dado o matrimônio. O ambiente era de tão grande tristeza, que mais parecia estarem ali dois cadáveres, e não dois noivos formando um par de jovens recém-casados, em plena lua de mel. E, passado aquele período de tristíssimas nupcias, um guarda veio comunicar-lhe que já era chegada a hora de voltar à cela. As mãos se apertaram pela última vez, num adeus, para sempre, separando-se os noivos numa despedida dolorosa, na mais compungente lua de mel, daquela cidade.

VEGETARIANOS Já houve no Brasil grande propaganda da superioridade do vegetarianismo sobre o regime eclético que todos seguimos em matéria de nutrição. Dentre os apóstolos da alimentação com hortaliças, folhas e frutos, destacou-se aquele grande médico Kühne, que conseguiu milhões de adeptos por todo esse mundo de meu Deus. Nos Estados Unidos há um apaixonado do vegetariano, o dr. John Maxwell, de Chicago, homem de oitenta e seis anos, candidato à presidência da República no recente pleito, apresentado pelo Partido Vegetariano. De começo, o dr. Maxwell baseou sua campanha eleitoral no seguinte programa: acabar com a criação de gado no país, convertendo-se as terras de pastagens em vastíssimos campos de cenouras, couves e demais produtos alimentícios. Vendo, porém, que o programa não o ajudava muito, nos últimos dias da propaganda, estribou-se numa novidade sensacional: depois do pleito, ia casar-se e passar sua lua de mel vegetariana, sem dúvida. Foi derrotado. Agora, aqui no Brasil, sucedeu uma boa com outro vegetariano. O propagandista conhecido por "Bataclá", a fim de mostrar que o regime vegetariano produzia muito mais vitaminas e nutrição ao organismo do que o de carnes, desafiou corredores pedestres que se alimentam de bifes, para uma corrida de duzentos metros. Iria provar que, comendo folhas e frutos, possuía muito mais resistência física do que os gaúchos a devorar churrascos sangrentos. Fixou-se o dia e hora da prova sensacional. Muita gente acorreu ao local, com a maior curiosidade deste mundo. Alinhados os esportistas, foi dada a saída. "Bataclá" fez o possível para vencer os carnívoros, mas pregou no primeiro terço da prova, e, atrasando-se cada vez mais, chegou ao final da corrida, exausto, cansadíssimo, quase a desfalecer, língua de fora, a botar o bofe pela boca... "Bataclá" desmoralizara o vegetarianismo, vergonhosamente espiado...

AS INCONVENIÊNCIAS DA TELEVISÃO

O cinema, entrando pela seara do teatro, avançou muito em questão de cenas íntimas, na prática de crimes, na exibição de imoralidades. On invés de limitar-se a jornais, a temas de arte, a documentário, a programas pedagógicos, a desenhos animados que divertem sem ofensas à moral, o cinema, muitas vezes se inclina para argumento fescenino e amoral, forçando a autoridade pública a exercer severa vigilância. Quando vemos um filme com a advertência de que fica proibido ou é impróprio para menores de dezoito anos, sentimos na alma a mais amarga decepção. O cinema deve ser divertimento e arte. Nunca servir de veículo a cenas proibidas a menores. A imoralidade ou a inconveniência na representação artística, tanto deve ser proibida a pequenos como a grandes. E' justamente esse o motivo por que se produzem filmes imorais ou inconvenientes, cada vez mais. Se a censura abrangesse todos os espectadores, fosse qual fosse sua idade, era natural que nenhuma produtora iria perder dinheiro com filmes que ninguém ia ver. O cinema se tornou um deboche. As sequências imorais lhe garantem sucesso de bilheteria. Cenas íntimas, de alcova, são exibidas com a maior naturalidade deste mundo. Parece que o sentimento de pudor das gerações atuais se tornou tão refratário ao respeito público e à sensibilidade moral, que já ninguém dá mais jeito. Com a televisão essa enchente de imoralidades poderá ser levada dos centros de diversões aos lares mais recatados e honestos. Até agora o rádio era apenas auditivo. Um cidadão movia o dial e pegava música, anedotas, prosa, anúncios, sem se ver quem estava ao microfone ou no palco, e com que roupa esses mesmos artistas se apresentavam. Agora, porém, a televisão vai desvendar as figuras que cantam e dançam nos estúdios. Com a transmissão de um número do "Lido Cabaret", de Paris, pela BBC, já foi dado o alarme. Que as coristas se vistam, também...

ESTÍMULO À INDOLÊNCIA Todos nos lembramos daqueles pruridos de reação contra o excessivo número de feriados que imperava em nosso calendário político e religioso, quando se tornou vitoriosa a revolução da Aliança Liberal. Houve quem prognosticasse que, com a nova República, o povo brasileiro entraria numa fase de grande eficiência, desaparecendo, para sempre, o abuso de tão grande número de dias perdidos. Com efeito, houve decretos e portarias por esse Brasil a fora, riscando-se certos dias que, dantes, eram considerados feriados obrigatórios. Registraram-se mesmo injustiças. Assim, desapareceu o feriado do 13 de maio, data que, no conceito de Ruy, é o maior dia de nossa história, a maior data nacional. Quando todos pensavam que a orgia estava para acabar, começaram a surgir feriados incríveis: o dez de novembro, o dezanove de abril etc. Os curiosos da estatística fizeram cálculos e chegaram à conclusão de que de nada serviu retirar o 13 de maio e outros, pois haviam surgido muitos outros, muito mais pobres de significação. E agora, segundo estatística elaborada pela Federação do Comércio de Minas Gerais, temos no Brasil, este panorama de preguiça estimulada: 22 feriados anuais, em média; 52 domingos; 26 representados pelas metades dos 52 sábados mutilados pela semana inglesa; mais quinze dias de férias regulamentares ao cidadão com carteira profissional; cinco dias de inatividade, em média, por faltas eventuais num ano, e temos a soma total de cento e vinte dias de absoluta inatividade, num total de 365. Assim, pelo cálculo da Federação das Indústrias de Minas Gerais, o cidadão brasileiro só aproveita dois terços do seu tempo, graças a tanto feriado. E quanto às escolas? Um pai de família provou irrecusavelmente, que um estudante hoje só aproveita, durante todo o ano, de 120 a 140 dias... Quando crescer, esse jovem há de lutar para que aumente o número de feriados...

JOGOU A MULHER Por esse mundo de meu Deus se passam coisas estranhas. Na Índia há uma festa anual que se chama "Diwali", na qual todos os indus arriscam a sorte no jogo. Aconteceu que, um deles, havendo perdido tudo o que possuía, encanou o banqueiro e lhe fez esta incrível proposta: — Joraria a própria esposa! O outro aceitou. Feriu-se a parada e o homem perdeu também a mulher. Não teve outro jeito se não comunicar-lhe o azar da sorte má que o perseguia, e, antes de entregá-la ao vencedor, consolou-a dizendo que ia economizar dinheiro suficiente para resgatá-la na próxima festa de "Diwali". Não nos esclarece a notícia de Calcutá através da A.F.P. qual foi a resposta da mulher que serviu de valor para tão terrível parada na vida de um casal; mas, o caso, se bem que inusitado e repugnante, não é de todo inédito. Aqui mesmo no Brasil, numa das grandes cidades do país, há cerca de sessenta ou setenta anos, verificou-se fato idêntico. Dois amigos íntimos costumavam jogar alto. Um belo dia, um deles já estando a perder todo o dinheiro, joias, casa, relógio, enfim tudo o que lhe pertencia, fez aquela mesma proposta ao parceiro, e foi aceita. Traçaram o baralho à vista de testemunhas. O lance, mais uma vez foi adverso ao perdedor. Pálido, emocionado, foi com seu amigo até sua residência. Era noite alta. Sua esposa veio abrir-lhe a porta. Entraram. Ele, com voz trêmula, explicou-lhe o sucedido. Tal foi o asco, a repugnância que sua esposa experimentou diante daquele monstro, que não teve nenhuma dúvida: naquele mesmo instante se uniu ao novo companheiro, passando a viver com ele. E, segundo afirmam pessoas que conheceram o episódio, ela foi muito feliz com o vencedor do marido, sobrevivendo dois filhos homens, e logo que faleceu o legítimo esposo, casou-se com o outro, legalizando uma vida que teve origem num jogo de cartas, e que se tornou muito feliz, a partir daquele instante.

FÁ PERIGOSO Quando os artistas de cinema chegam às culminâncias da fama, têm o maior cuidado com as suas excursões. Aqui mesmo no Rio já vimos o que pode suceder com os Tys e as Lanas Turners. Só mesmo protegidos pelos cordões policiais se livram de morrer despedaçados pelos fãs. Mas, acaba de suceder uma com a artista argentina Amanda Ledesma, que deve fazer que seus colegas de estrelato ponham suas barbas de molho. Em Bogotá, segundo informou "El Siglo", estava essa artista a cantar num teatro, quando, dentre os milhares de fãs, um se mostrava mais exagerado que os outros. Logo que acabou a sessão, saía a "estrela" para uma ceia após seus árduos trabalhos, quando se aproxima dela um cidadão e, levantando o braço, vibrou-lhe terrível punhalada. Mas não ficaram horrorizados. A artista não sofreu nada, a não ser o susto: "Quem serviu de paracheque foi o sr. Juan Pescador, funcionário do teatro, que recebeu a facada, salvando a "estrela". Preso em flagrante, confessou o criminoso que agira assim porque desejava expressar sua admiração pela artista, de maneira original. Al está, meus amigos, uma forma detestável e perigosa para alguém provar sua predileção pelos artistas. Felizmente, aqui pelo Brasil, nossos "astros" e "estrelas" de cinema ainda não chegaram a tão culminantes alturas na admiração popular. Qualquer deles, às vezes, recebe "facadinhas", mas muito modestas... E não aparece, para estas manifestações de amor e simpatia aos artistas, nenhum Juan Pescador que se interponha entre o criminoso e a vítima, a fim de aparar-lhe o golpe, recebendo a facada em lugar dos "astros" e das "estrelas" de nosso abençoado e pacífico cinema. E isso já é um consolo. Nossos artistas não conseguiram ainda culminâncias de glória, mas, em compensação, são suaves as facadinhas que levam... Contudo, é bom que se previnam. Somos um povo de vivo instinto de imitação, e não será estranho que desça do morro alguém desejoso de celebrar-se...

ANO XLVII

REVISTA DA SEMANA

N.º 48 — 27-11-48

Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilla e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples — Um ano Cr\$ 140.00
Registrada — Um ano Cr\$ 170.00
ASSINATURAS PARA O EXTERIOR
Registrada — Um ano Cr\$ 210.00
Seis meses Cr\$ 70.00
Seis meses Cr\$ 85.00
Seis meses Cr\$ 140.00

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50
Visconde de Mareguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro
Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Merlonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Consultantes 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-prensa" - Florida, 299 - Tel.: 32. Av. 9109, Buenos Aires.

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.
ESTE NÚMERO CONSISTE DE 60 PÁGINAS

As 2 grandes criações da fábrica **CYMA**

O modelo Automatic

O Relógio das 8 vantagens:

- ★ Automático
- ★ Impermeável
- ★ Inoxidável
- ★ Para choques
- ★ Antimagnético
- ★ Vidro inquebrável
- ★ Preciso
- ★ Elegante



e o despertador

CYMA

quina e a com-
páinha
que com uma corda
só faz andar a má-



DR. SPINOSA ROTHIER

Doenças sexuais e urinárias. Lavagem endoscópica da vesícula. Próstata —
RUA SENADOR DANTAS, 45-B — Tel.: 22-3367. de 1 às 7 horas

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a REVISTA DA SEMANA

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O MUNDO

Marcha

Inaugurada a Segunda Exposição Agro-Pecuária organizada pela Prefeitura do Distrito Federal. Desastre com cinco aviões de turismo, em S. Paulo, Bahia, Minas Gerais e Santa Catarina. Firmado um acordo comercial entre o Brasil e Portugal. Grande desastre ferroviário na Bahia com cinco mortos e vários feridos. Perece afogado em Copacabana um herói da R.A.F., veterano de duas guerras. Chega ao Rio o presidente da United Press. Na Califórnia, Estados Unidos, um casal se suicida em virtude de haver perdido o seu único filho, um garoto de oito anos. Composto o novo gabinete canadense, tendo o sr. Saint Laurent substituído o velho "premier" Mackenzie King. Chegam ao Recife os cineastas portugueses que estão filmando a película "Venda-val maravilhoso", sobre a vida de Castro Alves. Assassinados o escultor Leno Lazzoni e sua esposa, em sua residência, em Boca Raton, na Flórida. Viaja para Minas o ministro Lafayette de Andrade, presidente do Tribunal Superior Eleitoral. Concedido o Prêmio Nobel de Física ao professor Arne Tiselins, em reconhecimento aos seus notáveis trabalhos no terreno da pesquisa bioquímica e biofísica. Desabamentos em Petrópolis com várias vítimas. Nasce o novo herdeiro da coroa britânica, filho da princesa Elisabeth e do duque de Edimburgo. Anunciam os jornais um escandaloso desvio de mercadorias no Cais do Pôrto. O general Charles De Gaulle faz uma declaração-plataforma à imprensa, na qual deixa patente os três pontos seguintes, que serão executados assim que esteja com as rédeas do governo francês: a) porá fora de lei o Partido Comunista; b) opor-se-á ao plano de reabilitação da Alemanha, inimiga tradicional da França; c) aceitará o "Plano Marshall", mas com grandes restrições. Telegramas de Londres aventam as possibilidades de que os soviéticos estão promovendo grandes reformas nos seus exércitos. O DASP manifesta-se contrário à criação do Ministério dos Correios e Telecomunicações. Autuados em flagrante, em Petrópolis, um comissário e um soldado de polícia quando feriam a bala um sexagenário indefeso. Desastre com um avião da Força Aérea Brasileira, em Campinas, perecendo os seus tripulantes. Aprovado, na O.N.U., o acordo sobre os refugiados concluído no Conselho Econômico e Social, voltando, na mesma sessão, a ser debatida a questão do desarmamento. Nomeado o sr. Foster Dulles para substituir o general Georges Marshall na chefia da delegação "yankee" no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Violento choque de patrulhas na fronteira da Argentina com a Bolívia, com baixas em ambas as partes. A Grã-Bretanha propõe, na Comissão Política, a designação de três membros das Nações Unidas para executar o Plano Bernadotte na Terra Santa. Informa-se de Estocolmo, sem maiores esclarecimentos, que o Prêmio Nobel da Paz não será conferido este ano. Renunciou o ministro da Justiça da Hungria devido à suspensão da pena de morte imposta a dois criminosos de guerra. Anuncia-se que em meados de dezembro vão se realizar as eleições na Espanha. Comemora-se festivamente o "Dia da Bandeira". Inaugurado, na Câmara Municipal, o Primeiro Congresso para Estudos dos Problemas do Distrito Federal. Condecorado pelo governo argentino o general brasileiro Edgar Amaral. Inaugurado um serviço de Rádio-Patrolha em Belo Horizonte. Anunciado o divórcio do rei Farouk, do Egito. Renunciou o gabinete belga. O deputado Prado Kelly qualifica de "inconveniente e inconstitucional" o visado aumento de subsídios pleiteado por alguns parlamentares. O romancista Romulo Gallegos, presidente da Venezuela, desmente os rumores de revolução no seu país.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

IMPERATRIZ DONA AMÉLIA

Ampla biografia histórica,
por
LYGIA LEMOS TORRES

São Paulo
1948

Obra de rara qualidade, para ser lida com especial respeito, misturado de carinho. Foi assim que a sra. Lygia Lemos Torres compôs o seu livro. Sente-se em cada página como, ao empenho e ao escrúpulo da pesquisadora, se aliou um sentimento enternecido. E nessa tarefa igualmente feita de admiração e amor, evitava a escritora qualquer condição ou circunstância: pormenor, incidente, particularidade de informação ou maneira de exprimir, que pudesse pôr em destaque a sua própria pessoa.

O valor excepcional deste trabalho está na discreta harmonia, no esmerado equilíbrio do seu conjunto. A sra. Lygia Lemos Torres soube fugir nobremente à espécie de tentação que tantos autores do gênero experimentam, e a que não resistem, de se sobrepor ao objeto tratado. Já nos não referimos à "biografia romanceada" que tanto se cultiva de há tempos a esta parte, sob o pretexto de que tal qualificação justifica, ou até exige, todas as liberdades... Em muitas obras que se dizem puramente históricas e trazem a assinatura de eminentes homens de letras, se pode notar aquela imposição, um tanto abusiva, da individualidade. É um adorno, bem entendido, um recurso ou mesmo um requinte de arte; mas é também, de certo modo, uma falsificação. E foi o que levou Eça de Queiroz, em carta dirigida a Oliveira Martins e a propósito da "Vida de Nuno Álvares", a formular esta consideração "terre à terre" mas profundamente justa: "...não me agradam muito certas minudências do detalhe plástico, como a notação dos gestos, etc. Como os sabes tu? Que documento tens para dizer que a Rainha, em certo momento, cobriu de beijos o Andeiro ou que o Mestre passou pensativamente a mão pela face? Estavas lá? Viste? Estes traços, penso eu, não dão mais intensidade de vida e criam uma vaga desconfinança". Ora, quanto aos capítulos da "Imperatriz Dona Amélia", quer no apresentar do panorama, do meio, do ambiente, quer no encaminhar e desenvolver da narrativa, tudo se define e acentua com fiel clareza, mantendo sempre o cunho da realidade. Fora dos documentos transcritos na íntegra, não se tem ocasião de reparar em algum trecho minucioso ao extremo ou que ao leitor possa dar a impressão de supérfluo. Sem prescindir de episódio ou passagem de valor elucidativo, a exposição decorre em sinceridade e lisura, na mais apreciável lhanza. E, todavia, o prestígio emotivo, sempre que a sua intervenção tem cabimento ou razão de ser, se manifesta, se comunica e triunfa.

A personalidade de D. Amélia, "terceira imperatriz do Brasil", como se diz e se justifica na primeira página do livro, deixou de ser propriamente um assunto, um motivo de estudo e comentário, para se tornar objeto de um preito ao mesmo tempo intelectual e cordial, de elevado aprêço e nobre afeição. E o remate da biografia assume a feição de uma despedida comovente, um adeus dito pela autora à personagem que lhe deixa saudades: "Na madrugada de 26 de janeiro de 1873, expirou suavemente, isolada como vivera quase sempre, a nobre, inteligente e bondosa mulher que, depois de ter sido princesa de Leuchtenberg, era então a caridosa duquesa de Bragança".

A obra, valorizada ainda por um prefácio do sr. Afonso de E. Taunay e ilustrada com finos desenhos do sr. José Wast Rodrigues, teve a execução gráfica mais elegante e apurada.

O EX-MÁGICO

Contos de
MURILO RUBIÃO

Editora Universal
Rio de Janeiro
1948

O protagonista do primeiro conto nasceu mágico. Podia servir de herói àquela anedota de bordo, na qual um naufrágio total, sob a mais despedaçadora tempestade, passa por mera fantasia de certo prestidigitador que se encontra entre os passageiros. Este, do presente volume, excedia todos os ilusionistas — por isso mesmo que era ele próprio, uma ilusão. O contista lhe emprestara poderes nunca vistos, fabulosos, que lhe permitiam, por exemplo, fazer surgir, entre os dedos, um jacaré enorme e imediatamente, segurando-o pelas extremidades e comprimindo-o, sem

esfôrço, transformá-lo em sanfona. Com tal prestígio, o sujeito não metamorfoseava a humanidade, o planeta inteiro e o próprio Universo simplesmente porque não queria. Mas o dom maravilhoso acabou perdendo, para ele, todo o interesse, toda a graça. Por causa desse tédio e outras vicissitudes, resolveu o taumaturgo fazer-se funcionário público. E quando, ao cabo de um ano de tal existência, ameaçado de demissão quis provar a sua estabilidade, mudando singelamente uma data no quadro oficial — não pôde. A burocracia lhe tinha atrofiado a faculdade transcendente, o havia tornado um homem como outro qualquer.

Assim nos permitimos resumir o estranho assunto e interpretar o sentido satírico da história que abre o livro do sr. Murilo Rubião. Livro, diga-se de passagem, que, perante a Academia Mineira de Letras, conquistou o prêmio de vinte mil cruzeiros, instituído pelo grande industrial, homem de letras também, quando lhe apraz, sr. Othon Bezerra de Melo. Nos outros trabalhos, como n' "O ex-mágico", é o protagonista, sempre diferente na condição individual e no nome — chega, num deles, a chamar-se, ao mesmo tempo, Godofredo Robério e João de Deus — que nos conta as coisas por ele imaginadas ou na sua existência acontecidas. Há certa variedade de motivos e de maneiras que, naturalmente, serve para manter mais vivo o interesse do leitor. Assim "O homem do boné cinzento" nos faz pensar numa invenção diabólica de Póe; "A noiva da casa azul" é como a reconstituição de um quadro nostálgico de Georges Rodenbach; e com "Ofélia, meu cachimbo e o mar" deliciosamente sorrimos à utopia de um habitante de montanha que julga trazer no sangue, nos nervos, no sentimento o legado essencial de um avoengo marinheiro e faz essa confidência à sua cadela de nome shakespeariano... Não há, porém, em página alguma, aspecto de imitação ou sinal acentuado de influência alheia. Todo livro acusa a tempera e o corte de um escritor realmente dotado e tanto assim que se estreou com um livro logo triunfador.

NOTURNO

Versos de
MARIA DOLORES ROCHA

São Paulo
1948

O ano correu favorável às poetisas, principalmente às novas poetisas. Boa meia dúzia de vezes, pelo menos, aqui saudamos, com festivo júbilo, o advento de jovens adoradoras de Apolo, suas apaixonadas no sentido espiritual e sonhador. Assim, entre o chamado, e cada vez com mais razão, Belo Sexo, vêm surgindo, com acelerada frequência, as vozes moças, frescas, repassadas de ilusão, que procuram servir a beleza, louvando-a na linguagem dos deuses. Essa linguagem elas a conservam, quase sem exceção, como a aprenderam das gerações de cantores inspirados. Em plena sinceridade a veneram, a cultuam, como a falavam aqueles que vieram da Mitologia para as páginas das odes, das églogas, das epopéias. E, enquanto os representantes do, também cada vez mais justamente, denominado Sexo Feio se desmandam, em tão grande número, à procura de uma liberdade que, em vez de os enobrecer, os degrada, vão elas alimentando a pura chama, o fogo sagrado da Arte.

A autora do presente livro escapou, como muitas outras têm fugido, à corrente rebelde, frenética de aspiração inovadora e que tão pouco, até hoje, deu em conceitos ou formas realmente fora do comum. Os seus versos sentimentais em geral se revestem de graça e esmero. Vejamos o lindo soneto "Suavemente":

Quando fores, amor, já bem velhinho
e eu estiver então no teu passado,
não creias nunca que estarás sozinho
porque estarei, amor, sempre ao teu lado.

Quando leres meus versos, consternado,
revolvendo o passado de-mansinho,
hás-de lembrar, por certo, contristado,
o nosso amor, o nosso antigo ninho.

E há-de ver, como outrora, o meu carinho,
a minha singular simplicidade...
Se te sentires só, amor, então

tu poderás volver ao meu caminho,
que nele há-de encontrar muita saudade
e versos espalhados pelo chão...

INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO

Sistema de lições por
VICTOR JOSÉ LIMA

Edição do autor
Rio de Janeiro
1948

Organizado como está, o presente livro deve tornar a conversação em inglês relativamente fácil para aqueles mesmos que do idioma não tenham noção alguma. Para isso começou o sr. Victor José Lima o seu trabalho consultando e confrontando várias autoridades na matéria, como meio de colher os elementos mais preciosos para o fim que tinha em vista. Assim, antes de começar a dar as suas lições, foi aprender as de outros mestres e especialistas, escolhendo naturalmente aqueles cujos ensinamentos melhor se adaptavam ao seu caso. Ficou sabendo bem o que era o "inglês básico", indicação geral, sintetizada, do que é necessário para falar e escrever, se não como o sr. Winston Churchill ou o sr. Bernard Shaw, pelo menos não pior do que a maioria dos súditos de S. M. Jorge VI. E, está visto, a fluência, a desenvoltura no escrever como no falar depois virá, com o próprio exercício, desde que se tenha o verdadeiro desejo, a vontade firme e forte de aprender. O processo da pronúncia figurada que, considerado de repente, parece uma fantasia burlesca e sem eficiência, depois passa a convencer, impondo o seu prestígio. Qualquer pessoa terá, pelo menos, a curiosidade de experimentar. E, como primeira impressão, é quanto basta.

O livro está dividido em três partes: Terminologia geral, Terminologia especializada e Gramática, com sub-títulos numerosos; e há uma quarta parte, com dois sub-títulos: Frases práticas e Tradução das frases práticas.

A NUVEM DE FOGO

Páginas de poesia, de
ANTONIO SOARES MORAES

Edições Literatura
Rio de Janeiro
1948

Páginas de poesia, a maior parte das quais em prosa. Não lhes falta certamente inspiração nem arte. Não raro nos oferecem belas concepções, imagens brilhantes, coisas daquelas que o profano qualifica de "felizes". Simplesmente não parece razoável que, só pelo fato de serem as linhas fragmentadas em tamanhos diversos, sem regra que se note, arbitrariamente, passemos a considerá-las versos. Há versos brancos e versos livres, mas sempre mantendo alguma obediência à técnica da matéria. Desde que nenhuma lei ou regra do verso subsiste, não existem versos, embora haja espírito e sentimento. Parece claro, isto. E eis o que se verifica em quase todo o presente volume.

O sr. Santos Moraes possui o dom, bem orientado e bem cultivado, da evocação. De vez em quando nos surgem aqui, por entre aspectos e emoções de inconfundível atualidade, quadros de um passado distante, reconstituídos, redivivos. Assim, na peça intitulada "A volta de Sabará" se refletem, diríamos, todas as impressões que dali se podem trazer. Análogo efeito nos produzem na sensibilidade "Armário antigo" e "Canção do velho prédio". E doutro tipo, mas também de comunicativa expressão, é "O vento na praia":

Vento, vento, quem te ensinou
Essa cantiga que cantas na praia
Batendo na areia e no mar?

Não sei se a poesia vem da noite ou do oceano
E essa cantiga quem sabe de onde sai?
Sei que trazes de longe e levás longe
Onde não existem ódios e clamores
Essa alegria de cantar na praia
Batendo na areia e no mar.
Mas eu queria saber como tu cantas
Nos campos silenciosos de outras terras
Tocando nos cadáveres gelados de homens mortos
Esvoaçando nos cabelos sem vida tocados de sangue,
Acariciando com ternura as crianças sem rumo,
As mulheres desesperadas, sem abrigo e sem destino.

Vento do oceano, quem foi
Que te ensinou a cantar
Batendo na areia e no mar?

mo está,
ro deve
ação em
ente fá-
mesmos
não te-
alguma.
ou o sr.
a o seu
tando e
rias au-
matéria,
preciosos
antes de
nder as
do natu-
elhor se
m o que
tetizada,
se não
Bernard
oria dos
a fluên-
falar de-
que se
e forte
ada que,
sia bur-
onvencer,
oa terá,
E, como

Termino-
Gramá-
a quarta
s e Tra-

poesia, a
as quais
lhes fal-
inspira-
Não raro
elas con-
ns bri-
daquelas
qualifica
Simples-
ce razão-
o fato de
os diver-
te, passe-
rancos e
uma obe-
nenhuma
n versos,
ce claro,
do o pre-

em orien-
vez em
spectos e
adros de
redivivos.
abará" se
que dali
produzem
anção do
mbém de
raia":

oceano

ns mortos
de sangue,
rumo,
m destino.



Nas Escolas Rurais os alunos não somente aprendem a ler, mas a plantar e a cultivar a terra. Ai estão eles em íntimo contacto com a vida campestre — os futuros lavradores cariocas — beneficiando-se de uma das mais úteis realizações da atual administração da Capital da República

"É ASSIM QUE SE CONTA A HISTÓRIA DE UMA ADMINISTRAÇÃO"

ONDE NÃO ENTRA A POLÍTICA E SÓ O TRABALHO INTERESSA ★ REFORMAS E MELHORAMENTOS POR QUE PASSA O RIO ★ ATIVIDADE SADIA EM PROL DA CIDADE MARAVILHOSA ★ ÁGUA, TUNEIS, ESCOLAS RURAIS E OUTRAS GRANDES COISAS ★ O ATUAL PREFEITO APRESENTA, REALMENTE, BOM ACERVO DE REALIZAÇÕES

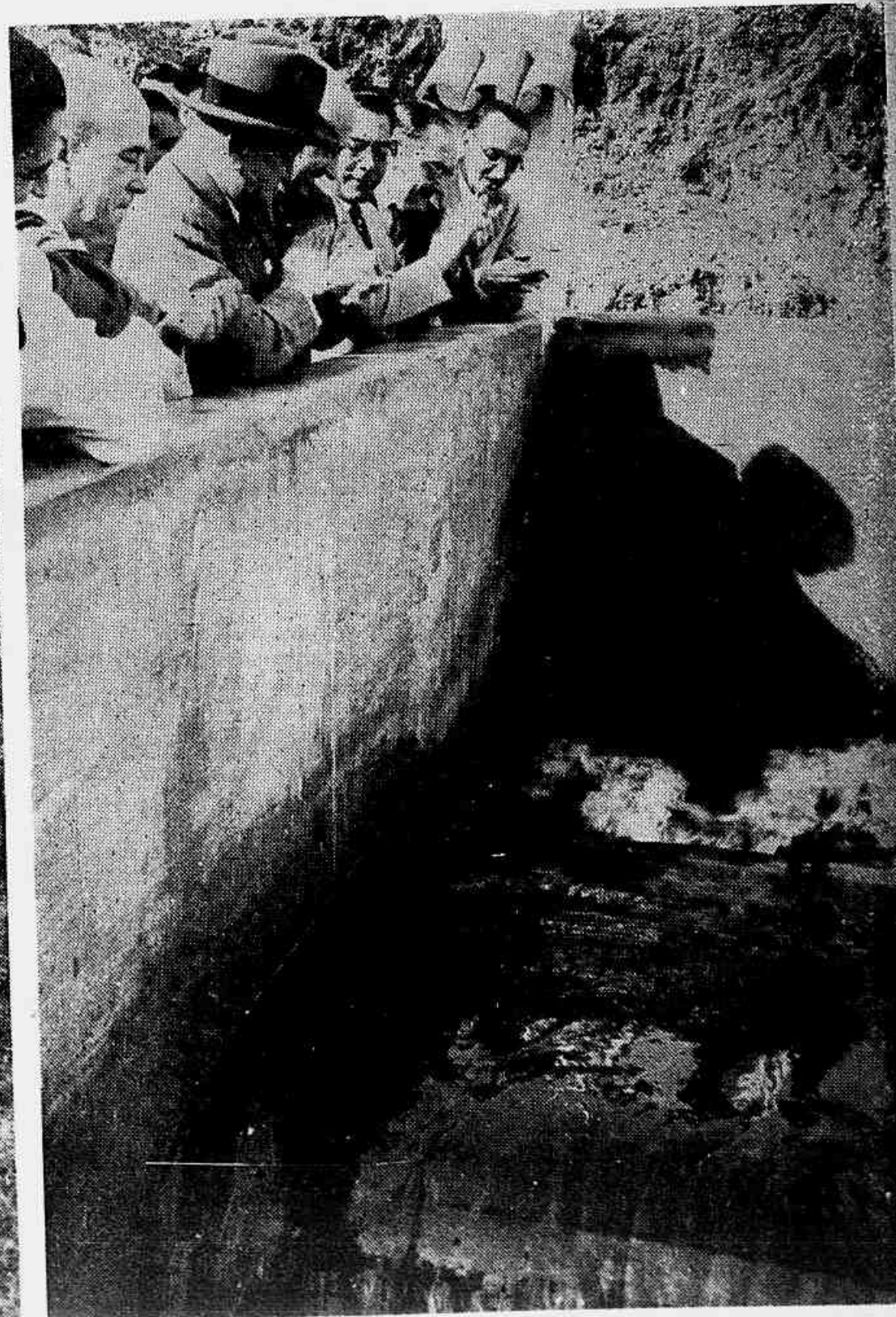
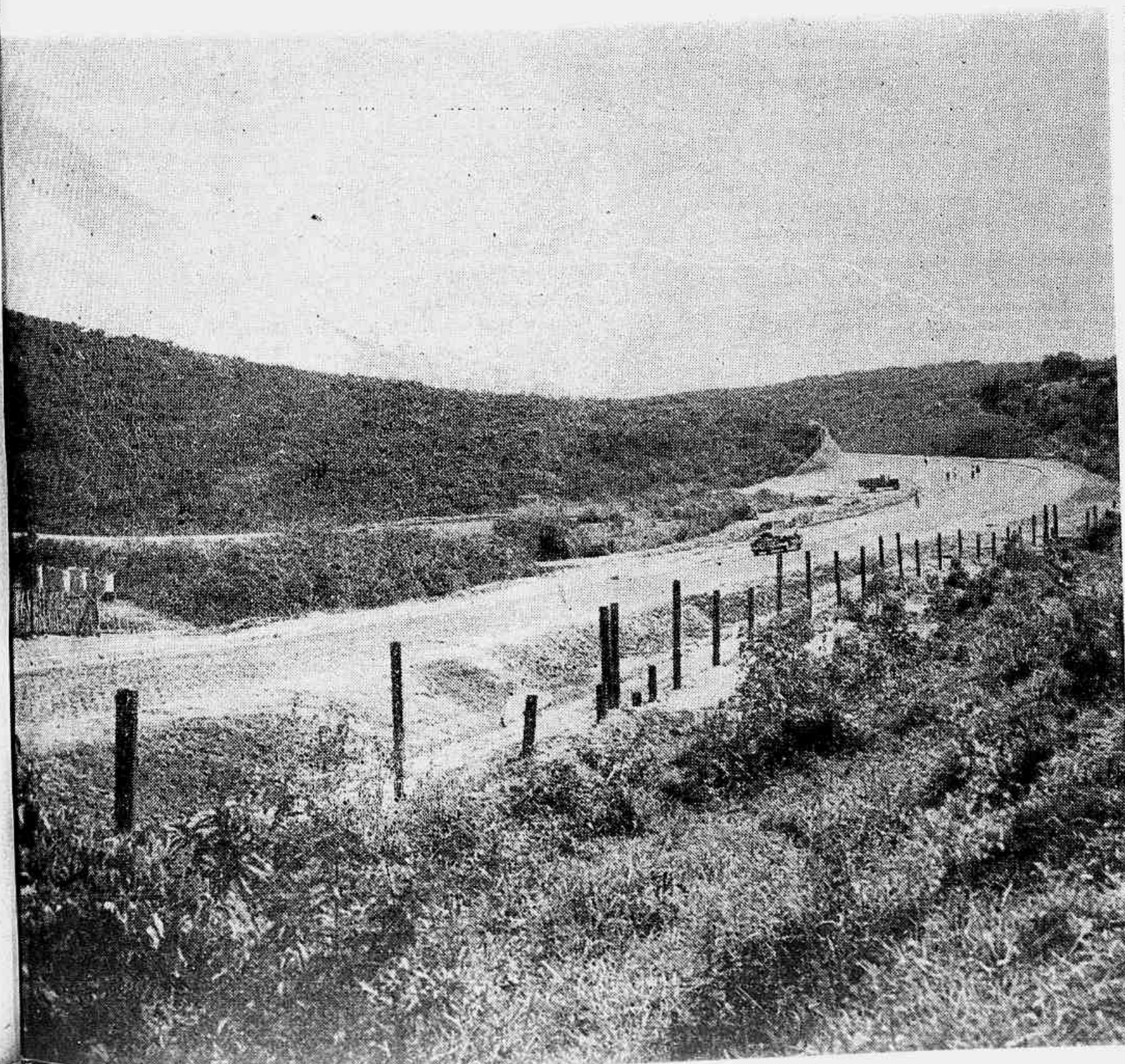
Reportagem de ADALBERTO MENDES

O título desta reportagem não é nosso. Tiramo-lo de um final de palestra radiofônica do prefeito Mendes de Moraes. Fazendo um relato das suas atividades, o governador do maior município brasileiro concluía com aquelas palavras,

depois de mencionar um número bem elevado de serviços utilíssimos, há tanto reclamados pela população. E se assim propalou o prefeito, logo a seguir eram inauguradas diversas obras, outros melhoramentos eram mostrados em execução e

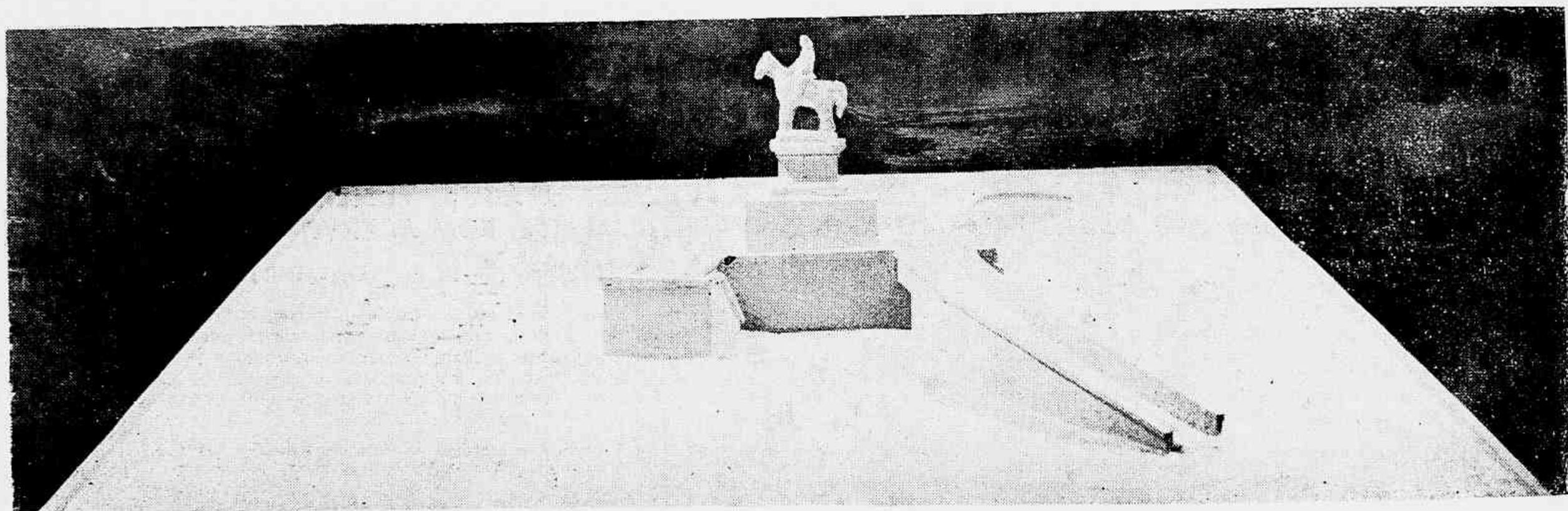
ainda outros tinham começo, lastreando, por assim dizer, s.s. as suas afirmativas com um acervo de boas realizações, cujo valor não é possível ocultar. Esta reportagem vai mostrá-las ao povo carioca, esperançado, pelo visto, de que as suas aspirações

EM BAIXO: Duas obras agora inauguradas: a Estrada Tasso Fragoso (à esquerda), ligando Deodoro a Nova Iguaçu, e a segunda adutora de Ribeirão das Lages, que vem de proporcionar mais 220 milhões de metros cúbicos de água à cidade. A inauguração deste melhoramento, como a do primeiro, foi feita pelo sr. presidente da República, acompanhado do prefeito Mendes de Moraes





Perspectiva do futuro Estádio Municipal, que está sendo edificado nos terrenos do antigo Derby Club. Essa grandiosa obra, com a qual o Rio de Janeiro terá a maior praça de esportes da América do Sul, é um audacioso empreendimento da prefeitura Mendes de Moraes, espetacular mesmo, se se levar em conta as imensas dificuldades de ordem material que terão de ser removidas. Apesar de tudo, lá estão, para quem as quiser ver, surgindo com rapidez pasmosa, as primeiras arquibancadas do monumental anfiteatro



"Maquette" do Panteon Militar, que a Prefeitura está levantando em frente ao Ministério da Guerra, na Praça da República, e onde serão guardados, para o culto e a veneração dos brasileiros, os restos mortais dos nossos heróis. A estátua que encima o monumento é a do Duque de Caxias, patrono do Exército, recentemente trasladada do bairro do Catete para aquele logradouro

continuarão a ser atendidas, pois muito ainda há que fazer.

Neste momento, serviços de gritante urgência estão sendo atacados pela Prefeitura, outros já se encontram terminados. Há reboição por toda parte,

perfura-se túneis aqui e ali, alargam-se ruas, criam-se escolas adaptadas ao meio e às condições de vida das populações, surgem estradas, dá-se amparo e estímulo à lavoura, constroem-se novos hospitais e melhora-se o aparelhamento da saúde pública,

o ensino é ampliado mediante a construção de novas escolas, há movimento, enfim, em todos os ângulos da administração. Isto todos podem sentir, e embora haja quem discorde do prefeito, como existe os que o aplaudem, a verdade é uma

EM BAIXO: Mais dois aspectos das obras recém-inauguradas da segunda adutora de Ribeirão das Lajes, que representam sensível reforço para o abastecimento d'água da cidade. Essas obras foram executadas no tempo "record" de onze meses

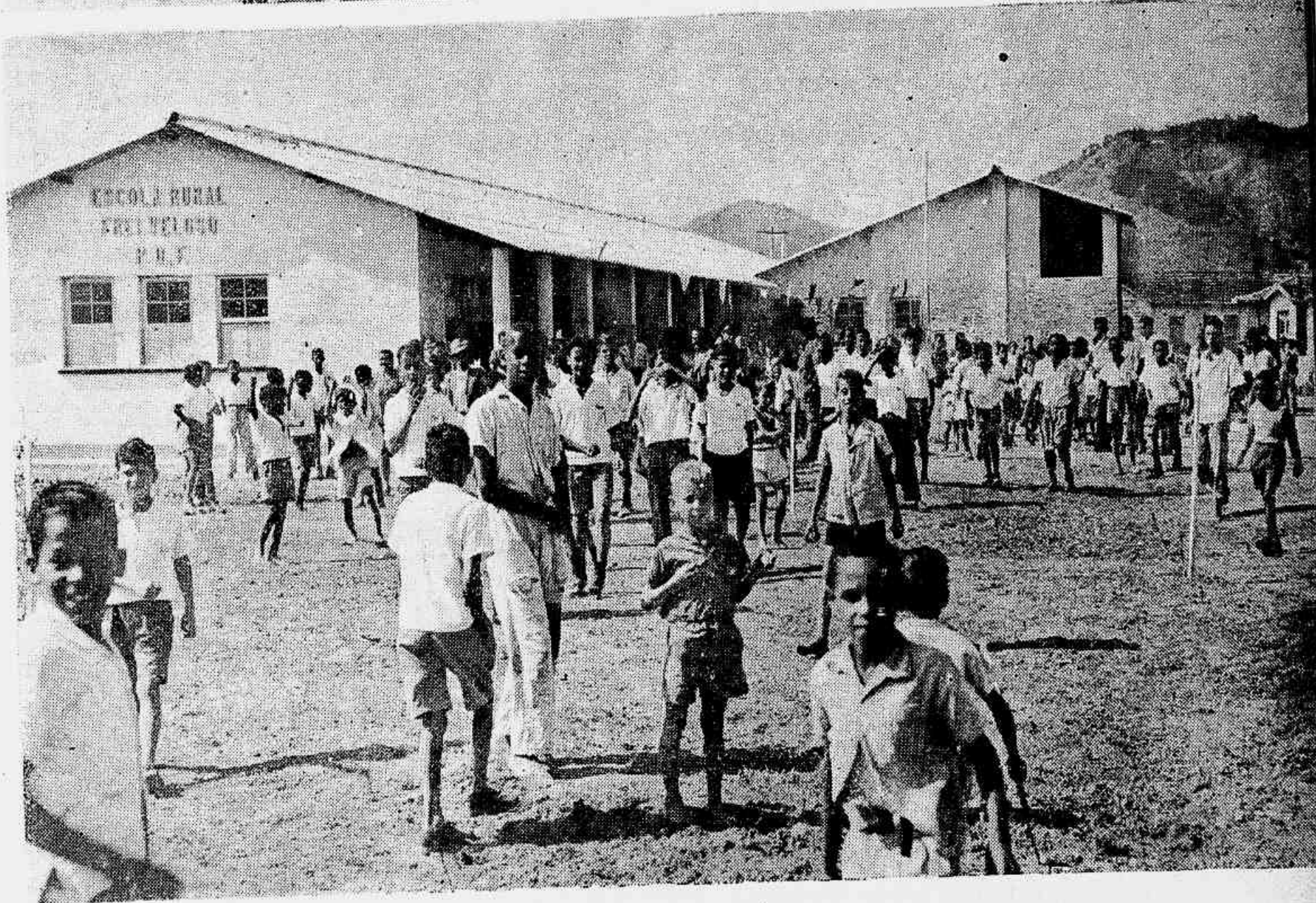
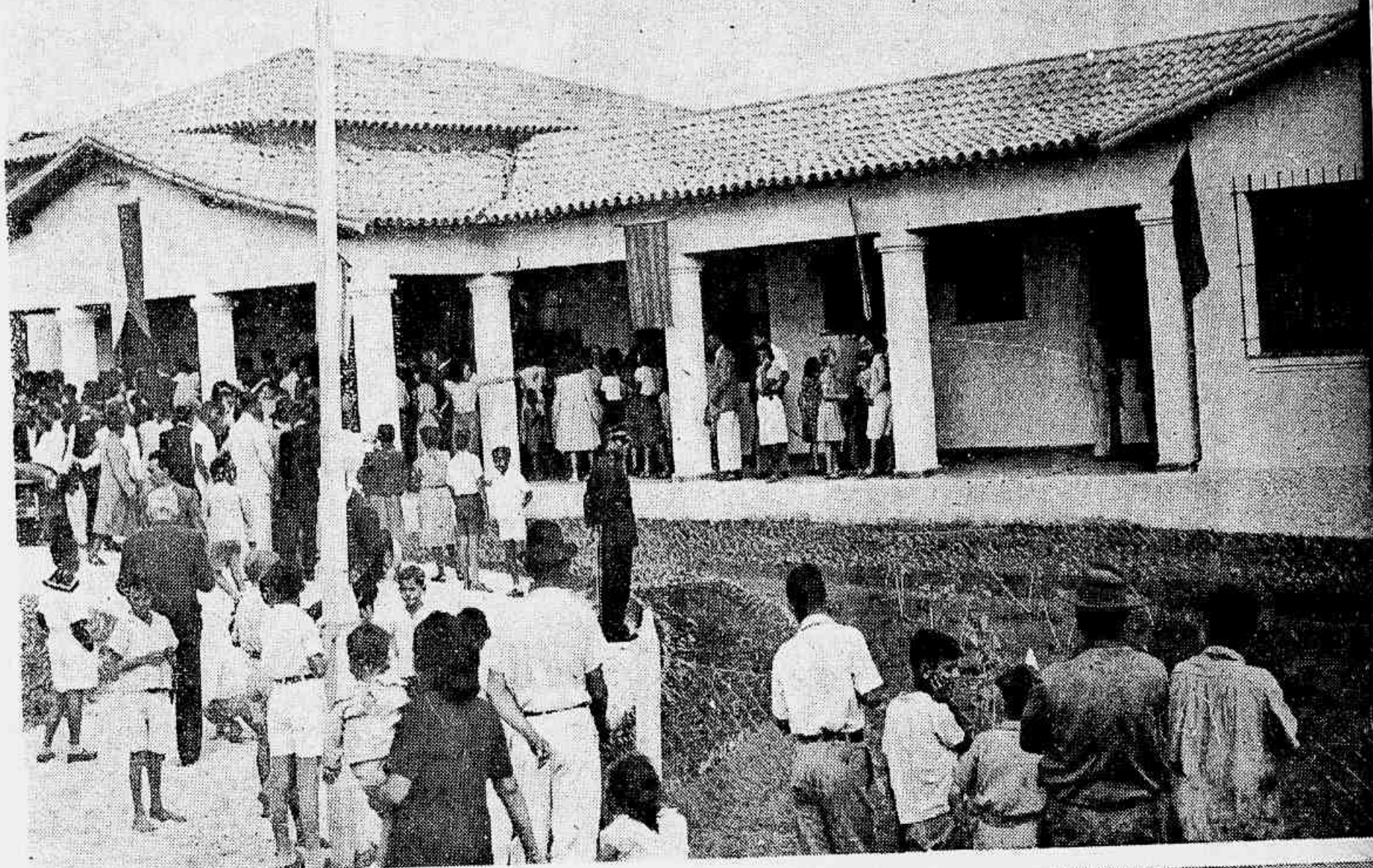


só. Revela-se pelos fatos concretos. São estes fatos que aqui descrevemos, ilustrados pela fotografia, sem outra preocupação que a de informar.

Des serviços ultimamente inaugurados ressaltam em importância a 2ª Adutora de Ribeirão das Lajes, representando um reforço de 220 milhões de litros diários ao abastecimento de água à cidade. Essa obra foi realizada em apenas 11 meses de trabalhos, um grande esforço e competência das repartições especializadas da municipalidade, como se vê.

O sistema de túneis da cidade encontra-se em plena execução. Estes serviços, de capital importância para a rede de comunicações do Rio de Janeiro, edificada entre montanhas, separadas assim por obstáculos naturais as suas diversas zonas e bairros, tomou impulso definitivo na atual gestão. O túnel do Pasmado, entre Botafogo e Copacabana, já foi inteiramente perfurado, e, juntamente com o do Leme em fase de alargamento, será oferecido ao tráfego em março próximo. O de Catumbi a Laranjeiras está sendo atacado pelas extremidades. O do Rio Comprido, alargado de 4 metros, e completado pelo novo calçamento da rua Alice, será outra realidade. Ao todo, estão projetados oito túneis, achando-se em obras quatro deles. Ao mesmo tempo novas vias de comunicação vão surgindo, como essa magnífica estrada Tasso Fragoso, agora entregue ao povo. Transforma-se, destarte, a fisionomia da Capital da República, e dia a dia vão aparecendo os benefícios que uma boa orientação administrativa está proporcionando à metrópole.

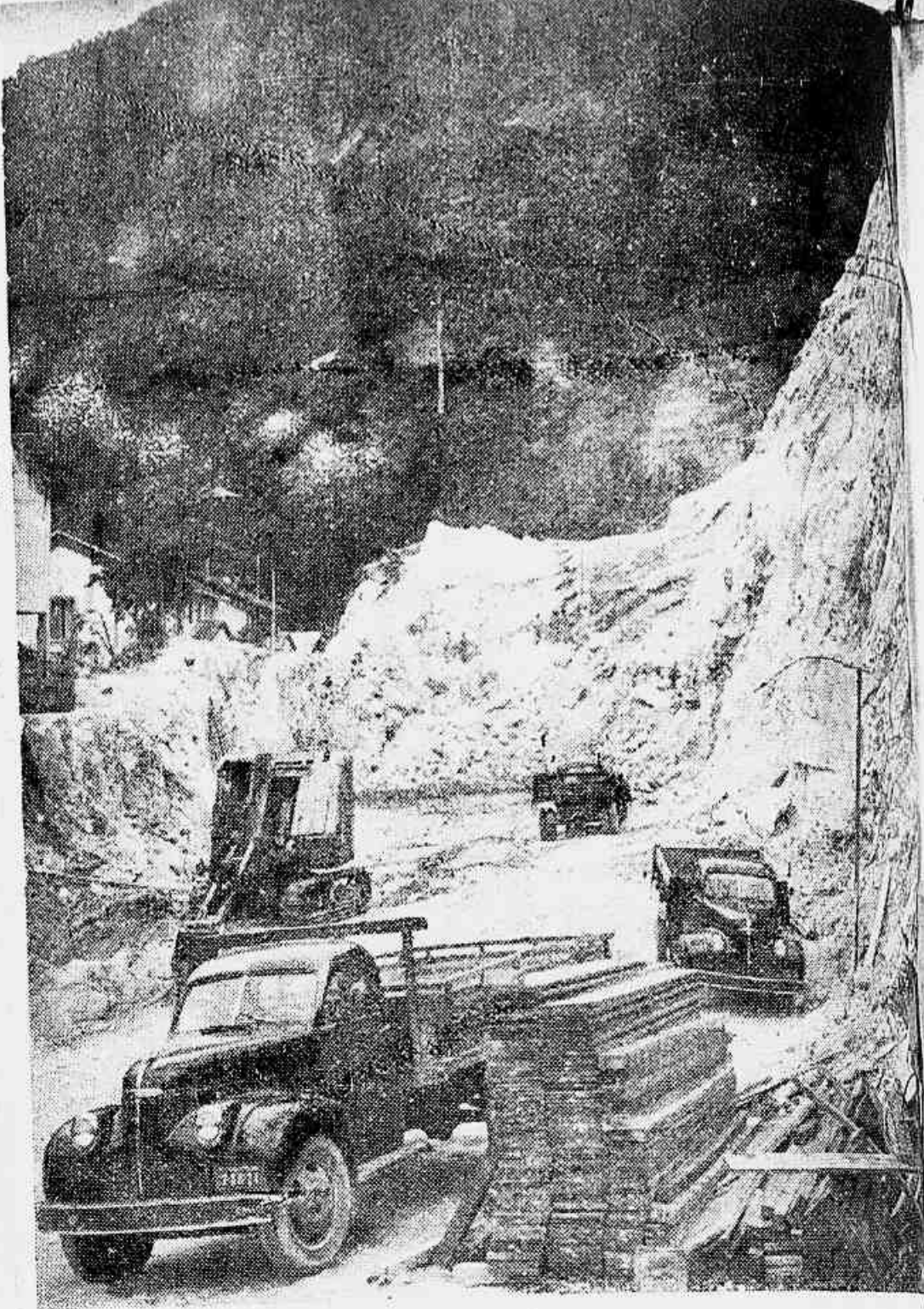
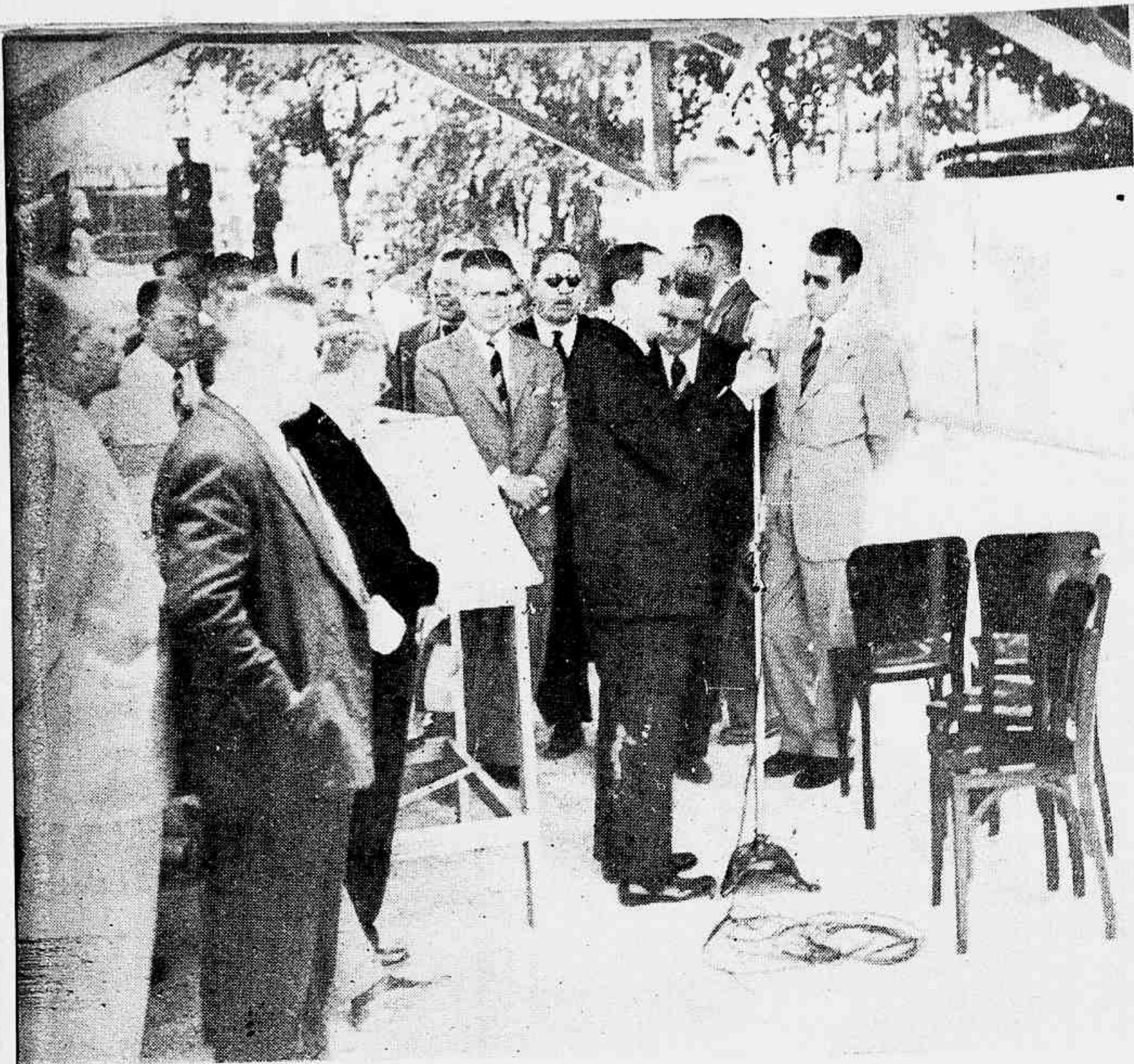
Agora queremos falar de uma inovação introduzida no ensino primário do Distrito: as Escolas Rurais. Este assunto merece um capítulo à parte, ou melhor, uma reportagem própria. Nas aberturas de espaço de uma crônica versando sobre tantas coisas ao mesmo tempo, tentaremos dar-lhe o realce que a sua enorme importância requer. Retiro inicialmente, de um relatório que me foi dado compulsar na Secretaria Geral de Educação, as seguintes palavras: "As escolas tipicamente rurais, organizadas e instaladas na atual administração, muitas das quais já inauguradas no ano corrente, ministrarão ensino primário e se constituirão em centros de irradiação de educação e trabalho para a população a que sirvam. Elas não se limitam a dar o ensino de nível primário, mas procurarão atender, primordialmente, aos objetivos de saúde, de bem-estar, de trabalho útil, de cultura e de novos ideais de vida. Funcionarão como pequenas granjas, ensinarão praticamente o valor da terra e o seu aproveitamento racional, estimulando no aluno a criação de hábitos de trabalho, de iniciativa e de cooperativismo". Eis aí uma grande criação, cujo valor somente se poderá aferir na medida dos próprios resultados que o seu aparecimento proporcionará às crianças dos nossos centros rurais, postas em intimo contacto com o meio onde nas-



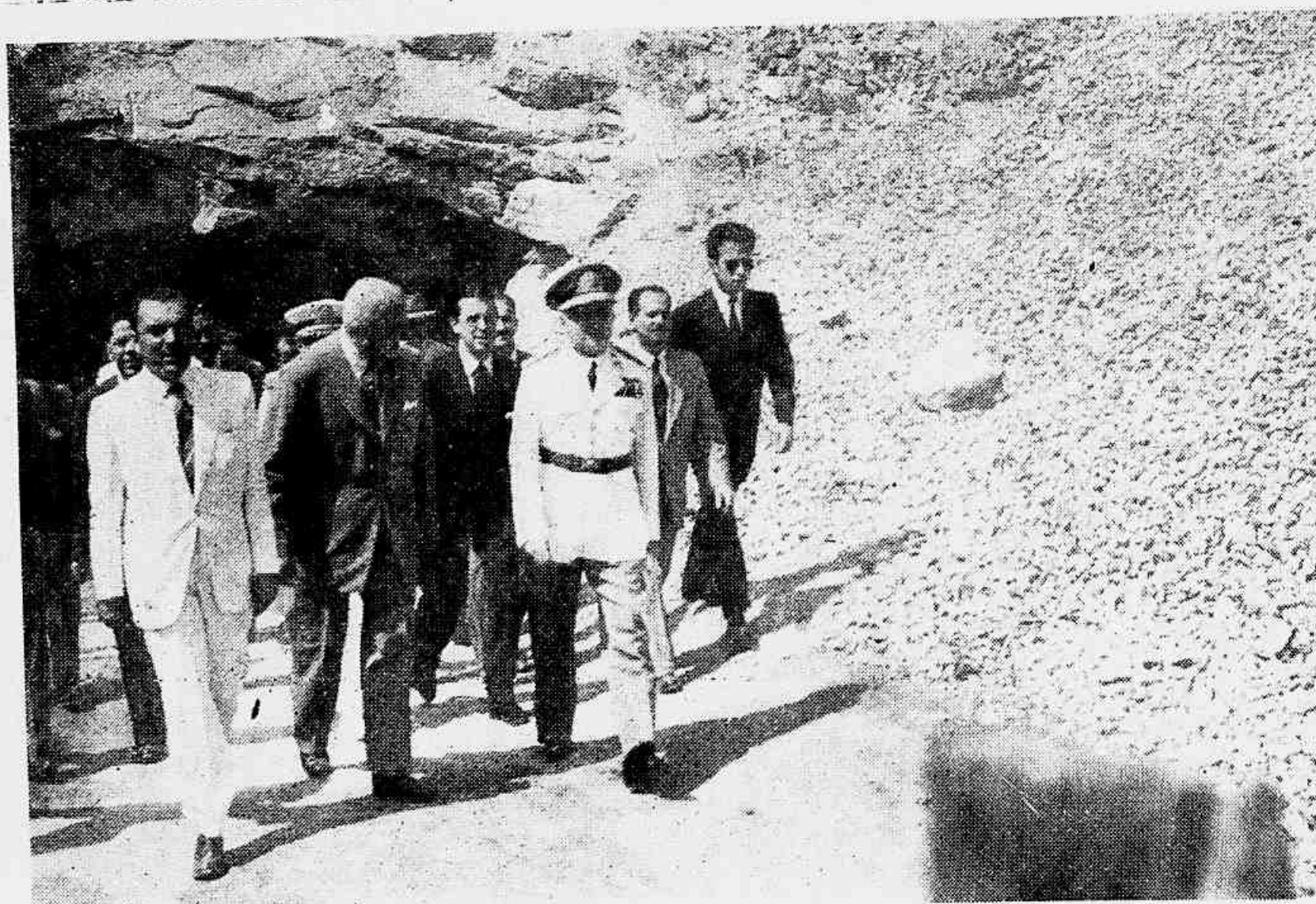
As fotografias acima mostram duas Escolas Rurais, inauguradas no último mês. Várias dessas Escolas já estão em pleno funcionamento no sertão carioca, e ainda outras se encontram em fase de construção, de acordo com o plano que as criou, idealizado e posto em execução pelo atual prefeito

EM BAIXO: A Temporada Lirica deste ano foi coroada do mais completo êxito. O nosso Teatro Municipal reviveu seus melhores dias, e isso se deve aos cuidados que a administração municipal dispensou à estação da ópera. Aqui estampamos dois flagrantes em que aparece o general Mendes de Moraes entre elementos da nossa sociedade e artistas da cena lírica, tirados em uma noite de gala naquela tradicional casa de espetáculos





O plano hospitalar da Prefeitura prossegue sem interrupção. A foto à esquerda mostra a cerimônia de lançamento da pedra fundamental do Hospital de Isolamento, a ser levantado em Manguinhos, para 450 leitos. No momento está com a palavra o professor Samuel Libânio, titular da Secretaria de Saúde e Assistência do Distrito. A DIREITA: O nosso sistema de túneis tomou rumo definitivo. Está sendo atacado o de Catumby a Laranjeiras e o do Pasmado está quase concluído. A fotografia mostra um aspecto das obras do primeiro



ceram e onde crescem, aprendendo a amar o solo, tendo no cultivo da terra e no manejo dos instrumentos agrários, de par com os livros e com a pena, a exata compreensão da vida do campo em que viram a luz do dia. Vejam os leitores, na fotografia que encabeça esta reportagem, a beleza e o esplendor dessa jóia com que foi enriquecido o ensino primário da nossa cidade — as Escolas Rurais, já funcionando em D. Clara, Mendanha, Senador Camará, Cosmos, Santíssimo, Realengo, Magalhães Bastos, Senador Vasconcelos, Vila Valqueire e Sepetiba. Seis outras acham-se em fase de construção e ainda sete serão iniciadas. E que venham mais. Realizações dessa natureza, de tão amplo horizonte, não podem nem devem parar.

Já no final deste trabalho, não queremos fechá-lo sem nos referirmos ao Estádio Municipal em construção nos terrenos do antigo Derby Club. Não sabemos de outro empreendimento que possa de melhor forma retratar a vontade de realizar de um administrador, a firme determinação de fazer uma coisa por todos considerada quase impossível. O Estádio Municipal está começando a surgir. Apontam rumo ao alto os primeiros lances das suas monumentais instalações. Um exército de técnicos e operários empenha-se na tarefa gigantesca de dar à Capital do País um anfiteatro digno das maiores cidades do mundo. Uma vez concluído, nele veremos desfilar os mais credenciados representantes dos povos da terra, empenhados em mostrar o vigor das raças através de memoráveis competições olímpicas. O general-prefeito resolveu marcar a sua governança com uma legenda espetacular. Conseguiu-o, com a construção, que marcha a largos passos, desse grandioso Templo dos Esportes — o Estádio Municipal do Rio de Janeiro. E o conseguiu mesmo que não venha a concluí-lo. Somente com a coragem de havê-lo começado.

A história de uma administração, de qualquer administração de serviços públicos, é sempre bem contada quando se pode, como aqui, ilustrá-la com a prova irretorquível dos fatos. Que os fados ajudem ao nosso atual prefeito a prolongar as suas narrativas. Motivos não lhe hão de escassear. Este Rio, grande e tortuoso, é um manancial inesgotável de problemas a desafiar a argúcia e a vontade de quem queira por ele trabalhar.

A ESQUERDA: A primeira fotografia mostra o instante exato em que acabava de ser atravessado o túnel do Pasmado, pelo presidente Eurico Dutra e pelo prefeito Angelo Mendes de Moraes, há dias, quando terminaram os trabalhos de perfuração. Em março de 1949 deverá estar entregue ao tráfego essa passagem subterrânea ligando Botafogo a Copacabana. Na gravura de baixo, podemos apreciar o aspecto atual das obras da Estrada Barão de Petrópolis

Era após
região de su
se para a
tualetas de
graves e b
Estavam
dois elevad
estava func
estavam m
das. Que
Súbito, u
ao solo. C
rou-se aos
ali dentro
bém que
— Meu
to! Quem
— Onde
— Haver
ceiro.
Estabele
quando ap
afastem-se
favor! E
Era Geor
bava de
acompanh
quinas. B
gravata d
gelo, fort
tombado
— Deus
isso?...
sando com
Aparece
fazer, des
porém, u
útil às e
então pa
que se r
estando
goas for
para um
O gere
presentes
aquela g
Mas um
— Po
dentro o
Com e
alarma
salta o
res, em
O Insp
peitavel
Nem to
Alguns
News".
homem
estivess
tranha
aquele
contra
cabelos
diz lace
— Ti
há imp
O po
— E
— E f
por ter
— A
com a
sas en
Depo
Estava
a mão
— O
— P
sua fr
Loge
que o
Black
rapida
se con
cruzad
— I
tão o
ficuld
depois
com
garag
— I
pesso
press
ou p
vador
dar
volta
—
o pa
dar.
talag
inter
e eu

Era após o teatro. Uma multidão de gente saía em direção de suas casas. Os que possuíam carros, dirigiam-se para a garagem Moxtey, a fim de tomá-los. Luxuosas tualetes de senhoras se exibiam, ao lado de cavalheiros graves e bem vestidos a rigor.

Estavam diversas pessoas a pressionar o botão dos dois elevadores da garagem, quando notaram que algo estava funcionando mal num deles. Alguns homens já estavam meio impacientes. As senhoras algo preocupadas. Que se passaria?

Súbito, um dos elevadores, o de número dois, chegou ao solo. Com surpresa geral, ao abrir-se a porta, depa-rou-se aos espectadores esta cena alarmante: estava caído ali dentro um senhor muito bem vestido, parecendo também que saíra do teatro.

— Meu Deus! — gritou um dos homens. — Está morto! Quem poderá, por obséquio, chamar um policial?

— Onde está o gerente? — Disse outro.

— Haverá algum médico aqui? — Lembrou um terceiro.

Estabeleceu-se, por momentos, grande confusão. Foi quando apareceu a figura de corpulento senhor a gritar: afastem-se! Afastem-se e se conservem à distância, por favor! E foi abrindo passagem por entre os curiosos. Era George Black, gerente do estabelecimento que acabava de descer no outro elevador, o de número um, acompanhado de um mecânico que examinava as máquinas. Black trajava uniforme de trabalho e usava uma gravata da R. A. F. Era homem corpulento, olhar enérgico, forte como um policial londrino. Ao ver o corpo tombado no elevador, exclamou horrorizado:

— Deus do Céu! É Mr. Moxtey! Como teria sucedido isso?... Não faz ainda cinco minutos que estive conversando com ele!

Apareceu um médico; mas, anunciou que nada poderia fazer, desejando antes de tudo ir para sua casa. Deixou porém, um cartão. Estaria às ordens se sua pessoa fosse útil às circunstâncias. Três ou quatro policiais abriram então passagem para o local do ocorrido. Ordenaram que se retirassem e se servissem da rampa da garagem, estando interditos os elevadores. Assim, carros e pessoas foram deixando o edifício pela rampa que dava para uma saída para a rua.

O gerente Black sugeriu que não se deixasse sair os presentes. Mas, ao mesmo tempo reconheceu nada tinha naquela gente com o fato. Era embarçosa a situação. Mas um dos policiais decidiu o caminho a seguir:

— Pode deixá-los ir embora. O Inspetor estará aqui dentro de um minuto.

Com efeito, em menos de dez minutos após o primeiro alarma dirigido à polícia técnica, chega um carro e dele salta o Inspetor acompanhado por um grupo de auxiliares, em número de seis.

O Inspetor Hodges era outro homem robusto, com respeitável verruga no nariz. Assume a direção do caso. Nem todos os circunstantes haviam deixado a garagem. Alguns ficaram, e, dentre eles, o repórter do "Central News". O Inspetor ouviu alguns dados sobre a vida do homem caído e murmurou coisas imperceptíveis, como se estivesse a falar sozinho ou a grunhir como um cão que estranha as pessoas. Olha o corpo, sua expressão com aquele rosto distorcido pela queda e posição com a face contra o pavimento do elevador; examina-lhe os ruivos cabelos já grisalhos onde havia manchas de sangue, e diz laconicamente:

— Tirem fotos em geral. Também de cima. Vejam se há impressões nos botões de movimento do elevador.

O policial que chegara primeiro deu um palpite:

— E ver se ele foi abatido a golpes de chave inglesa.

— E ficou a olhar o Inspetor como quem se julga feliz por ter descoberto pista decisiva.

— Acha que isto é possível? — Perguntou o Inspetor com acento selvagem. — Há, certamente, chaves inglesas em algum lugar.

Depois desse introito, o Inspetor olhou para o policial. Estava encabulado e sorriu amarelo. Hodges tocou com a mão no braço de George Black e lhe disse:

— Onde poderemos conversar tranquilamente?

— Podemos ir ao escritório. Respondeu e seguiu à sua frente.

Logo que chegaram, o gerente lhe ofereceu um cigarro, que o Inspetor dispensou, sentando-se numa cadeira. Black acende um, e, puxando forte baforada, começa rapidamente a contar o que lhe vinha à mente; sentara-se com as costas voltadas para a parede, com as pernas cruzadas.

— Parece que ele foi golpeado no último andar e então o assassino, — e o gerente como que sentiu certa dificuldade de pronunciar este nome — então o assassino depois do crime, fechou a porta do elevador... Então, com os constantes chamados do pessoal que estava na garagem, o elevador desceu.

— É provável, disse o Inspetor. Mas é possível a uma pessoa introduzir a mão pelas grades da porta fechada, pressionar o botão e movimentar o elevador para baixo ou para cima. Veremos se há sinais nos botões do elevador. É provável que haja, mas isso não nos vai ajudar muito. Quando o viu pela última vez? — Perguntou voltando a cabeça para o local da caixa.

— Não mais de cinco minutos antes do fato. Ele era o patrão; eu sou o gerente. Estávamos no segundo andar. Estive a expor-lhe a necessidade de mais uma instalação para escoamento dos carros no momento mais intenso. Há uma plataforma giratória no quarto andar, e eu lhe pedi que subisse até lá e verificasse a neces-



Novela de W. COOPER WILSON ★ Tradução de RENATO DE ALENCAR

dade de colocarmos mais uma. Ele tomou o elevador e subiu. Foi a última vez que o vi.

— Curioso momento para discutir, à noite, essas alterações, não é?

— Não é bem assim. Meu desejo era que ele mesmo visse como a situação era apertada aqui depois dos espetáculos. Meu Deus! Custo a crer tenha ele morrido. É incrível!

O Inspetor deu uma olhadela para o alto, através de suas sobrancelhas espessas e depois olhou para Black.

— Isto vai dar dor de cabeça, Mr. Black. Vai ser duro. Parece até divertido que, no meio de tanta gente a subir e a descer, a entrar e a sair, ninguém o tenha visto. Percebe o que quero dizer? Descobrir a arma, que o vitimou é o mesmo que procurar determinada e especial pedrinha numa praia. Fosse com chave de fenda, ou inglesa, barra de ferro, martelo, tudo isso se torna difícil de precisar. Deve haver uma impressão digital no elevador; mas, são milhares de marcas contra uma. Só existe uma circunstância esperançosa, nesse caso.

— Qual é?

— Descubra quem poderia ter inveja, ciúme, despeito, ódio contra ele. Deve haver mais de uma pessoa em tais condições. Veja se descobre indícios esta noite. Ouviu? Irei utilizar este caminho. Agora me diga: que pensa, o senhor mesmo, de Moxtey? Ele foi seu chefe. Era também seu amigo?

— Sempre foi um excelente amigo para mim. — Disse Black com voz sumida. — Foi ele quem me arranhou emprego, confiando-me serviços no seu iate, tendo-me incumbido de cuidar dos motores. Naquela ocasião eu o salvei num acidente a bordo. Ele foi grato. Mais tarde me entregou a gerência deste estabelecimento, nomeando-me seu administrador de confiança. Agora não sei o que irá acontecer, se alguém comprar esta garagem. Se pudesse, a compraria para mim.

— Não vê que isso agora não resolve? O senhor deu desenvolvimento ao negócio. Agora preste atenção e procure entender-me. É necessário saber em quem despertaria inveja. Desconfia de alguém?

— Não. Sem dúvida ele tinha muitos interesses. Era um dos homens mais admirados da cidade. Certamente muitos se queixavam dele: procurarei coordenar meus pensamentos.

— Bem, disse o Inspetor. Por minha vez tratarei do assunto. Verifique as listas de clientes, os martelos e chaves inglesas, dê balanço em tudo. Além disso, lembre-se desta pequena coisa: pessoas que costumavam ir no seu iate, que deviam olhá-lo com inveja. Sabe?

O ELEVADOR NÚMERO DOIS

— Está bem, disse Black. Vou tomar um trago e seguirei esse caminho.

★

Seis meses antes desse assassinio, George Black estava sentado na pequena sala de estar, de sua casa em Batham. Tinha os cotovelos nos joelhos e as mãos a sustentarem o queixo.

— Molly, querida; a situação é dura. Significa tudo isto que estou mesmo arrasado, tendo que recorrer a penhores amanhã. É terrível, não acha?

Sua jovem esposa sempre esteve a animá-lo durante sua vida de casados. Ela muito sentia também quando ele estava preocupado com a vida, como naquele momento. Tomou-lhe a cabeça entre as mãos e a encostou a si, afavelmente.

— Nunca julguei, George, que um emprêgo fosse assim tão difícil. Oito meses, já! Pobre George. Mas não desanime. Ponha seu coração à larga. Logo os horizontes se iluminarão.

— Não me diga!

— Digo, sim. Pela vida de Audrey, por sua saúde, não se deixe abater pelas circunstâncias.

Audrey era o rebento do casal, de seis anos de idade, de cabelos castanhos, de pele morena, queimada de sol.

— Pois que seja, Molly, respondeu Black fitando-a nos olhos. Mas, aqui para nós, que diabo farei para sair deste apêto? O mercado está cheio de competidores. Terei mesmo que botar no prego meu relógio e meu melhor terno. Mas... é um horror. E quando não tiver mais nada para empenhar? Oh!

George moveu com os braços, desesperado. E voltou irritado:

— Preciso de uma colocação! Tenho preparo. Conheço mecânica. Tenho saúde e disposição para o trabalho. Mas, a toda parte aonde vou, é aquela história de sempre...

— George, calma, disse-lhe a esposa. Recordar-se do Sr. Moxtey?

— Aquêlê sujeito a quem você me perguntou uma noite lá na cidade? Que há com ele? Em que pode interessar-nos?

— Em que? Não vê nada de possível nisso? Pode colocá-lo, se você permite...

— Nada. Talvez suas uvas estejam verdes... Enfim, diga-lhe toda a verdade. Preciso ganhar dinheiro. É possível que olhe para você muito mais agora. E eu, com ciúmes, esperarei.

Ele riu, no que foi acompanhado pela esposa. Nos seus oito anos de vida de casados, sempre juntos e unidos.

(Continua na página 50)

uma grande obra de assistência e compreensão.

E não poderia se iniciar melhor este movimento, sem que se olhasse primeiro para a criança. Sabem os cientistas, sabe o governo, já vai sabendo o povo que o primeiro ano de vida é a prova decisiva da infância. E' neste período em que o bebê, nascido de mãe mal ensinada e mal nutrida, mais próximo está de contrair enfermidades. Muito melhor, portanto, do que começar a tratar da criança, é principiar os cuidados da futura mamãe. Esta aprenderá, no Centro Social até como deve fazer o mingau do filhinho. (E junto com a receita, ganhará a maisena...) E que seu garoto precisa ser tratado, antes mesmo de nascer. Que a chupeta é uma brincadeira de mau gosto... Que as mamadeiras devem ser esterilizadas.

Aprenderá também que o seu bebê deve ser levado ao médico periodicamente, para ser examinado mesmo sem doença.

Além das aulas de puericultura, conta o Centro Social com um gabinete médico para exame de crianças enfermas. Esta sala é completamente aparelhada, com entrada independente, a fim de evitar possíveis contágios. Aí, a industriária receberá os ensinamentos referentes à doença do filho: os cuidados e precauções que deve tomar, a dieta a seguir, a higiene a observar. Tudo isso é feito por enfermeiras especializadas, numa linguagem natural e acessível.

Não se poderia, por exemplo, aconselhar uma criatura que se comprime com dez filhos numa casinha minúscula, a "iso-

Nascer para viver

Ainda bem que o brasileiro começa a sacudir a poeira de ufanismo e ver as coisas como são. Para que possuir "o maior rio do mundo", "a mais bela baía do mundo", se entre esse rio e essa baía finge que vive uma das populações "mais subnutridas do mundo"?

"A mortalidade infantil é a mais grave das causas contra o crescimento da nossa população", diz o prof. Castro Barreto.

Só podemos nos consolar de perdermos na Capital Federal 150 por mil das crianças que nascem, sabendo que na cidade de Natal a percentagem é de 353,3, em Recife atinge quase 50,00 (!) e em algumas zonas do interior de São Paulo de 300 por mil.

Realmente, em matéria de consolo, não é dos mais animadores. Não adianta animar o povo a encher o Brasil de gente, mas evitar que morra a gente que já nasceu.

EM S. CRISTÓVÃO

Em São Cristóvão, onde existem 287 fábricas, foi instalado o Centro Social N.º 1 do SESI. Ali as futuras mães encontram conselho e auxílio.

De fato, é muito mais fácil dar conselhos do que vitaminas. Que adiantaria aconselhar as mães que dêem isto e aquilo aos seus filhinhos se elas não encontram o que comprar ou não podem comprar o que encontram? No Centro Social, entretanto, a industriária encontrará o consultório médico e o gabinete

dentário, o serviço de higiene pré-natal e o leite para o seu filho.

A VIZINHA QUE "REZA"

Não se pode, de uma hora para a outra, acabar com a influência da vizinha que "reza". Ela é líder do morro, a que receita os cházinhos, para os casos simples e as benzeduras, para as complicações.

A assistente social terá primeiro que conquistar a mamãe, para convencê-la de que a reza fará efeito na pneumonia do bebê, com uma "ajudazinha" de penicilina, de 3 em 3 horas.

O CENTRO SOCIAL. UM PRINCÍPIO COM GRANDES FINS

O Centro Social de São Cristóvão é apenas o começo de



...e principalmente a
mamadeira de leite...



Que a chupeta é uma brincadeira de mau gosto...

Que as mamadeiras devem ser esterilizadas...

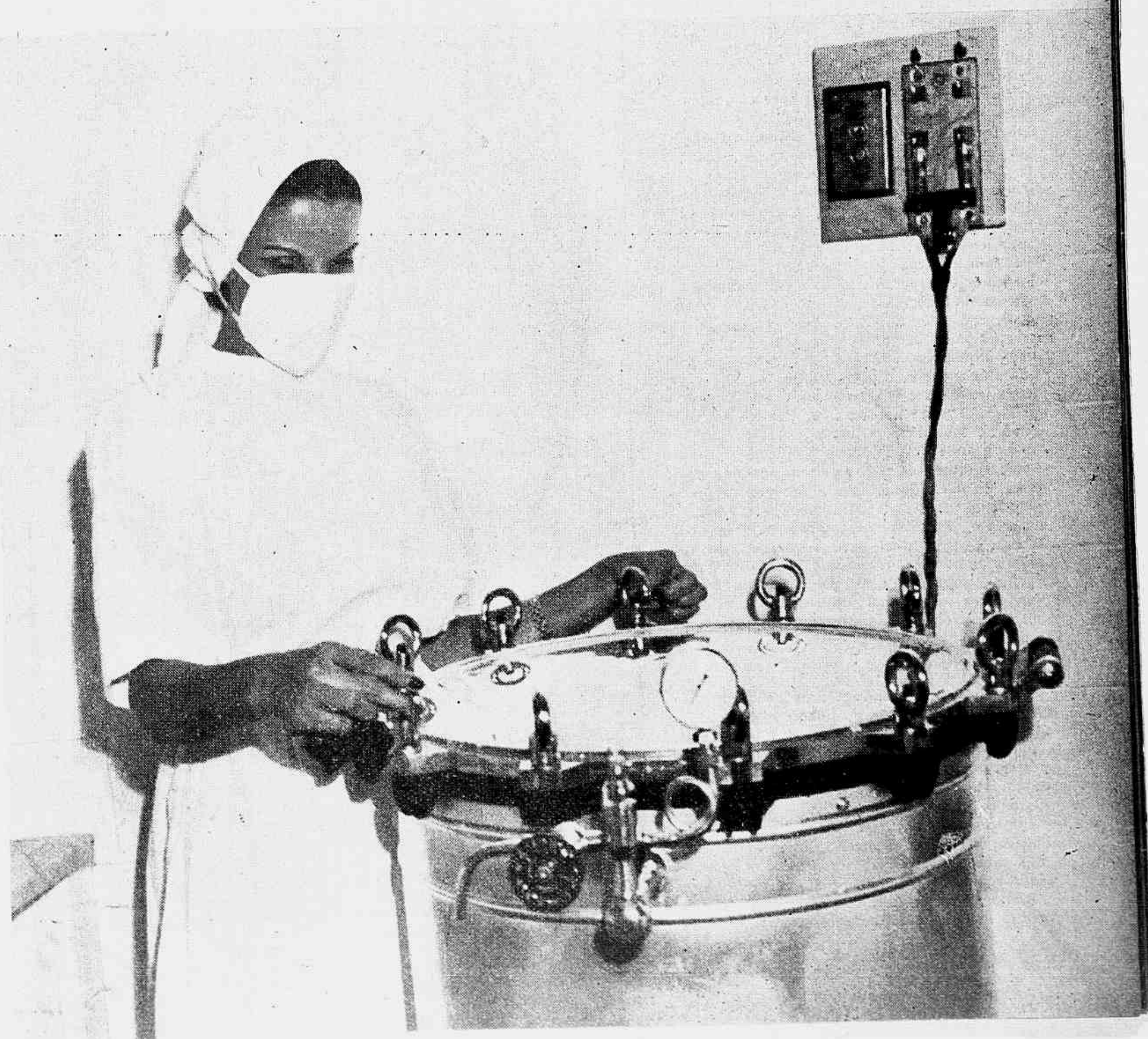
lar" o doentinho num quarto especial, higiênico e ventilado. Muita coisa, entretanto, se poderá fazer, mesmo num ambiente pobre, se fôr vencida a ignorância. Quantas crianças têm morrido no primeiro ano de vida, só porque os sintomas que apresentaram eram interpretados como sendo "dos dentes?" Esses pequeninos dentes, antes de apontar, eram considerados até por pessoas de certa cultura, como os responsáveis por tôdas as febres, insônias, falta de apetite, chôros, impaciências, dores de barriga e até dermatoses do bebê...

Muito já se tem feito a favor da infância, mas há ainda um mundo de superstições a vencer, um exército de vovós a conquistar...

E' FÁCIL ACREDITAR

Em teoria, não é difícil convencer à mãe industriária das vantagens da higiene pré-natal, dos cuidados de puericultura, dos métodos de nutrição. Mas, quando ela começa a frequentar o Centro Social e recebe o carinho das enfermeiras, a dedicação dos médicos e principalmente a mamadeira de leite para o filhinho que estava chorando de fome, a mulher se não chega a compreender, principia a "ter fé" na assistência social.

Não são os gráficos que lhe abrem os olhos, mas é o filho que lhe está pesando no braço...



DEVEMOS a Cervantes duas das narrações mais interessantes da história da literatura. A primeira destas narrativas é a vida estranha de Dom Quixote. A segunda é a vida ainda mais estranhas de Cervantes.

Tem havido uma lamentável tendência da parte dos biógrafos de Cervantes para desdenhar os aspectos mais desagradáveis da sua carreira. Todavia, não há razão para que não possamos, ao mesmo que lhe admiramos a obra, dizer a verdade sobre a sua vida. Em nada desabona a roseira o dizer-se que ela nasce do solo comum. O alimento da beleza compõe-se de lama e umidade. A arte de Cervantes foi o produto de seus sofrimentos. Se a sua vida não tivesse sido tão penosa, a história de Dom Quixote não teria sido tão sublime.

Miguel de Cervantes Saavedra foi contemporâneo de Shakespeare. Nascido na cidade universitária de Alcalá de Henares, pouco absorveu de sua atmosfera culta nos primeiros anos de sua vida. Seu pai era um charlatão que viajava de cidade em cidade e que ganhava a vida sangrando e cortando os pobres diabos que se lhe ofereciam como pacientes. O pequeno Miguel, que acompanhava o pai nessas viagens, aprendeu muito pouco nos livros mas muito da vida. Embora nunca houvesse frequentado a universidade, tornou-se um fidalgo versado no mundo do seu tempo. Bateu-se em duelo quando era ainda muito jovem. Pouco depois viu-se envolvido num caso de amor um tanto desairoso com uma dama de honor. Estava recolhendo e acumulando rapidamente o material que mais tarde usaria em seus livros.

Aos 23 anos encontramo-lo em Roma, provavelmente exilado devido às suas imprudências juvenis. Trabalhou naquela cidade durante cerca de um ano e então sua natureza irrequieta levou-a a alistar-se no exército.

Lutou na batalha de Lepanto onde esteve a pique de perder a mão esquerda em consequência de um golpe de cimitarra. Devido a esta ferida que lhe inutilizou a mão para toda a vida, recebeu a alcunha de "O aleijado de Lepanto". Até ao fim de sua vida ele mostrou-se mais orgulhoso de sua habilidade como soldado do que do seu gênio extraordinário de escritor.

Acabada a guerra, ao voltar para a pátria, Cervantes caiu em mãos de piratas mouros que o venderam como escravo. Cinco anos se passaram antes que o resgassem.

E agora, depois de servir como soldado e como escravo, tentou a sorte como poeta. Conseguiu produzir alguns dos piores versos de toda a história da literatura espanhola.

Sempre irrequieto, voltou-se para o drama. Escreveu entre trinta e quarenta peças. Um vulcão de energia em plena erupção. Mas um vulcão que, em vez de lavas, lançava apenas cinzas. Seus dramas, se eram alguma coisa, eram ainda piores que sua poesia.

Tentou por fim um romance pastoral. Foi o seu fracasso mais completo. Ao que parecia, Cervantes não estava destinado a ser um escritor.

Infeliz em sua busca da fama, dispôs-se a procurar a felicidade. Casou-se com uma mulher 18 anos mais moça que ele. Apesar de sua juventude, ela não foi capaz de satisfazer a errante fantasia de Cervantes. Um ano após o casamento, Cervantes tornou-se pai de uma criança nascida de outra mulher.

Durante algum tempo tentou manter sua família — a legal e a ilegal — por meio da pena. Depois, em 1588, aos 41 anos, voltou-se para uma fonte de renda "mais plausível": tornou-se agente comercial da Grande Armada. Mas, derrotada esta, Cervantes perdeu o emprego.

Conseguiu outro emprego, o de coletor de impostos em Granada. Quer por desonestidade, quer por negligência, houve um sério desfalque e Cervantes foi preso e condenado a cumprir pena na prisão.

Quando foi posto em liberdade, voltou-se mais uma vez para a literatura como meio de vida. Tornou-se o que se pode chamar um "profissional da poesia louvaminheira", isto é, escrevia encomiásticas introduções metrificadas para quanto livro aparecia, sobre os mais diversos assuntos desde poemas épicos até tratados de obstetrícia. Essas introduções, em regra, não eram melhores do que os livros. O grande dramaturgo espanhol Lope de Vega escreve (em carta datada de 14 de agosto de 1604) que não há na Espanha nenhum poeta tão mau quanto Cervantes. Até o próprio Cervantes o reconhecia. "Eu sou — observa ele com amarga jocosidade — mais experimentado em reveses do que em versos".

E assim chegamos ao seu 58.º aniversário, idade em que a média dos homens atinge o seu termo. Cervantes está um velho desiludido, alquebrado e desgostoso. Falhou em tudo que empreendeu, especialmente na literatura. Nessa idade ele é, para citar suas próprias palavras, "um homem de barba prateada, quando, menos de vinte anos atrás, ela era loira, grande bigode, boca pequena, e dentes sem importância" pois que tem apenas "seis e estes em más condições e ainda pior dispostos porque os dentes de cima não jogam com os de baixo". Informa-nos também que "a cor de sua pele tira mais para o branco do que para o moreno, tem ombros um tanto largos e não é muito ágil de pés". É um retrato que antes causa má impressão, retrato de um pária prestes a mergulhar no eterno esquecimento.

II

E eis que, sem nenhum soar de trombetas, ele foi repentinamente guindado à glória. Um último raio do sol poente... O homem que, na juventude, escrevera algumas das piores poesias do mundo, teve na velhice, a inspiração de escrever um dos maiores romances do mundo. Cervantes estivera trabalhando no Dom Quixote durante muito tempo. Algumas partes do livro tinham sido escritas numa cela de prisão. Todo ele fora planejado e composto em meio à mais esqualida pobreza e à amargura do desespero. Pode-se literalmente dizer que o Dom Quixote é um jardim que surgiu da lama. É a sabedoria filha do sofrimento, a revelação de uma alma meiga torturada num corpo sensível.

E, no entanto, este romance universalmente considerado como uma das obras-primas do engenho humano, está longe de ser um livro perfeito. É um obra cheia

A VIDA DE CERVANTES

(MIGUEL DE CERVANTES — 1547-1616)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de P. Alegre)

corrigiu o seu trabalho e nunca o releu durante o desenrolar da composição. Frequentemente, ao iniciar um novo capítulo, contradiz o que escreveu no fim do capítulo anterior. Como Josué, no Antigo Testamento, ele anula a passagem do tempo em uma ocasião, obrigando o sol a ficar parado durante horas. Dom Quixote e Sancho Pança foram convidados para jantar em casa do duque, à tardinha. Depois de comerem várias iguarias e se demorarem numa conversa que deve ter durado até meia-noite passada, Cervantes nos informa de que agora começava a escurecer. Em outra ocasião, conta-nos que um ladrão roubou o burrinho de Sancho Pança e depois monta Sancho Pança nada menos de sete vezes no burrico roubado. O livro está cheio de descuidos semelhantes.

Contudo, tomemos os erros de Cervantes como ele próprio os tomava. Quando escreveu a segunda parte do Dom Quixote, chamou a atenção do leitor para as imperfeições da primeira e riu-se delas: "Oh! Senhor, que inábeis somos nós, os imperfeitos. Não apresentei desculpas pelos seus lapsos e não fez nenhum esforço para emendá-los. Assim como não lhe passaria pela cabeça ataviar seu herói, também não se lembraria de aprimorar a história já escrita. É a ridícula verruga no rosto e os desatinos da linguagem que fazem o homem e o livro tão atraentes e tão vivos. Algumas obras de arte são perfeitas demais para serem humanas. A história de Dom Quixote é humana demais para ser perfeita."

Dom Quixote é a história de um louco manso contada por um cinico delicado. É uma farsa alegre sobre as loucuras da humanidade. Há sátira no livro, mas não há amargor. Rimo-nos ao vermos a nossa própria loucura espelhada na de Dom Quixote e nossa própria estupidez refletida na de Sancho Pança. Em certos momentos sentimo-nos mais intimamente ligados ao cavaleiro, cuja coragem é maior que a prudência; outras vezes sentimo-nos mais próximos do escudeiro, cuja prudência é maior que a coragem. Amiúde, enquanto vemos um pelear com a espada e o outro trabalhar com a língua, somos levados a dizer: "Aí está, graças ao gênio de Cervantes, uma perfeita imagem de mim mesmo".

Todos nós, como bem o sabia Cervantes, temos nossos dias da espada e nossos dias da língua. Todos nós somos uma combinação de Dom Quixote e Sancho Pança. Há momento em que confiamos na força dos nossos braços e momentos em que confiamos na agilidade de nossas pernas. Em certas ocasiões, sábios da nossa loucura, atacamos moinhos de vento como Dom Quixote. E momentos há em que, tolos na nossa sabedoria, fazemos como o escudeiro "que hoje evita a luta para dormir, à noite, sobre a terra".

Mas, sábios os tolos, estamos todos tentando alcançar sempre e cegamente o mesmo objetivo: tornar a vida mais digna de ser vivida para aqueles que estão na aflição.

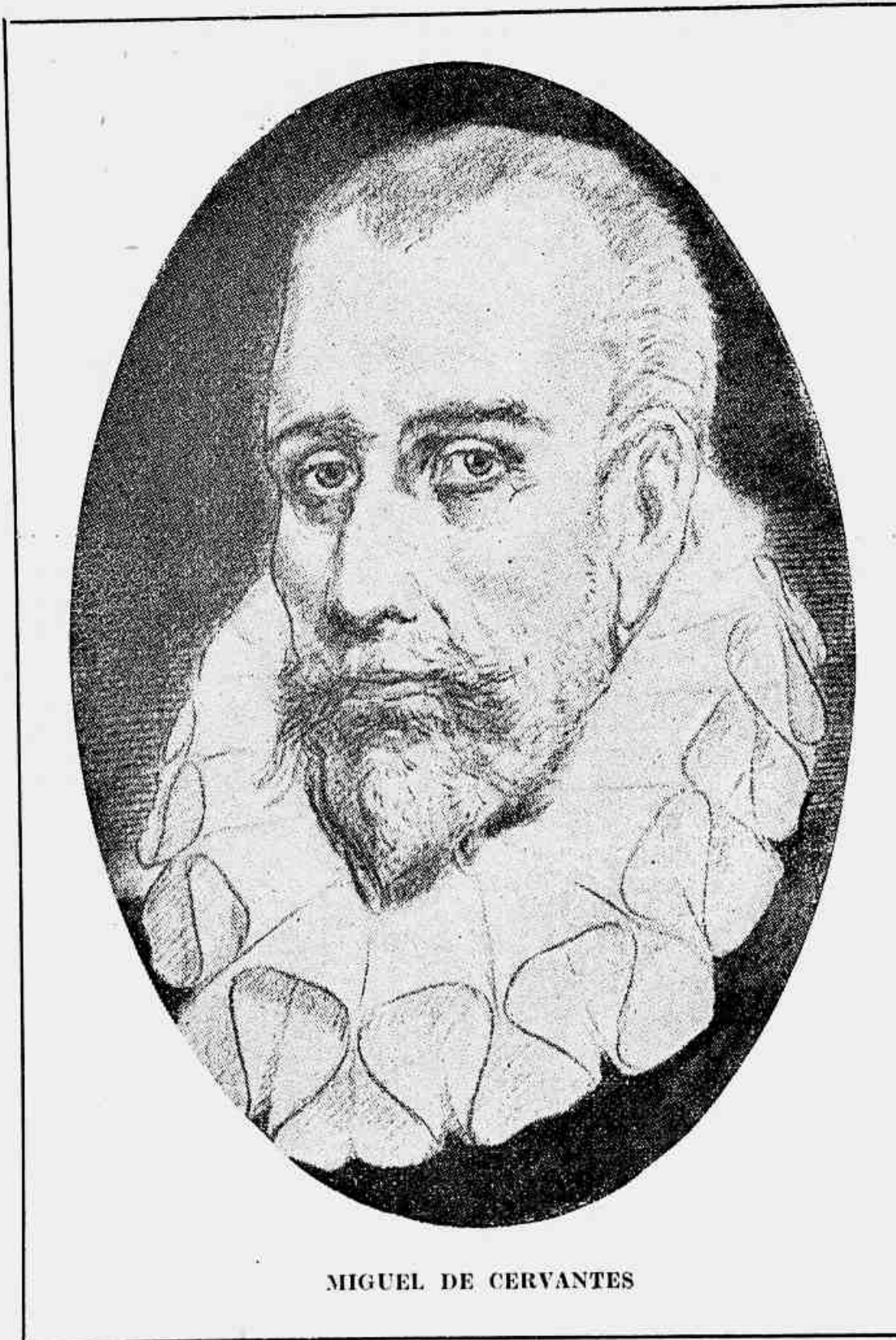
III

E agora, por alguns momentos cheios de sensações, encilhemos nossos cavalos e montemos ao encontro de Dom Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura, cavalgando seu Rosinante, o Ginete de Flancos Ossudos, em busca de nobres aventuras. Dom Quixote é um solteirão de cinquenta anos, compridão e magro, cuja bolsa está vazia de moedas mas cujo cérebro está cheio de fantasias. Tendo lido muitos livros sobre a cavalaria andante, decidiu tornar-se ele próprio um cavaleiro andante. Enverga uma cota de malhas tão velha e enferrujada como seu corpo e põe na cabeça um capacete atado com tantos nós que não consegue desfazê-los à noite, e foge de casa numa bela manhã de julho. "Tendo perdido o juízo", toma moinhos de vento por gigantes, curas por piratas, barbeiros por bruxos, casebres por castelos, presos comuns por fidalgos e criadas de servir por princesas. Em seu esforço para opor resistência aos opressores e socorrer os oprimidos o que quase sempre lucra é ser pago com pontapés e bofetões da parte tanto dos opressores como dos oprimidos.

Mas, quanto maiores suas atrapalhões, maior a sua loucura. Dedica sua vida à "salvação" de uma jovem camponesa que nem sequer tem conhecimento da existência de Dom Quixote. Ele a chama "sua bela dama Dulcinéa" e toma a seus serviços, como escudeiro, o fiel Sancho Pança.

Sancho Pança é tão estúpido quanto seu senhor é maluco, embora, em certos momentos, como veremos, use um fraseado que parece cheio de sabedoria de Salomão. Montado em seu burrico, segue o amo nas mais desatinadas empresas na esperança de ser recompensado por Dom Quixote com o governo de uma ilha.

E assim os encontramos, um dia pela manhã, batidos, estrompados, ridículos, mas não desfalecidos, preparando-se para mergulhar em mais uma de suas características aventuras. "Dom Quixote, levantando os olhos viu... cerca de doze homens marchando a pé, ajouçados, como contas num colar, a uma enorme corrente de ferro que lhes passava pelo pescoço, tendo cada um, além disso, algemas nas mãos. Dois homens a cavalo os conduziam seguidos por dois outros a pé... Os cavaleiros traziam armas de fogo; os que vinham a pé, lanças e espadas. E, mal os avistou, Sancho disse: — É um magote de forçados, gente condenada pelo rei a servir como escravos nas galés. — Como? Forçados? — perguntou Dom Quixote. — Como é possível que o rei force alguém? — Não foi isso o que eu disse — respondeu Sancho — por seus crimes (Continua na página 48)



MIGUEL DE CERVANTES



Em seda estampada, com flores recortadas aplicadas ao redor do decote e na barra da saia, é feito o alegre vestido de Joan Fontaine, da Universal-International

O fim do "New-Look"

O "new-look" provocou muito barulho e teve pouca duração. Pela celeuma despertada, pelo interesse que todas as mulheres revelaram logo após a sua apresentação, pelo retorno à graça, à feminilidade, enfim por todos os encantos femininos que os criadores do "new-look" estavam dispostos a devolver à mulher, esperávamos que ele durasse um pouco mais. E' verdade, no entanto, que com o uso diário das saias longas e amplas, a mulher, mesmo a mais fervorosa adepta da então "nova moda", se foi convencendo da sua inconveniência numa época em que se exige de todos dinamismo, agilidade e até malabarismo! Era muito bonito, é verdade, mas pouco prático e pouco higiênico. As saias arrastavam-se nos ônibus e eram muitas vezes pisadas por cavalheiros pouco prudentes. A poeira, o lixo e até as pulgas, eram então levadas para casa pelas saias femininas. As bainhas se desfiavam facilmente, pois não raro os saltos dos sapatos se prendiam nas mesmas, ao descender escadas, degraus de ônibus ou de bondes. Além disso, havia o exagero anti-estético que muitas vezes culminava com o ridículo, fazendo da nova moda um verdadeiro atentado contra a elegância. E' verdade que o ridículo e o mau gosto sempre existiram e continuarão

a existir. Mas, para quem já estava se cansando do "new-look", a vista dessas criaturas o tornava ainda mais insuportável. Os costureiros franceses compreenderam isso a tempo. Alguns insistem nas saias pelos tornozelos, outros, porém, fazem-nas subir a trinta e cinco centímetros do solo, o que é, sem dúvida, comprimento razoável. Entre estes últimos está o próprio Christian Dior, "pai" do "new-look", que acaba de entregar a mão à palmaria. "As saias, diz ele, deverão ser mais curtas e menos rodadas, se bem que ainda permaneçam em "cartaz" o "godet", o "plissé", as pregas etc. Realmente, sempre fomos de opinião que deveria existir um meio termo que evitasse o ridículo e a deselegância dos dois extremos. Esse meio-termo aí está; muito mais fácil de ser adotado, pois, para isso bastará fazer nova bainha nas saias, encurtando-as de alguns centímetros. Trinta e trinta e cinco do chão, é a medida; nem mais baixo, nem mais acima. E com isso, estamos certas de que a mulher não irá perder novamente a graça e a feminilidade que por ventura as saias compridas lhe tenham dado.

O. B.

Voz Bastidores Femininos

A VIÚVA RICA

Conto de **FELIX LIMA JUNIOR** ★ Ilust. de **L. CANABRAVA**

SEVERINO Teodósio Apolinário do Espírito Santo foi nomeado contínuo da agência do Banco do Brasil em Parnaíba, no Piauí, em fins de 1929 ou começo de 1930. Realizara ele, desse modo, o seu sonho dourado. Sonho de muito tempo, desde que começara a namorar a Mirandolina, filha única do velho Balbino Foguetiro, um pedaço de morena desses capazes de virar a cabeça a um deus de bronze... Mas o Balbino, que enriquecera e há muito deixara a profissão de foguetiro e fabricante de fogos de artifício para festas de porta de igrejas, embora sem perder a alcunha, não se opusera ao casamento de sua ilustre herdeira com o Severino; exigira, apenas, que ele, empregado modesto (eu não digo "vassoura" para não ofender a memória do morto...) de um armazem exportador de carnaúba do sr. Rolando Jacob, com pequeno ordenado, sem possibilidade de aumento, arranjasse coisa melhor. E insinuara logo, quando o rapaz, acanhado, torcendo o chapéu entre os dedos, lhe falara em casar com a Mirandolina:

— Olhe, moço, se v. quer mesmo casar com a pequena arranje um emprêgo bom. Minha filha é pobre, sim, mas não está acostumada a passar necessidade ou a andar com roupa velha e chinela rasgada, não! E, a propósito: v. por que não cava um lugar de contínuo do Banco do Brasil?

Data daí a obsessão do rapaz. E à força de tanto pedir e rogar aos deputados, senadores e governadores da terra "onde o meu boi morreu", um belo dia conseguiu ele ser nomeado contínuo do mais velho instituto de crédito da América do Sul. E foi um alegrão na casa dele e na do Balbino quando o dr. Genésio Falcão Câmara, gerente da Agência, mandou chamá-lo e comunicou, satisfeito:

— Olhe aqui, rapaz, v. foi nomeado contínuo e pode vir trabalhar amanhã.

Enfiado numa farda de brim pardo, na gola da qual se destacavam as letras BB, em metal branco bem polido, boné do mesmo pano, com pala preta, botinas lustrosas, era um gôsto ver-se o Severino ativo, satisfeito, de porta em porta das casas comerciais a entregar títulos para aceite e a distribuir correspondência bancária. Parecia uma noiva, de contente...

Seis meses depois casou-se o nosso herói, indo residir numa casa pequena, recém-caiada, de janelas verdes, na praça de Santo Antônio. Um jazz-band, arranjado à pressa, tocou até alta madrugada tudo quanto era valsa, rig-time, one-step, fox-trot, tango e samba então em moda para os convidados dançarem. Um alegrão, já que bolo, empada de camarão, galinha cheia, sanduiche de patê, peru assado, vinho do Porto, cerveja e guaraná bem gelados andavam aos ponta-pés...

Depois do enlace correu muito bem a vida do novel casal, que podia ser comparada, com exatidão e sem malícia, ao manso lago azul de que falava o poeta francês...

Uma nuvem toldou, porém, aquele céu de felicidade perfeita. Já se tinham passado três anos e nenhum herdeiro surgira a alegrar ainda mais o lar feliz do Severino e esposa. Apesar disso, porém, foram eles vivendo sempre alegres, causando inveja a muita gente boa.

Vez por outra o Severino, que era abstinente, viajava a serviço do Banco, para Fortaleza ou Teresina, conduzindo dinheiro, e lá vingava-se da doce e severa vigilância da Mirandolina, que pensava ser a água do rio a única bebida digna de entrar no seu lar. Na companhia dos colegas e dos conhecidos fazia ele, na terra alheia, o que não tinha coragem de executar em Parnaíba... Metia-se em farras com mulheres e bebidas e quando regressava ainda estava curtindo a carraspana... Daí para passar a beber todos os dias, a torto e a direito, às escondidas, é claro, da cara-metade foi um passo. E o álcool fez em pouco tempo o que ele jamais imaginara: atacou-lhe o coração; e num dia de março de 1946, quando voltava do serviço, às 7 da noite, bem "chumbado", caiu na praça do Mercado. Levantaram o Severino, mas ele já havia adquirido, sem grandes dispêndios, uma passagem de primeira classe para aquele país desconhecido citado por Hamlet... Estava, assim, viúva a Mirandolina aos 44 anos. O enterro foi dos mais concorridos daquele ano, prova de quanto era estimado o digno auxiliar do Banco do Brasil.

A viúva, que engordara muito com a idade e perdera os atrativos, ficou residindo na casa onde morara muitos anos e fora um dos últimos presentes do velho Balbino, que falecera em 1933, deixando uns cobres bons que o genro tinha esbanjado em farras e cachaçadas em Teresina e Camocim. Tendo casa para morar, dinheiro em conta corrente, de economias feitas, além da pensão que o Banco concede às viúvas dos seus servidores, podia ela viver perfeitamente bem sem incomodar a pessoa alguma. Mas a bisbilhotice da cidade começou imediatamente. E espalhou-se, a notícia de que a Mirandolina ficara rica, muito rica mesmo, como exageravam uns vizinhos faladores, mesmo na presença dela, que, ouvindo a história, não desmentia os linguarudos. Ela devia ter lá as suas razões...

Quando soube da novidade, o Armando Gonzaga, tipo perfeito de malandro, vadio de primeira, desempregado perpétuo e facadista nas horas vagas, inimigo número um do trabalho e de fazer força para ganhar a vida, não pôde mais dormir. Ele era solteiro (e qual era a moça que queria casar com aquele parasita?) e arquitetou logo o seu plano: casar com a viúva rica. E deitado numa rede suja, na casa de sua mãe, pobre viúva que se esfalfava lavando e engomando para arranjar a bóia dela e do filho vadio, o Armando raciocinava:

— Estou instalado! Caso com a Mirandolina, viúva sem filhos que possui dinheiro, casa e recebe mensalmente uma pensão de mais de mil cruzeiros! Vendo o prédio, tiro o dinheiro do Banco e compro uma vacaria, que é o melhor negócio do mundo desde que se tenha uma cacimba boa no fundo do quintal... Acaba-se, para mim, o tempo da miséria! Fico rico! O diabo é que ela está velha e gorda como um porco baó! Mas não tem nada. Por dinheiro eu faço o sacrifício...

No mesmo dia, sob o pretexto de que uma pessoa queria comprar a casa, ele foi falar com a Mirandolina. Ela o recebeu muito bem e quando o assunto foi abordado respondeu:

— Não, a casa eu não vendo, mesmo porque não tenho necessidade. Com a pensão do Banco, os juros do dinheiro que tenho lá (e exibiu uma caderneta de depósitos) e o caixão de numerário que o Severino deixou, posso viver perfeitamente.

O Armando cresceu os olhos, pegou na caderneta e, embora não entendesse de contabilidade, esteve a examiná-la, concluindo que o defunto deixara no Banco cerca de 25.000 cruzeiros. Passou-lhe um frio pela espinha dorsal... E não era para menos! O negócio era melhor do que ele julgara... O diabo era que a Mirandolina estava gorda, pesada, acabada. Mas ele fecharia os olhos e suportaria a bucha... Também não se pode arranjar assim, sem mais nem menos, um pão com dois pedaços, açúcar e manteiga... Mas da conversa uma palavra lhe ferira os ouvidos: a viúva falara em caixote de numerário. O que seria? O que conteria o tal caixote?

Com habilidade ele foi desviando a conversa e a folhas tantas a Mirandolina explicou:

— O senhor não sabia, "seu" Armando? Pois o Severino deixou um caixote de numerário.

E foi mostrá-lo, na sala de jantar. Era um desses caixões de madeira que o Banco do Brasil usa para transportar dinheiro de uma agência para outra e que ele vira muitas vezes, na cabeça de ganhadores, entrando ou saindo da agência. Começou o

(Continua na página 46)

Selecionado pela **REVISTA DA SEMANA**

WIE
CANABRAVA
98

A
cia
30.
ede
um
o
de
ão
que
do
eno
go,
om
om.
dar
gar
na-
ele
foi
ente
em
era
ciais
uma
ém-
essa,
go e
pada
veja
ada,
sado
no e
ja a
For-
ância
seu
não
oidas
eber
asso.
to; e
ado",
sem
ecido
o foi
ar do
dindo
lbino,
arras
conta
seus
Mas
que a
dores,
Ela
io de
m do
olteiro
o seu
pobre
filho
heiro,
o, tiro
desde
tempo
! Mas
ele foi
ordado
pensão
sitos)
e con-
ca de
menos!
estava
ambém
açúcar
falara
plicou:
ote de
Banco
e vira-
çou o
46)
NÁ



Dois grandes nomes da costura francesa apresentam aqui estas lindas sugestões para o verão carioca. **A esquerda:** De Worth, modelo em surah branco com ilhozes verdes bordados. Decote grande, gola godet. **A direita:** De Nina Ricci, modelo em sêda estampada. Saia em pregas soltas

VESTIDOS PARA O

Estão

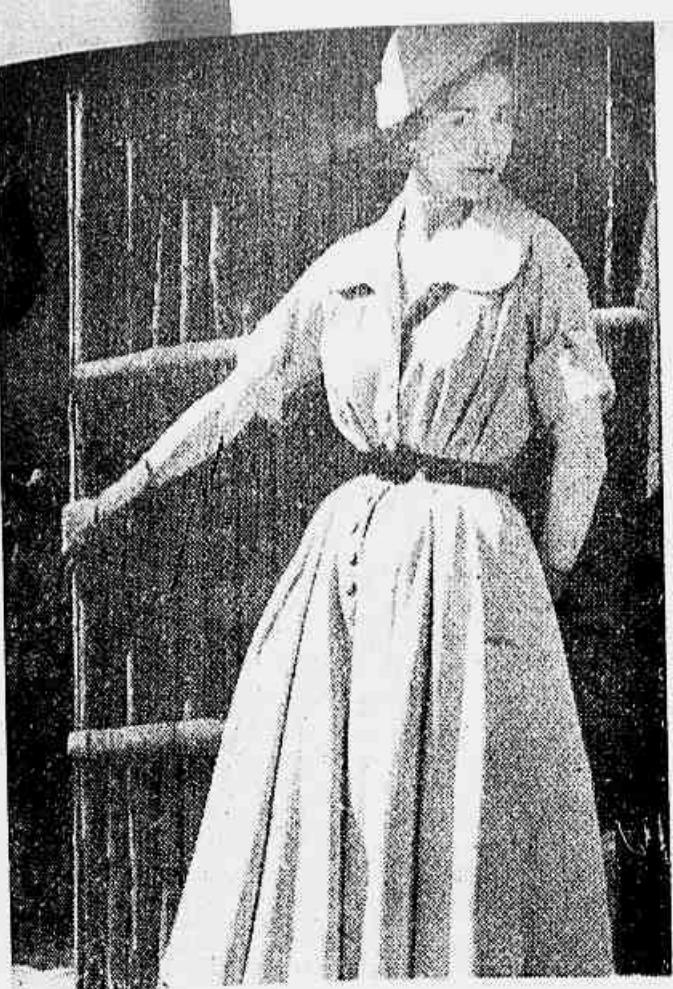
À esquerda: Em sêda quadriculada, saia com pregas soltas e barra plissada. Em baixo: "Tailleur" de linho branco, de René Patton. Casaco com nervuras. À direita: Em linho amarelo, com festonet e ilhozes bordados a branco



Heim criou este modelo em sêda azul, largo cinturão do próprio tecido, enfeitado com botões redondos do mesmo tecido

Modelos

PARA TODAS AS HORAS

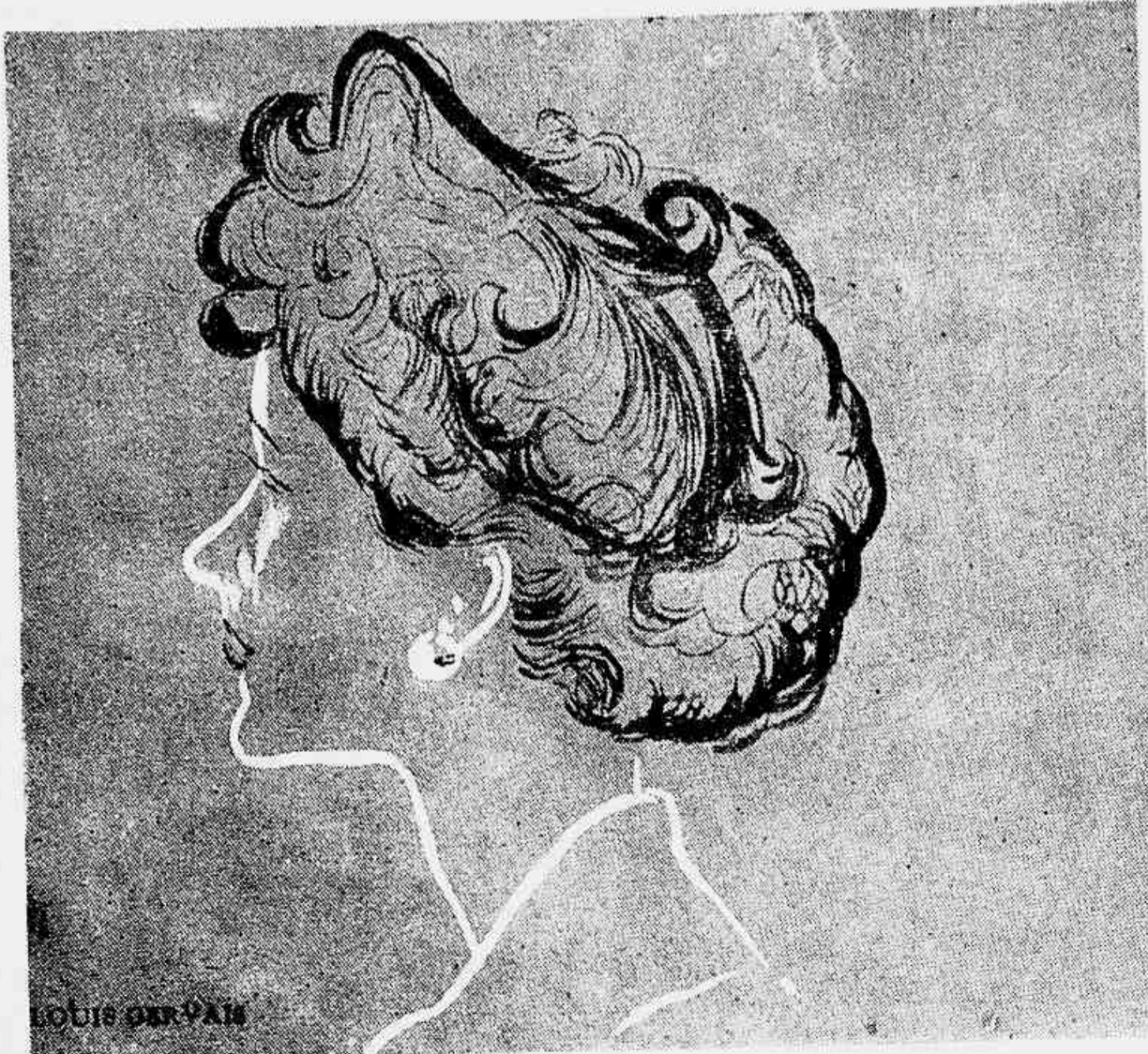


De Paquin, vestido esportivo em albéne branco. Pala sob os ombros prendendo os franzidos da blusa

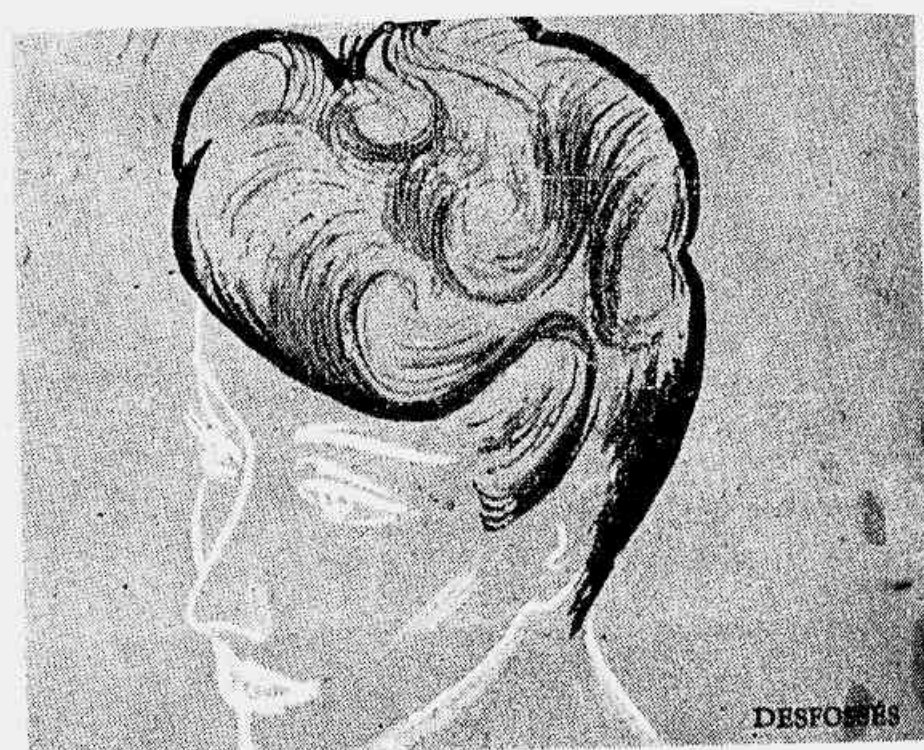
Elegantíssimo este modelo à direita em organdi branco. Decote amplo com dois fartos babados, larga faixa de moirée grenat na cintura



De Jacques Griffe, modelo em sêda cereja, corpo longo, saia ampla com estreitas pregas soltas. **A direita:** Modelo de Jeanne Lanvin, em moiré, laço arrematando a gola, largo cinturão em pelica preta, luvas de camurça também preta



Penteados modernos



Nesta página, a nossa leitora encontrará os mais modernos e originais penteados criados pelos mais famosos **figaros** de Paris, como Louis Gervais, Pierre Jacy, Marcel Maggy, Charbonnier e outros.



DE HOLLYWOOD

De Hollywood, aqui estão três elegantes modelos, variados e todos eles muito interessantes. **A direita:** "duas peças" em **shantung** maravilha. Botões fantasia com pregas soltas. **A esquerda:** Para gente nova, Betsy Drake, da R. K. O., sugere um **tailleur** em panamá **pied-de-pouse**. Saia em panos. **Em baixo:** Mai Zetterling, da Universal-International, sugere este modelo simples e gracioso em algodão listrado azul e branco. Saia com pregas soltas

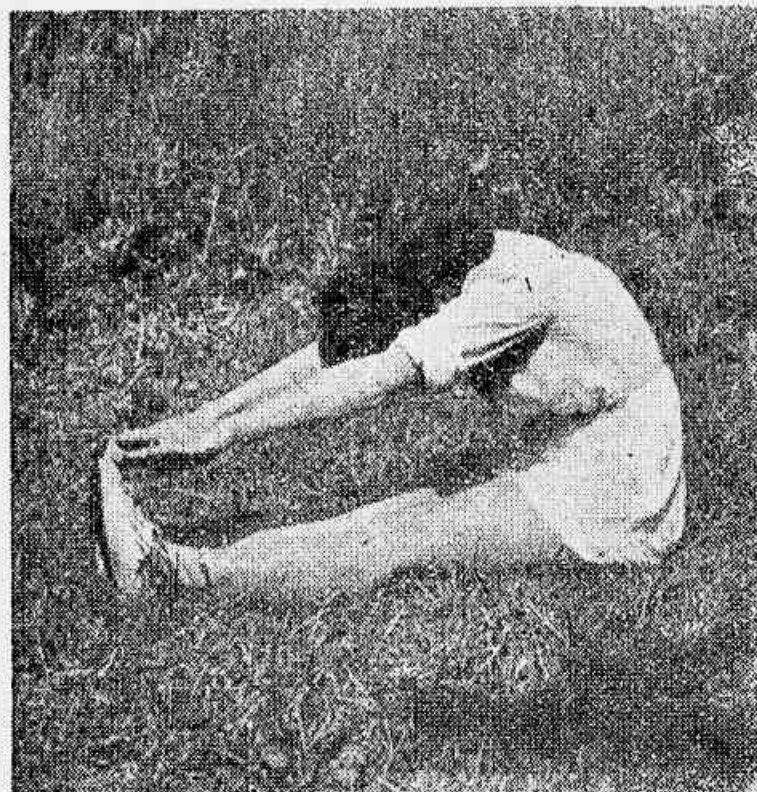


DEPOIS DE UM BANHO PROLONGADO...

Um banho prolongado descansa o espírito, mas amolece o corpo. Para que o seu organismo volte ao seu estado normal, depois de um banho demorado, recomendamos estes exercícios:



Relaxamento muscular por uma série de dois movimentos partindo da posição ereta; pés unidos, músculos relaxados, passando de ligeira flexão do busto, para frente; joelhos ligeiramente dobrados, estômago para dentro para extensão do busto para trás, braços pendendo negligentemente



POSIÇÃO INICIAL — Sentada no chão, pernas unidas e estiradas, busto direito, mãos para trás. MOVIMENTO — Inspiração prolongada ao máximo ao inclinar a cabeça para a frente, e expiração ao tocar os pés com as pontas dos dedos



POSIÇÃO INICIAL — De pé, pernas abertas, braços para cima, busto reto, ventre para dentro. MOVIMENTO — Flexionar o busto sem dobrar os joelhos até tocar o chão com as pontas dos dedos

BLUSAS PARA O VERÃO



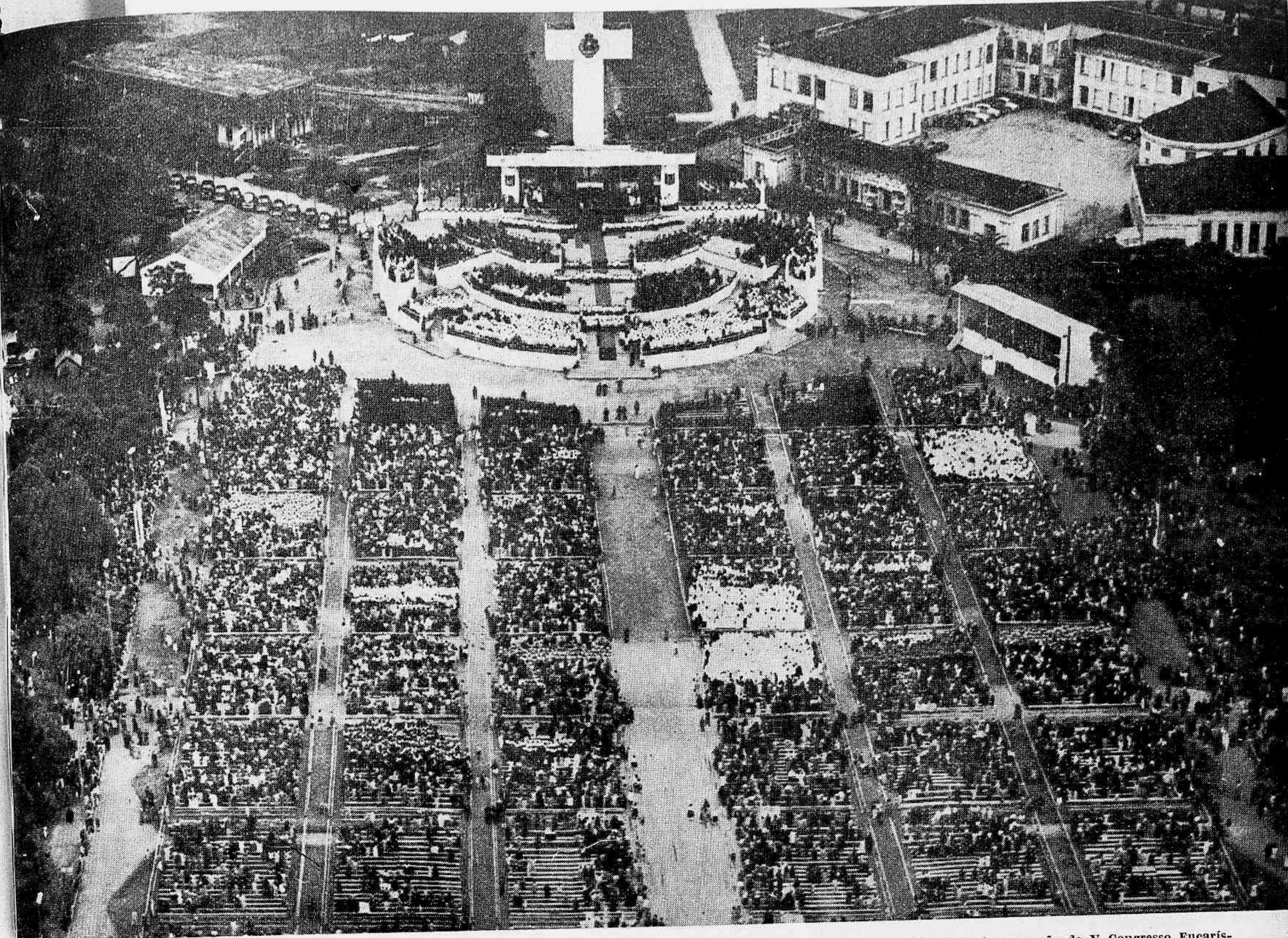
Em sêda branca com "pois" vermelhos. Babadinho ao redor do decote e dos punhos



Em sêda amarela canário estampada, grande decote arrematado por vriez



Em tafetá lilás estampado, decote em "V", babado "godel" em volta



Empolgante vista aérea da grande área do Parque Farroupilha, onde uma multidão de vinte mil pessoas foi assistir às solenidades da inauguração do V Congresso Eucarístico Nacional. Ao fundo a colossal cruz sobre o altar, medindo 35 metros de altura

O V CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

O MAIOR DOGMA CATÓLICO ★ UM MANANCIAL DE FÉ ★ EMPOLGANTES CERIMÔNIAS PREPARATÓRIAS ★ INAUGURAÇÃO DA NOVA CATEDRAL ★ SETENTA MIL COMUNHÕES ★ PROCISSÃO FLUVIAL NOTURNA

Reportagem de RUY SAULO
(Para a "REVISTA DA SEMANA")

Que quer dizer Eucaristia? Filologicamente significa "Ação de Graça", estar em "Boas Graças", conforme etimos gregos. Mas, a palavra Eucaristia perdeu sua origem profana e se ligou à divindade de Jesus, espalhando sobre a humanidade cristã as bênçãos de seu amor aos homens.

A Eucaristia se tornou o maior dogma da Igreja Católica. Assenta sobre um triângulo sagrado e imortal, contendo o Mistério da Fé, encerrando Jesus Cristo verdadeiramente presente no Pão e no Vinho; é Sacrifício, porque representa e repete o sacrifício da Cruz; é, finalmente, um Sacramento que nutre a vida cristã.

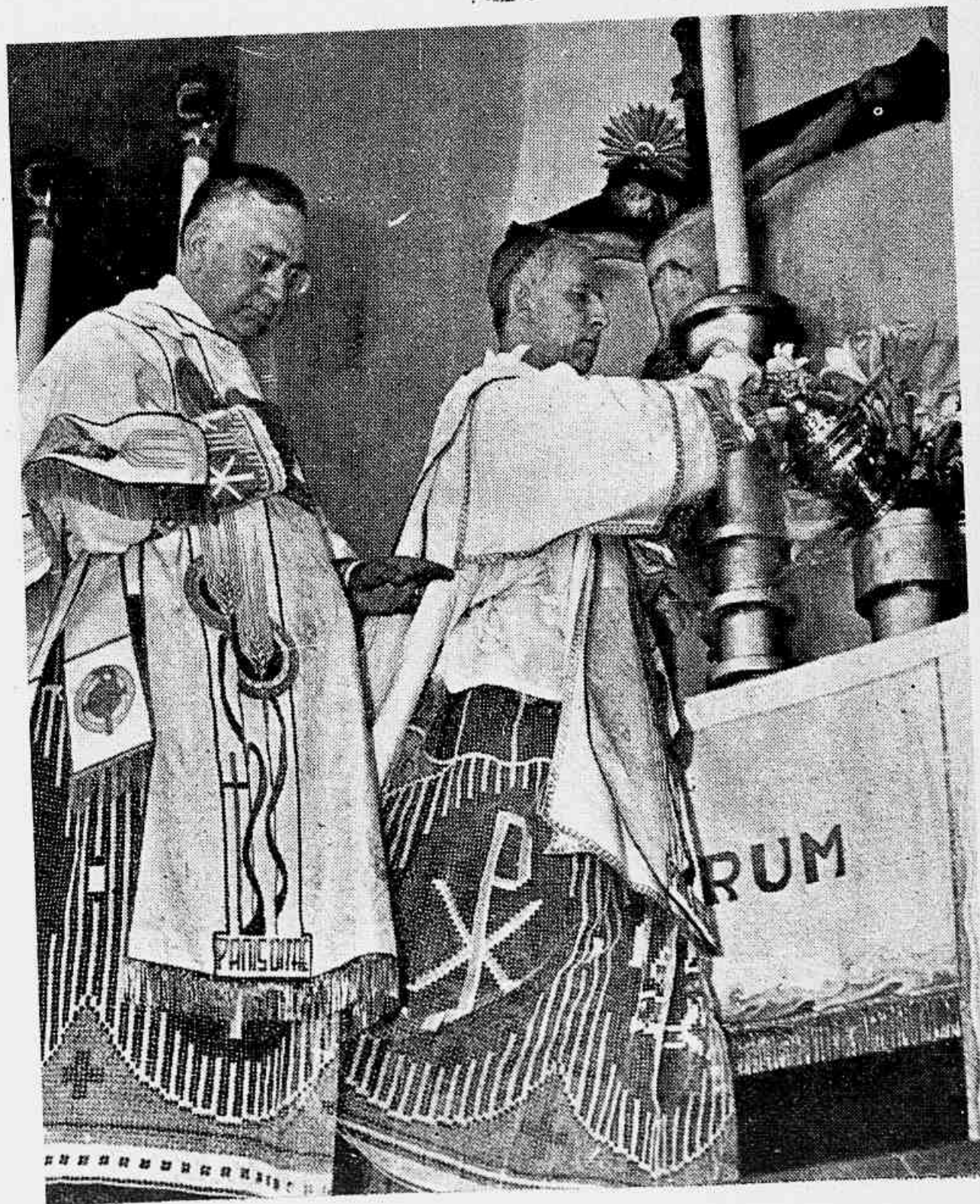
Quem instituiu a Eucaristia? O próprio Jesus Cristo, na ante manhã de sua prisão. Reunidos os doze apóstolos, disse-lhes Jesus que era aquela a última vez que estariam juntos, porque um dentre eles o trairia, entregando-o aos inimigos do novo testamento. Para que sempre estivesse com eles, oferecia-lhes Pão e Vinho. Tomai-o e comei; este é o meu corpo. Bebei, eis o cálice de meu sangue.

E o trigo que, desde os mistérios de Eleusis simbolizava a imortalidade do espírito sobre a matéria, transformado

naquele pão sagrado pelas mãos de Cristo, ia, daí por todos os séculos dos séculos, servir de bússola para a salvação da humanidade. No cálice de vinho da última ceia, Jesus instituiu o complemento, a segunda parte do Mistério impenetrável. Era o seu sangue, sangue da nova aliança que ia redimir os pecados do mundo em face do sacrifício do Cordeiro de Deus. Depois daquela cerimônia, a primeira Eucaristia realizada entre os seus fiéis crentes, Jesus foi orar no Monte das Oliveiras, dominando com o olhar divino, o casario da cidade deicida. Sobreveio a traição que predissera. Cumpru-se a profecia. Ele foi crucificado. Mas, sua doutrina cresceu, expandiu-se, dominou heresias, triunfou sobre todos os obstáculos, transformando a fisionomia moral da terra, reeducando o povo, produzindo os milagres da Fé, civilizando gentios, iluminando o mundo em fulguras cintilações.

Continents foram descobertos e abençoados pela Eucaristia. Milhares de gerações cresceram nutridas pela Fé emanada da instituição daquela última ceia.

Já não vivia Jesus para fazer os milagres dos dois cegos de Jericó. Suas mãos



O Cardeal D. Carmelo Motta, de São Paulo, quando celebrava a missa pontifical no dia da inauguração do Congresso, a 28 de outubro, acolitado pelos monsenhores José Maria Balem, Pedro André Franck, Antônio Peres e cônego Emílio Lotterman, tendo como diretores de cerimonial, monsenhor José Neves e cônego Germano Wagner



AO ALTO: A 29 de outubro, após o hasteamento das bandeiras, dando início às festividades do V Congresso Eucarístico, pombos-correio foram soltos levando mensagens a vários pontos do Estado. NA PAGINA AO LADO: Altar-Monumento, vendo-se os cardeais D. Jaime Câmara e D. Carmelo Mota

não podiam mais fazer erguer-se do leito de morte a filha de Jairo. Mas, com sua presença na Eucaristia, Jesus continuava a viver conosco, a ouvir-nos e a ver-nos. No princípio, protegia os seus rebanhos nos subterrâneos e nas catacumbas. A liturgia era clandestina, e nos muros sombrios das criptas de Roma, fugindo das perseguições dos Césares, o povo que

repetia as palavras de São Paulo aos Coríntios e os testemunhos de Marcos, Lucas e Mateus, ia fertilizando com o seu sangue de mártires, — o vinho da Eucaristia — e com a carne de seus despojos nos circos pagãos, — o pão redutivo — o campo da instituição divina, as pinturas subterrâneas atestam o poder da fé nos destinos cristãos.

Mil anos mais tarde, nos fins do século XI, um homem rico e poderoso, Berenger de Tours, desviado pelas leituras de um herege, Scot Erigene, rebelou-se contra a Eucaristia e escreveu obras que procuravam destruir a magnitude da presença de Cristo no pão e no vinho. Foi Berenger o primeiro inimigo da Eucaristia.

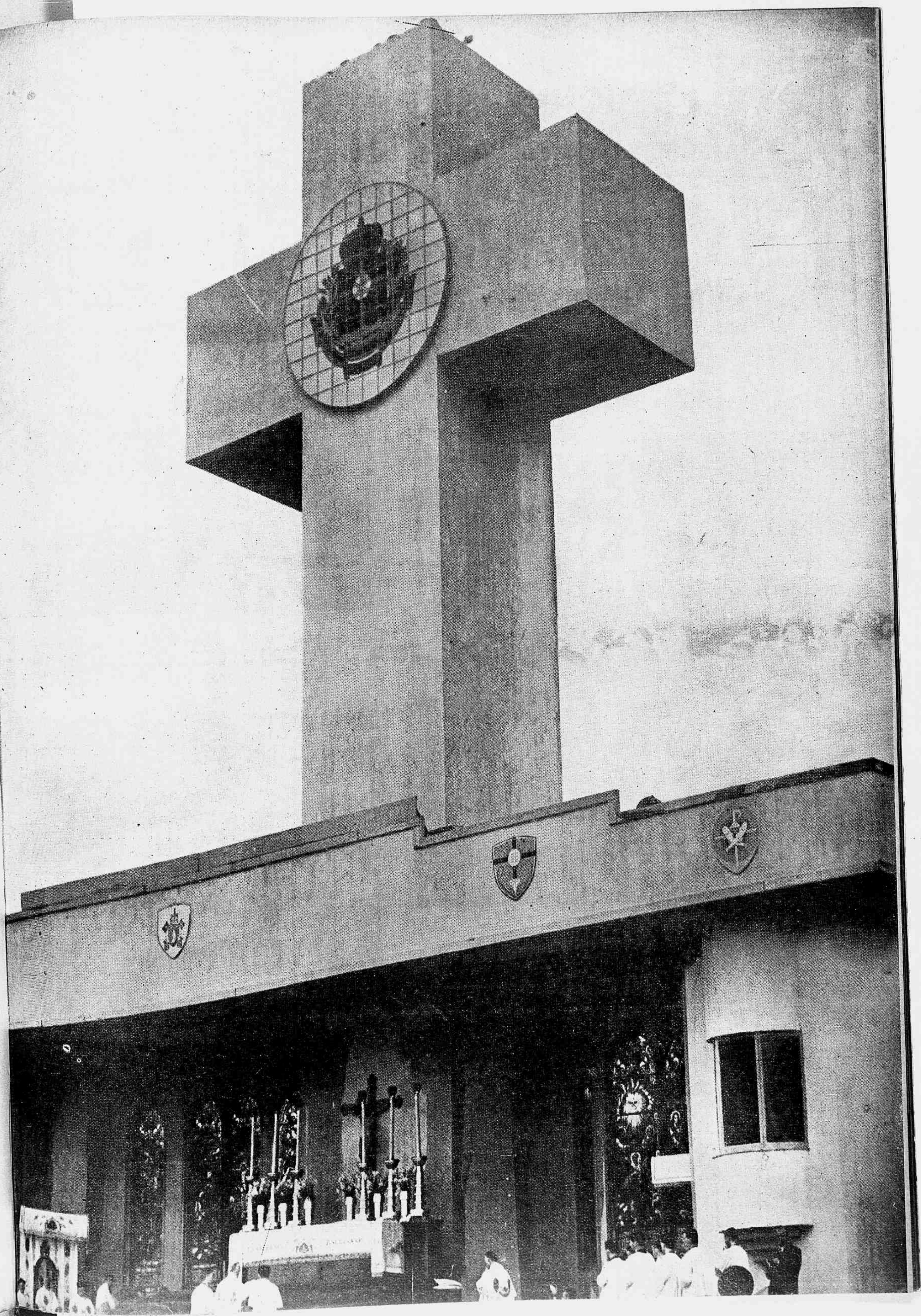
Reuniram-se Concílios para deter a marcha da campanha sacrílega. E em Verceil, Tours e Paris, nos anos de 1050, 1054 e 1059, os bispos o condenaram e mostraram o erro em que se despenhava. Mas, nenhum desses Concílios conseguiu que Berenger reconhecesse seu erro. Um dia, porém, um Santo lhe falou. Foi o Papa Gregório VII. Suas palavras pene-

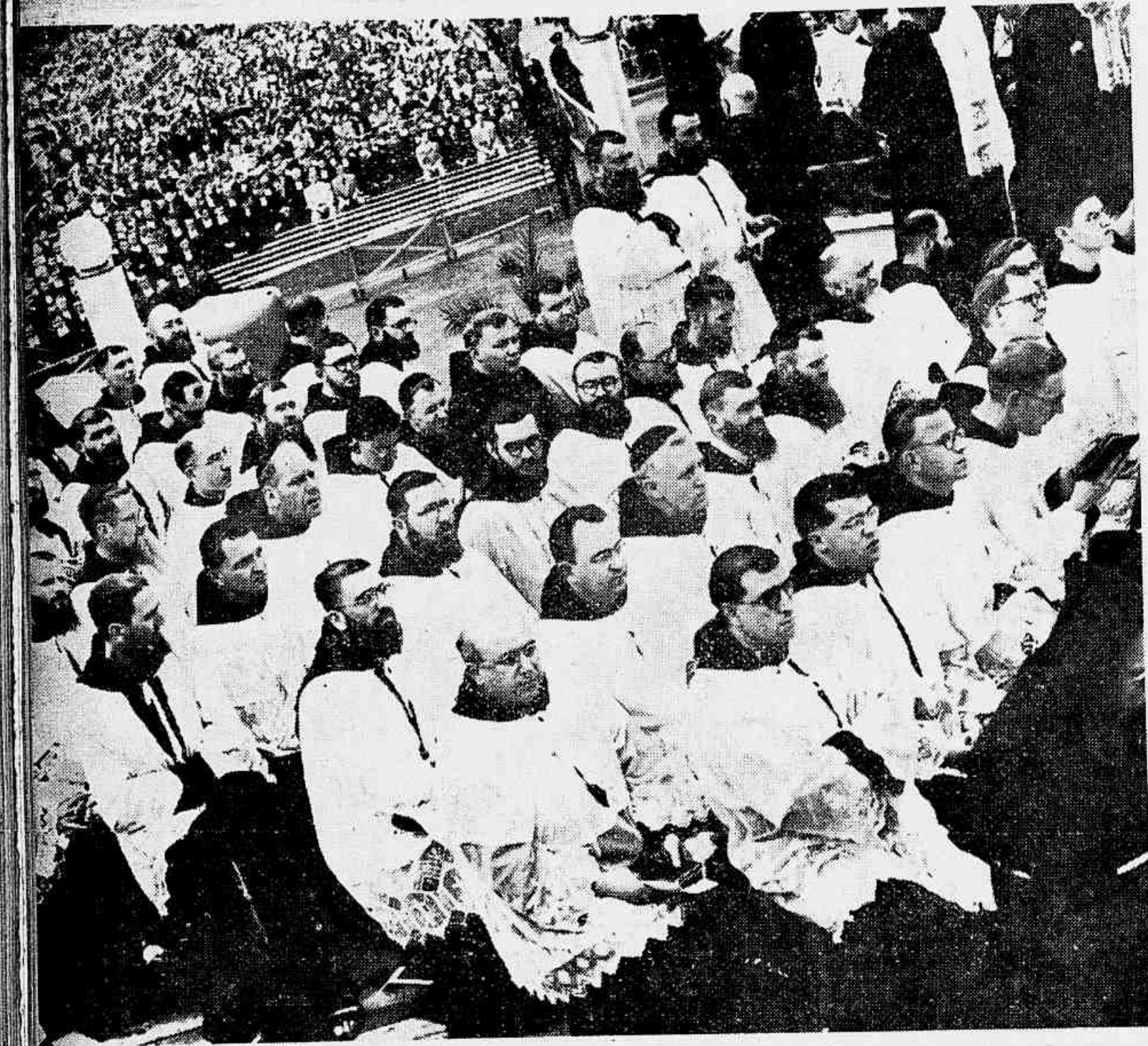


A ESQUERDA: D. Carmelo de Vasconcelos Motta, cardeal arcebispo de São Paulo, ao iniciar a primeira missa no Altar-Monumento, tendo à sua esquerda mons. João Antônio Perez, secretário geral da Cúria Metropolitana, e, à direita, Mons. Franck, vigário geral da Arquidiocese. A DIREITA: O sr. Gastão Buglet, secretário da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul, quando recebia a hóstia por ocasião da comunhão geral dos homens na noite de 30 para 31 de outubro

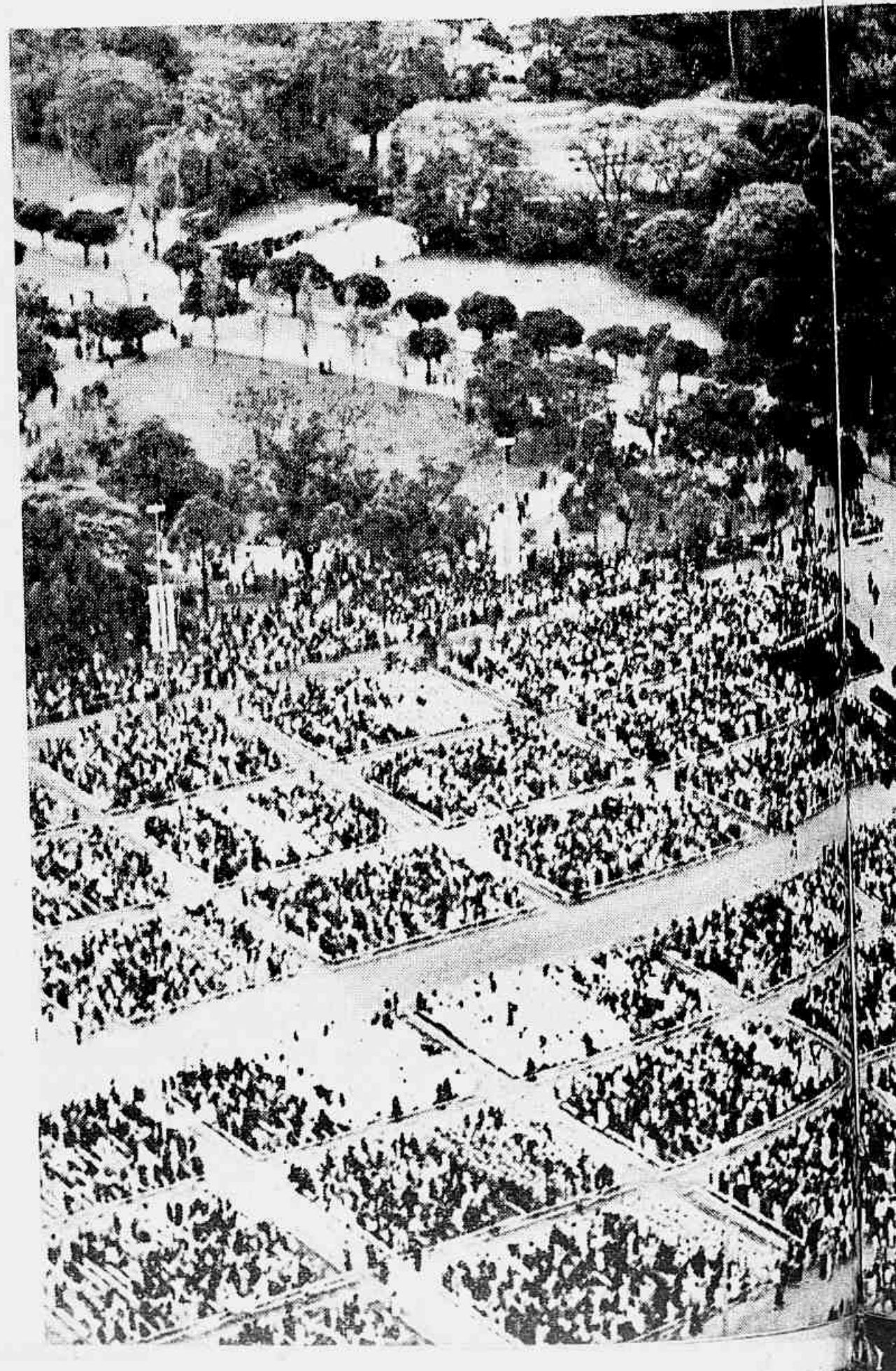
ns a
er a
t em
1050,
am e
nava.
onse-
erro.
Foi
pene-

João
azenda





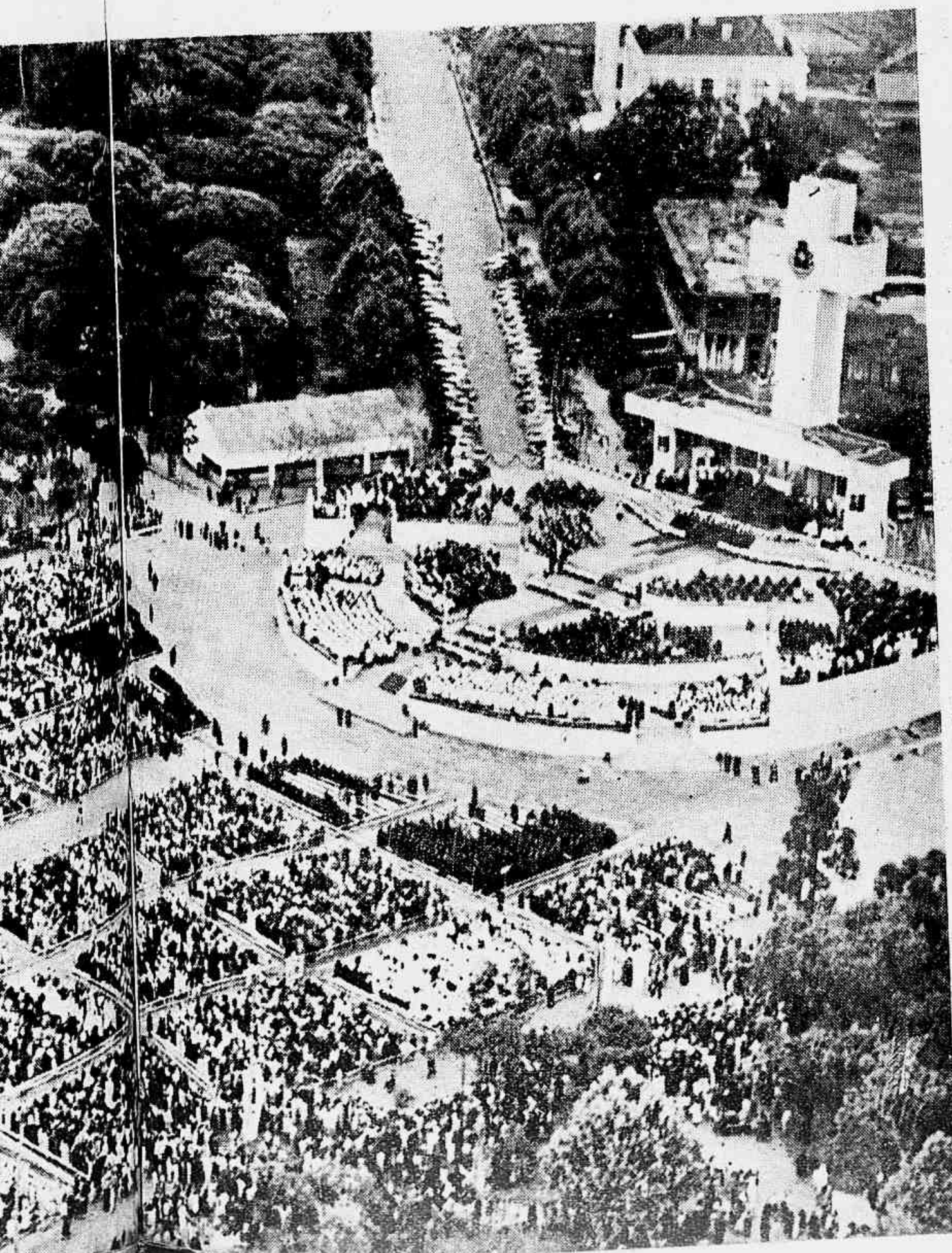
EM CIMA: Multidão de fiéis ao encerrar-se o Congresso. EM BAIXO: Outra vista do Altar-Monumento, durante a recepção dos congressistas. À ESQUERDA: Vista geral da assistência vendo-se no primeiro plano os bispos e arcebispos presentes às solenidades, a representação dos frades Capuchinhos e, por último, um flagrante do card.



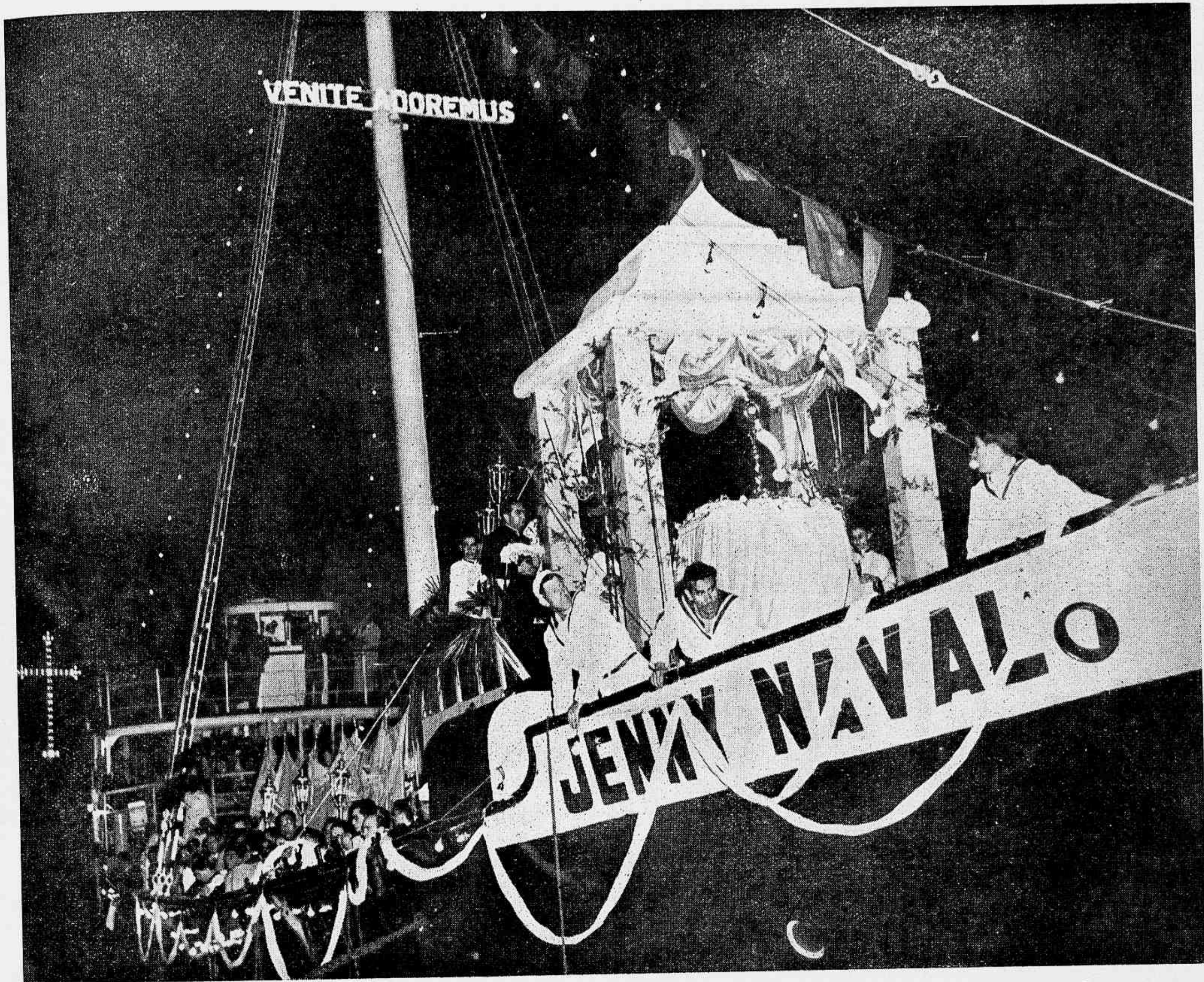


O: Outra vista
RDA: Vista geral
presentes às solenidades
agrade do carde

D. Carmelo quando oficiava no Altar-Monumento cercado das mais altas figuras do clero católico brasileiro. A DIREITA: Carro triunfal conduzindo o ostensório na procissão de encerramento. Outras vistas da procissão de encerramento do V Congresso Eucarístico Nacional







AO ALTO: O "Jenny Naval", tendo à proa o altar armado para conduzir o riquíssimo ostensorio, ao começar a procissão aquática noturna pelo rio Guaíba, imponente espetáculo constante do programa do V Congresso Eucarístico Nacional, e que constituiu enorme sucesso. NA PÁGINA AO LADO: D. Jayme Câmara, Legado do Papa e Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, ao dar a bênção com o Santíssimo no Te-Deum de encerramento

taram de tal modo nos recessos da alma daquele transviado dos caminhos de Deus, que ele se rendeu, envergonhado, e, reconvertido à fé cristã, queimou seus livros de guerra à Eucaristia, e morreu, pouco depois, arrependido e reconciliado com Cristo.

Mas, a Igreja não institui dogmas sem profundos estudos e análises incontestáveis. Assim, reunido o IV Concílio de

Latrão, foi confirmada a doutrina da Eucaristia e solenemente reconhecida a presença de Jesus na hóstia e no cálice consagrado, merecendo de todos a mais profunda veneração, o mais completo respeito. Ali está Jesus Cristo tão real e perfeitamente como está no Céu. Todo aquele que, cheio de fé, humilde e resignado, ajoelhar-se à luz do impenetrável Mistério que é Sacrifício e Sacramento,

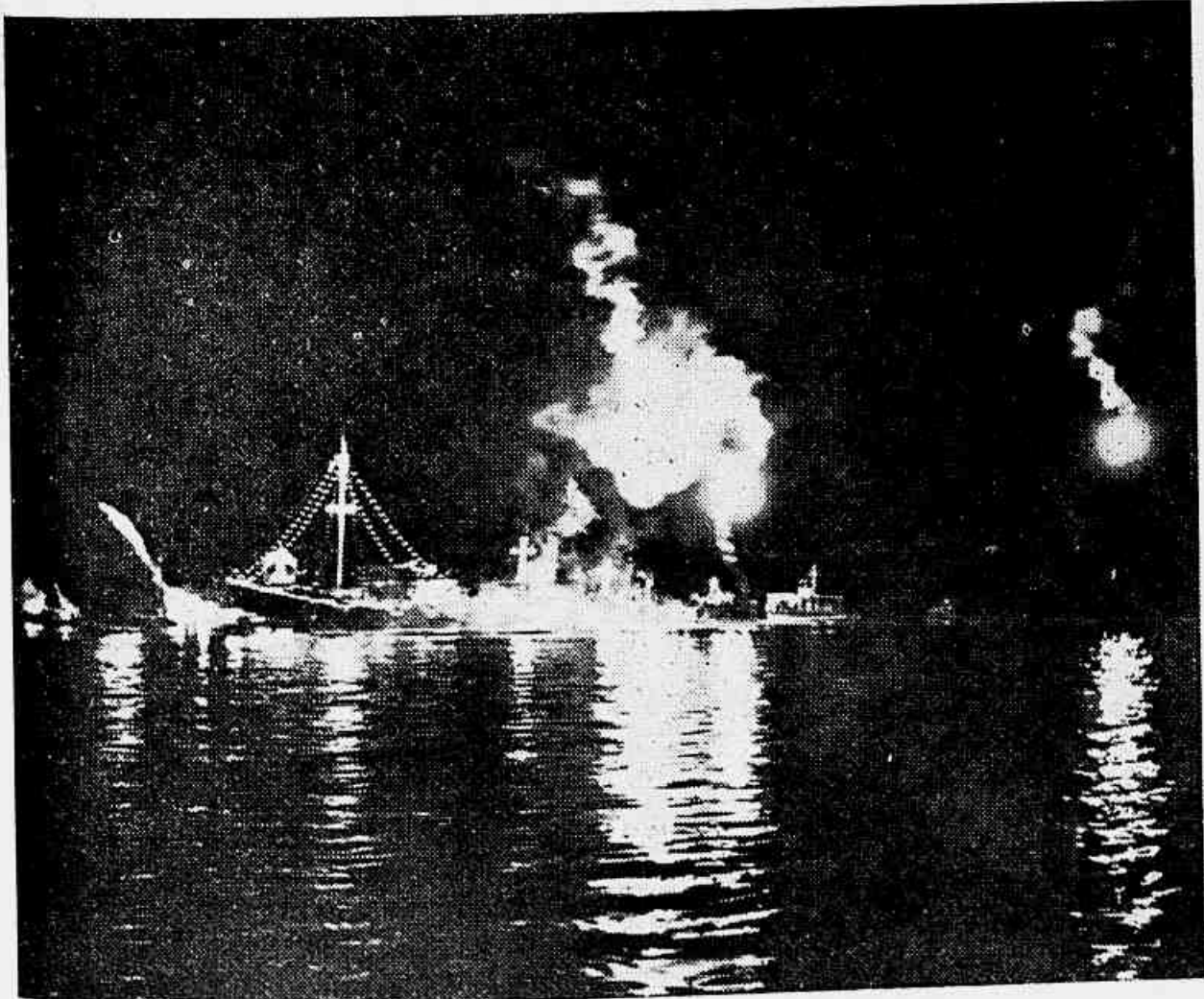
está sendo ouvido e visto pelo próprio Jesus, presente a todos os corações fiéis que dele se aproximem.

E' a Eucaristia, por sua origem, sua história e magnitude, o maior dos dogmas da Igreja Católica, o que mais serviços tem prestado à espécie humana, âncora e farol de salvação e segurança nesta vida de aflições, egoísmos e vaidades pueris.

Eis a razão por que todo o Brasil se

reune, em determinadas datas, para celebrar a imortalidade da Eucaristia, organizando Congressos Eucarísticos de amplitude nacional.

Agora, a 27 de outubro, efetuou-se com uma concorrência inédita nos anais de nossa história religiosa, o V Congresso Eucarístico Nacional, na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul.



Uma maravilhosa vista da procissão aquática noturna, rompendo a marcha pelo Guaíba o "Jenny Naval" que conduz o ostensorio, seguido por muitas embarcações todas iluminadas entre fogos de artifícios e cânticos religiosos. A DIREITA: "Close-ups" de bordo do "Jenny Naval"



Na sessão de gala do Teatro São Pedro, em Porto Alegre, o Côro Orfeônico dos Colégios Religiosos, que conta com mais de quinhentas figuras, sob a direção da Juventude Católica Feminina, numa empolgante solenidade em homenagem aos congressistas e delegações nacionais e estrangeiras



Não se tratou, como pode parecer a muitos, de simples reunião de fiéis, venerando altares e admirando a magnificência dos prelados, afluência da juventude à mesa das comunhões e os fogos de artifício iluminando como sois efêmeros as águas turvas do Guaíba. Não. O Congresso Eucarístico tem como finalidade objetivos muito mais edificantes. Nêsse de Porto Alegre, por exemplo, os trabalhos de intensa construção de fé católica, se comprovaram através de temas ventilados, como os seguintes: "Conhecimento do Meio, Problema Vital para a Ação Católica"; "Visão Clara e Firme da Ação Católica"; Fundamentos Dogmáticos e Jurídicos da Ação Católica"; "As Diretorias Diocesanas em Face da Especialização"; "Problemas das Zonas Rurais Típicas do Brasil"; "O Meio de Trabalho nos Vários Centros Operários do Brasil"; "O Meio Universitário Brasileiro"; "O Mundo dos Pequenos", e outros. O poder mental da cultura, dirigindo as massas.

Antes de ter início o Congresso, procederam-se a várias cerimônias preparatórias, avultando, dentre elas, a missa celebrada pelo arcebispo metropolitano D. Vicente Scherer, o primeiro ato religioso que se realizava na nova catedral de Porto Alegre. Depois, seguiu-se o programa da Terceira Semana de Ação Católica, considerada um dos pontos culminantes do Congresso Eucarístico Nacional.

Vinte mil pessoas compareceram ao Parque Farroupilha para robustecer sua fé em Cristo. Ali, diante da monumental cruz que servia de imagem perene daquele que ofereceu o sangue e o corpo para nos salvar, vinte mil fiéis se pros-

ternaram obedientes a render graças a Deus. Naquele Altar-Monumento, foram realizadas as cerimônias preparatórias e as grandes solenidades do Congresso, impressionando a quantos compareceram, a majestade do cruzado com seus 35 metros de altura, emergindo sobre as colinas ambientes, como uma visão de fé em face do oceano de imperfeições humanas.

Todos os bispos e cardeais do Brasil e do estrangeiro, representantes do governo, altas patentes militares, professores e jornalistas, ocupando seus lugares nos primeiros planos do Altar-Monumento, secundados pelas ordens religiosas, congregações, convidados especiais e congressistas, foram assistidos com louvável eficiência pelos membros da Juventude Católica, a quem foi entregue a árdua tarefa de orientar a recepção. Foi emocionante a primeira solenidade do Congresso, com o Hino Nacional e o Pontifício, seguindo-se o Cântico do Credo, falando em seguida D. Carmelo de Vasconcelos Mota, dando a palavra ao dr. Armando-Dias de Azevedo, reitor da Universidade Católica, que apresentou cumprimentos aos prelados e ao clero em geral, autoridades civis e militares. Discursou em seguida o deputado Daniel Faraco, dissertando sobre a "Ação Católica e a opinião pública". Por último, falou o cardeal D. Antônio Caggiano, da Argentina, que pronunciou bela conferência sobre a opinião pública e a Ação Católica em face dos seus deveres e suas possibilidades. Já passava de onze horas da noite, quando foi encerrada a sessão solene, com cantos religiosos e o hino

(Continua na pág. 50)

O comandante da 3.ª Região Militar sediada em Porto Alegre, general Gil Castelo Branco, quando, no recinto do Parque Farroupilha hasteava o pavilhão nacional, que flutuou tendo ao lado as bandeiras de muitas nações do mundo

MÃES-FILHOS

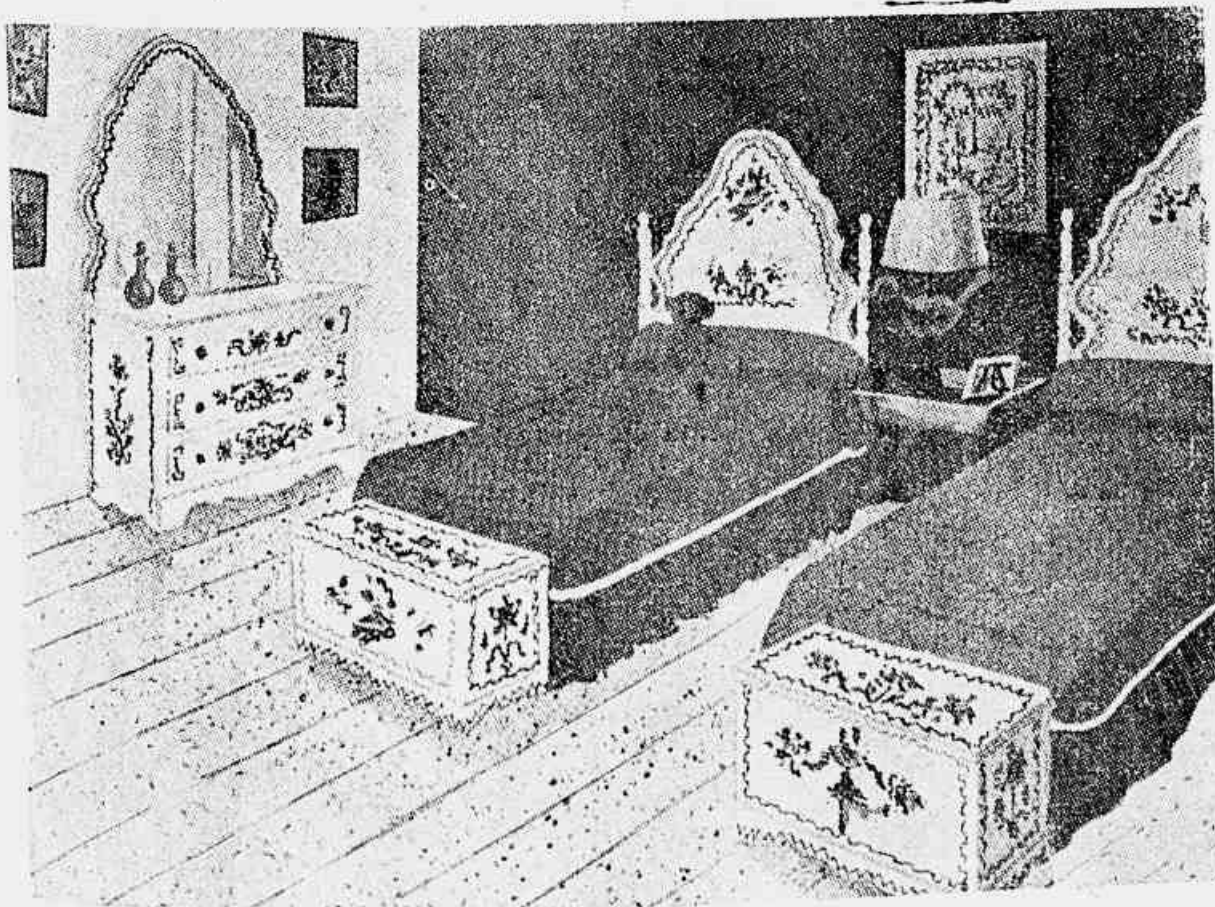
De ANAMARIA CÉLIA



Faça de cada data um motivo de festa, a fim de incutir, desde cedo nos seus filhos a noção de família

É PRECISO ENCORAJAR A CRIANÇA Recusando a ajuda da criança quando ela própria oferece essa ajuda, colabora-se tão somente para o seu desencorajamento e desânimo. São contraproducentes as alegações de que a criança não poderá executar aquilo que pretende fazer para nos ajudar, porque seja pequena, incapaz ou inútil. A mãe compreensiva, inteligente, saberá agir de maneira diferente; saberá aceitar qualquer ajuda que os filhos lhe ofereçam, mesmo que tenha depois de refazer todo o trabalho por eles executado. Tais mães sabem que a noção de responsabilidade não surge milagrosamente na vida de uma criança; ela deve, outrossim, ser incutida, desde cedo, no seu espírito. Aceitam a sua colaboração porque não ignoram que a criança que sabe que é útil, que vê apreciados os seus esforços, que sente que é levada a sério, se compenetrará da sua responsabilidade, e esse sentimento se desenvolverá nela em proporção ao crescimento.

Hoje, em que é tão grande a crise de responsabilidade, todos os pais deveriam trabalhar a fim de que os seus filhos tivessem dela uma noção mais perfeita, estimulando-as, aceitando a sua ajuda, determinando mesmo pequenos trabalhos de acordo com a idade, e demonstrando toda a sua confiança e satisfação. É condenável a atitude daqueles que, aceitando a ajuda dos filhos, passam a repreendê-los e castigá-los quando a tarefa não é executada com perfeição. O acertado, nesses casos, seria mostrar-lhes o erro sem procurar ridicularizá-las. Porque, a criança que é repreendida, castigada ou ridicularizada por haver cometido erros quando pretendia ajudar, erros que provêm da sua pouca experiência, se retrai e jamais procurará ajudar em alguma coisa, a fim de evitar possíveis erros e prováveis castigos. Cabe, portanto, aos pais, apreciar não só os esforços como também os resultados de tais oferecimentos, com paciência e compreensão, a fim de não ferir a suscetibilidade infantil e a fim de não prejudicar o seu entusiasmo, tirando-lhes assim a "chance" de se tornarem úteis e de desenvolver em seu espírito o senso da responsabilidade.



Quarto para meninas; móveis brancos pintados em cores vivas. Ao pé das camas, estão utilíssimas arcas pintadas com os mesmos motivos

NÃO HA MAIS IDADE INGRATA



SIM, já vai longe o tempo em que vestir uma adolescente de dez a quinze anos, consistia um verdadeiro problema. A própria conformação do corpo, ainda indefinida, tornava difícil vesti-las de maneira adequada; ou eram vestidas como crianças ou se tornavam caricaturas de adultos. De uma ou de outra maneira, não eram nada favorecidas. Agora, felizmente, com a vida ao ar livre e a ginástica; com a preocupação dos costureiros em desenharem roupas exclusivamente para elas, deixou de existir a "idade ingrata". Aqui, por exemplo, além de uma garota que mostra como se obter uma figura graciosa e elegante, temos alguns modelos interessantes e originais, executados em linho ou algodão, que as tornarão ainda mais alegres e graciosas.



Week-end NA COZINHA



A massa para tortas é sempre a mesma, podendo variar o recheio.

Preparação: Cozinhase o macarrão deixando-se escorrer bem numa peneira até ficar completamente enxuto. Em seguida, põe-se numa vasilha, ajuntam-se-lhe o molho branco, o queijo, as gemas batidas, uma pitada de sal e as claras em neve. Mistura-se tudo muito bem, despeja-se numa fôrma untada com manteiga e polvilha-se por cima com farinha de rosca. Leva-se ao forno quente onde deve ficar até endurecer. Depois de completamente frio, vira-se num prato. Serve-se com frango assado ou com croquetes.

MARQUESA DE FRUTAS

Ingredientes: 200 grs. de açúcar, 500 grs. de creme de leiteira, sorvete de qualquer fruta, frutas do sorvete empregado.

Preparação: Faz-se um sorvete de qualquer fruta e deixa-se ficar à parte. No momento de servir, junta-se-lhe o creme de leiteira batido com o açúcar. Mistura-se tudo, bate-se rapidamente, põe-se um pouco em cada taça e garante-se com frutas da mesma qualidade do sorvete, cortadas em pedacinhos e passadas no açúcar.

CREME DE ABACATE

Ingredientes: 250 grs. de açúcar, 3 abacates de tamanho regular, 1 limão.

Preparação: Tira-se a polpa dos abacates e passa-se numa peneira. Em seguida, juntam-se-lhes o açúcar e o caldo de limão, batendo-se continuamente. Depois de bem batido, despeja-se numa vasilha e põe-se na geladeira.

LIMONADA AMERICANA

Ingredientes: 200 grs. de açúcar, 1 limão, 1 cálice de licor de Beneditinos, 1 fatia de limão verde, 1 garrafa de água mineral.

Preparação: Num copo grande, põe-se o açúcar e o caldo do limão galego, anteriormente coado. Em seguida, enche-se o copo com água mineral e mexe-se bem; junta-se-lhe depois a fatia de limão e, no momento de servir, acrescenta-se o licor, porém, sem misturar.

BISCOITOS DE QUEIJO

Ingredientes: 200 grs. de farinha de trigo, 150 grs. de manteiga, 150 grs. de queijo de Minas duro e ralado.

Preparação: Juntam-se todos os ingredientes numa tábua e amassa-se tudo até poder enrolar. Em seguida cortam-se os biscoitos, põem-se num tabuleiro polvilhado com farinha de trigo e assam-se em forno quente.

SOPA DE FEIJÕES E TOMATES

Ingredientes: 250 grs. de feijão branco, 4 tomates grandes, 4 batatas grandes e farinhosas, 100 grs. de manteiga fresca, 2 alhos porros, sal, pimenta e salsa.

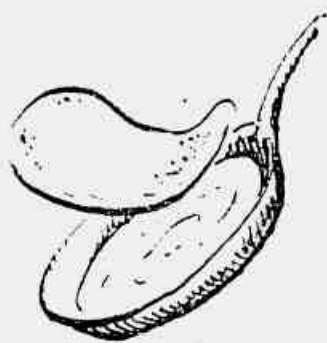
Preparação: Cozinhase o feijão e passa-se na peneira. Numa caçarola de tamanho regular põe-se a massa e junta-se água em quantidade conveniente conforme o número de pessoas. Acrescentam-se em seguida os tomates cortados, as batatas descascadas, a parte branca dos alhos cortados em pequenos pedaços, a salsa e a pimenta. Deixa-se cozinhar durante 3 ou 4 horas em fogo lento. Na ocasião de servir junta-se a manteiga. Se a sopa estiver bem espessa, adicionam-se algumas pérolas do Japão.

BOLO DE MACARRÃO

Ingredientes: 200 grs. de macarrão fino; 100 grs. de queijo parmesão ralado; 100 grs. de farinha de rosca, 3 xícaras das de chá, de molho branco, 3 ovos e sal.



Para que o macarrão não fique ligado, convém passá-lo ligeiramente em água fria, depois de fervido.

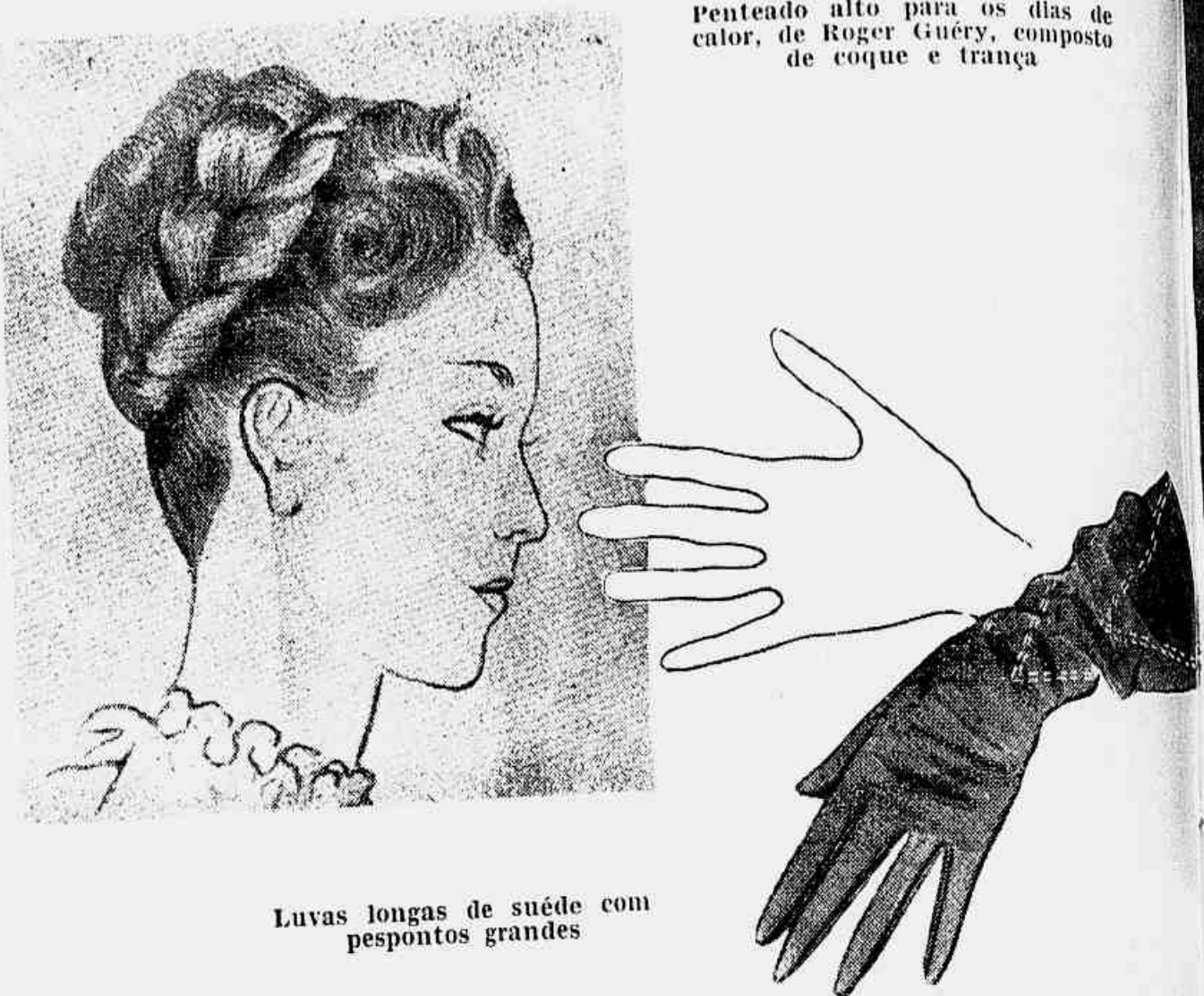


As panquecas tanto podem servir como prato salgado ou como sobremesa, dependendo unicamente do seu recheio.

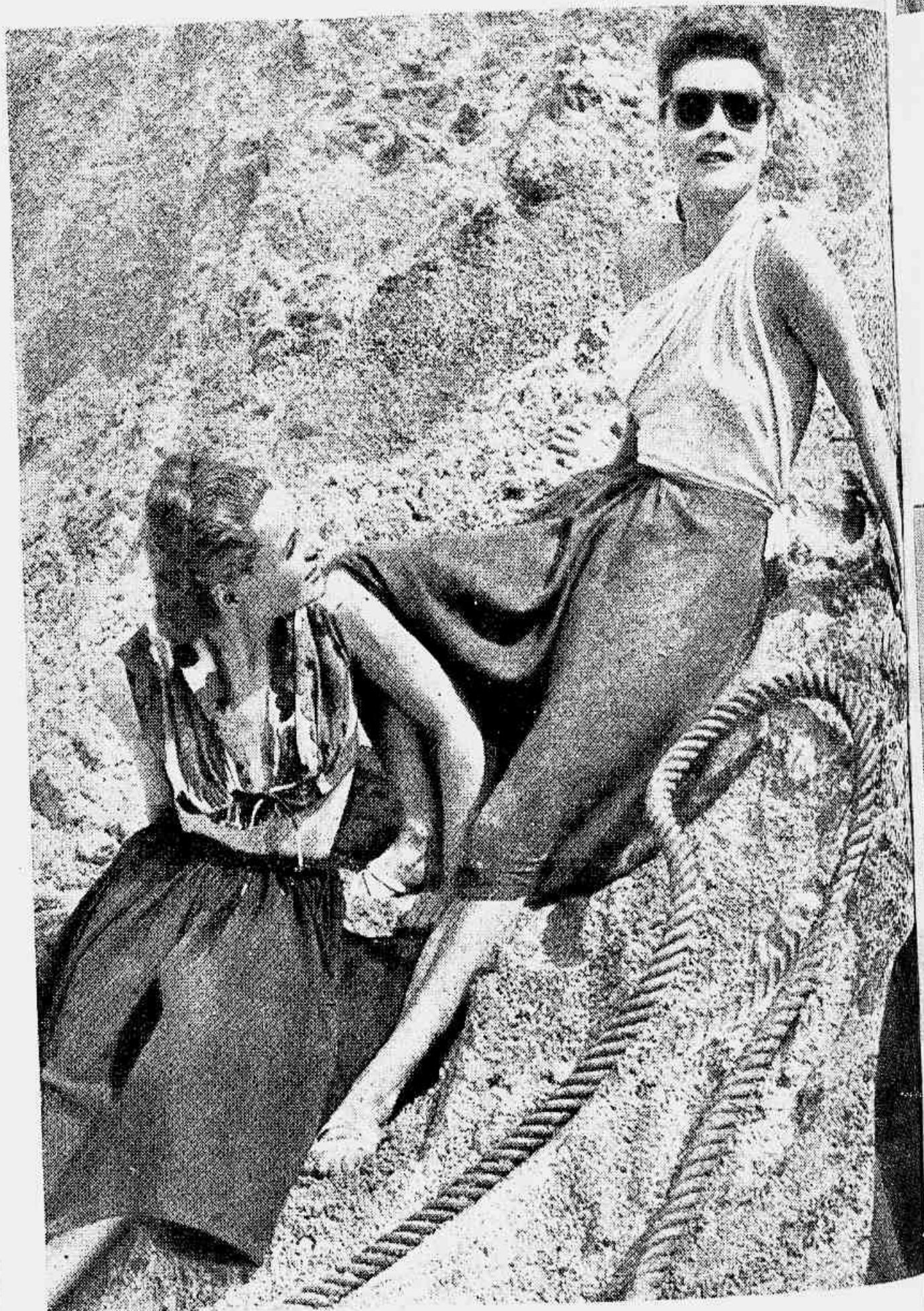


O vasilhame onde se ferve o leite deverá estar sempre rigorosamente limpo, pois do contrário arriscar-se-á a estragá-lo.

Penteado alto para os dias de calor, de Roger Guéry, composto de coque e trança



Luas longas de suéde com pespontos grandes

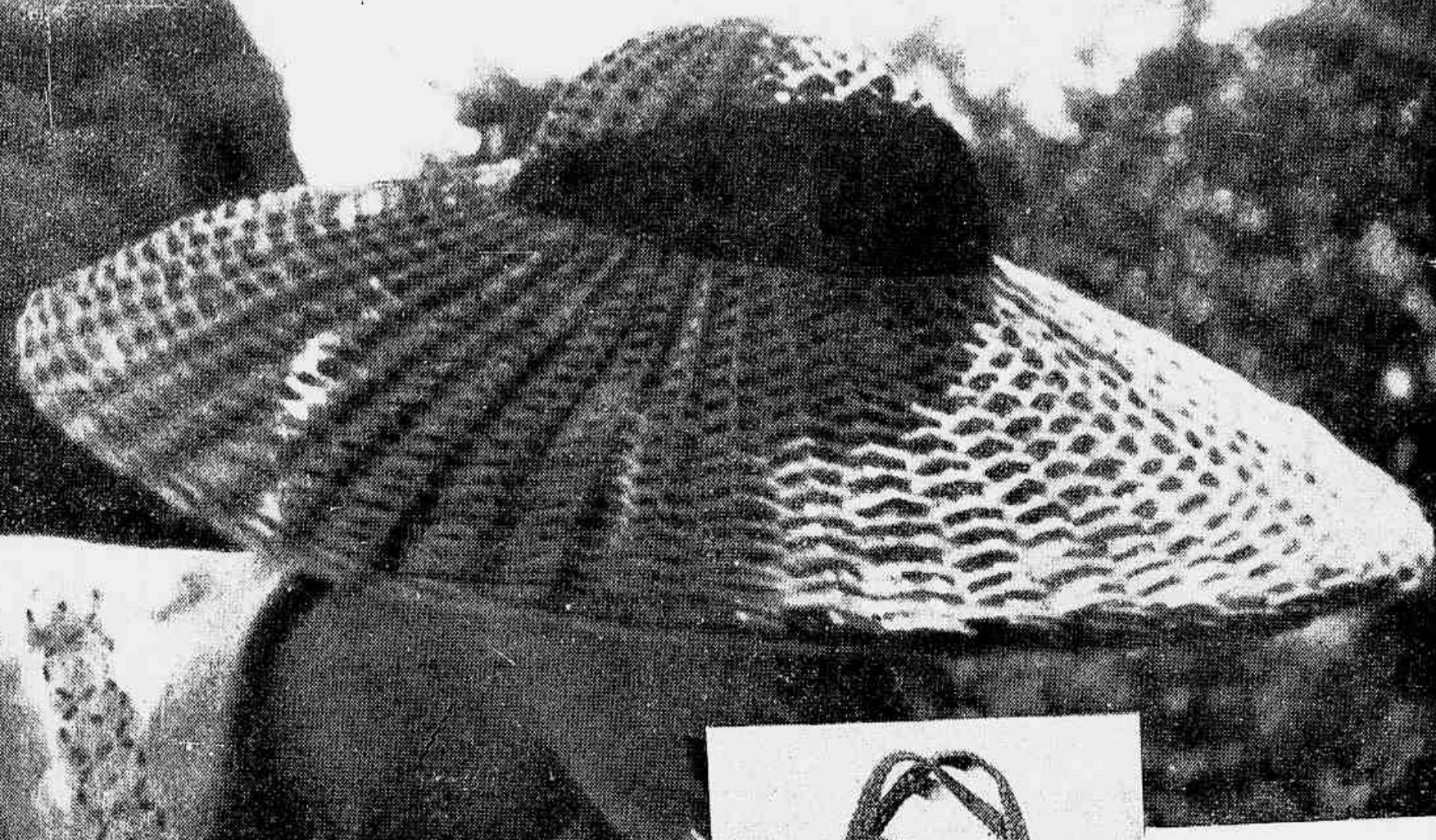


Elegantes trajes para a praia compostos de duas peças, em fazendas lisas e estampadas

Cinto de corda com borlas e franjas

As pérolas, quer como colar ou pulseira, são de grande efeito para um traje de noite





Grande chapéu para verão de palha, imitando vime, fita em veludo



DETALHES E NOVIDADES

Para as noites de calor, camisola em cambrala com barras bordadas



As grandes golas invadem os trajes de praia. Aqui vemos um interessante exemplo



"Maillot" em "tricot" para menina de três anos



Para um "tailleur" esportivo, Arne Dahl, da Metro Goldwyn Mayer, escolheu este sapato em cromo mustarda



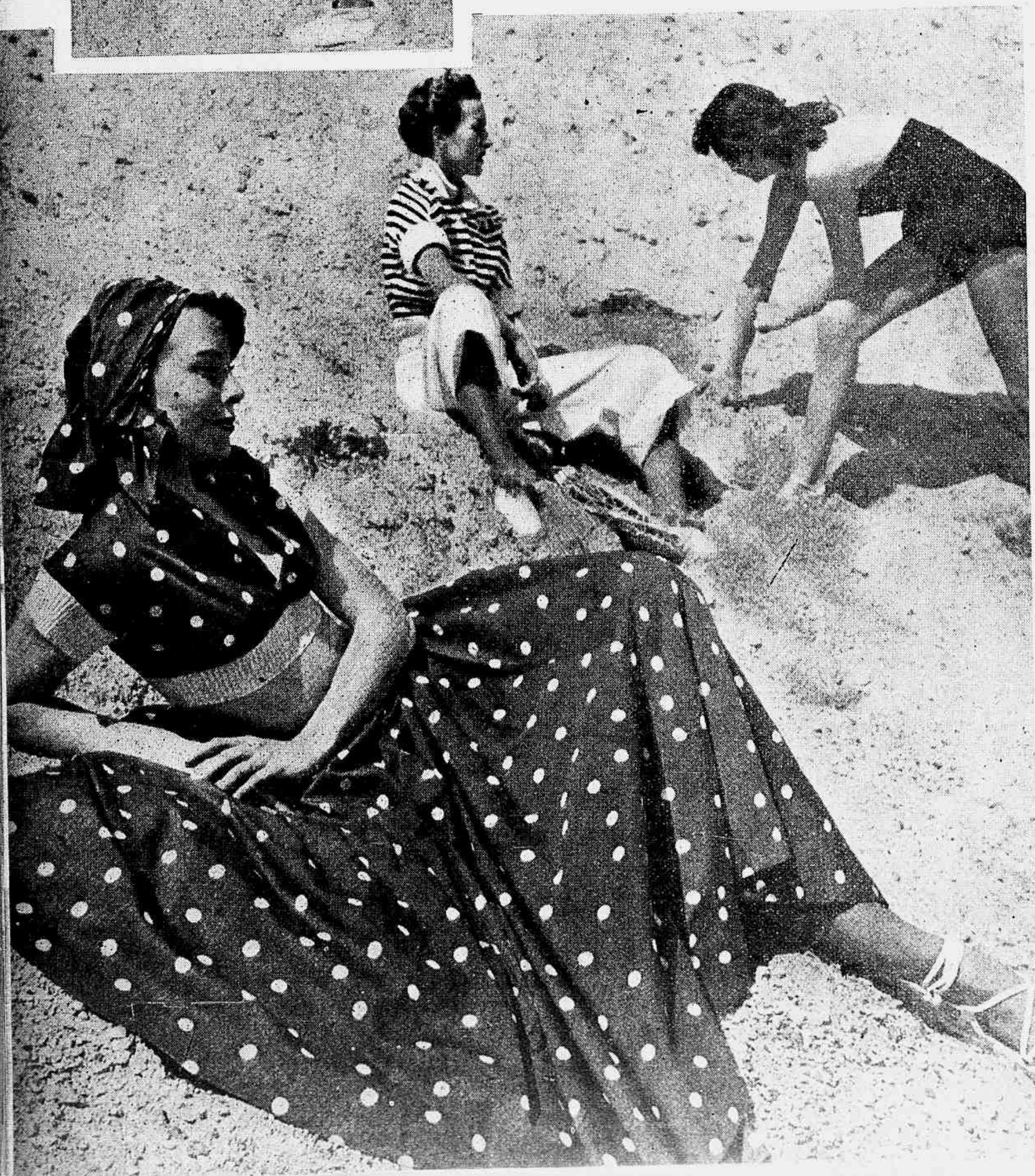
Você poderá fazer este "beret" em "crochet"

As miniaturas e os pingentes estão em grande moda. Aqui vemos as joias de Audrey Totter, da M.G.M., em ouro, platina e pedras multicores



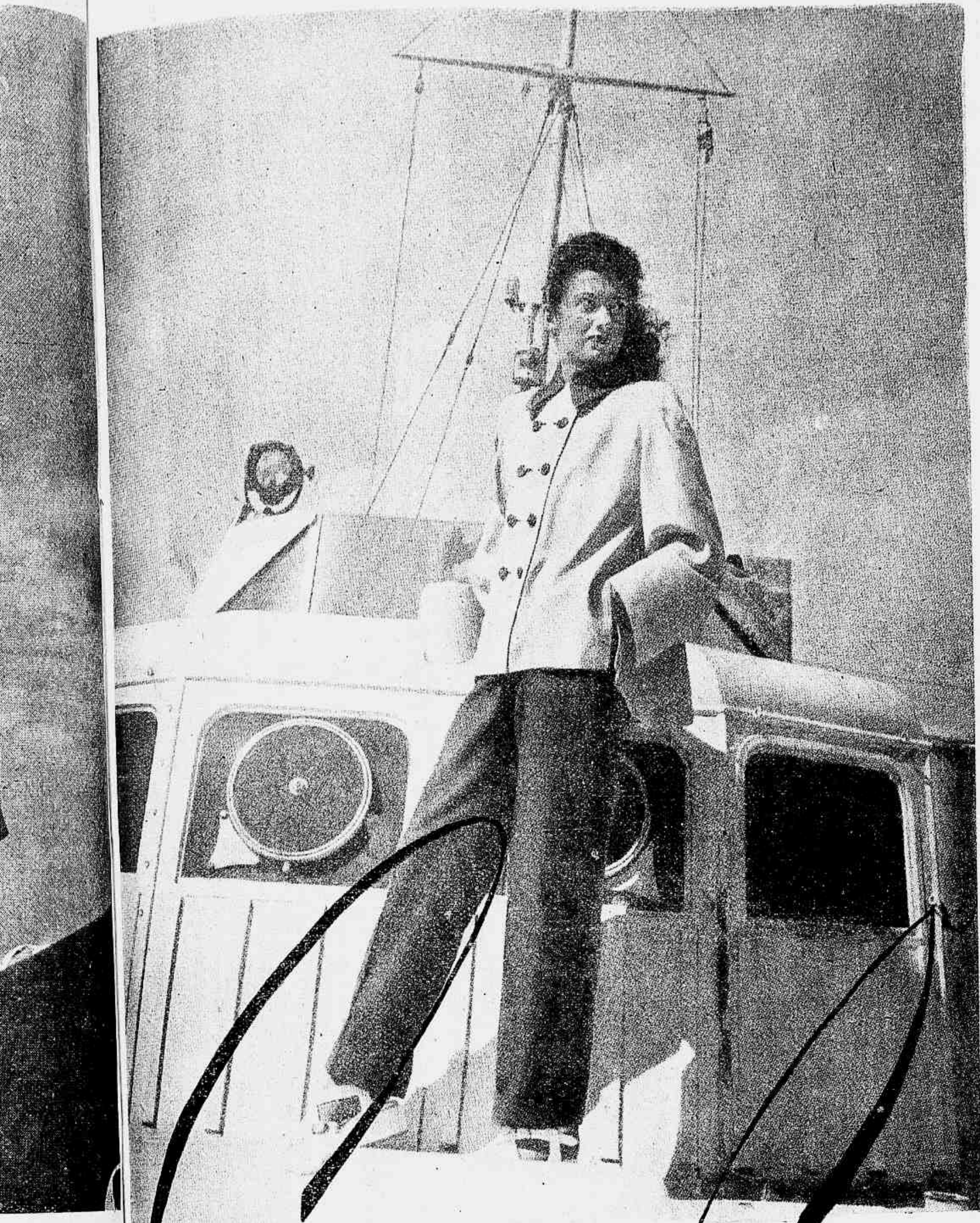


Os trajes de verão denunciam
tôda a alegria de um dia de sol.
Para a praia ou para o campo,
para o esporte ou para a cidade,
êles são sempre vistosos, alegres
e originais.



DIAS DE

Ao alto: De Christian Dior é êste casaco azul para ser usado com o traje marron. Se você gosta de velejar, aqui está uma sugestão de Pierre Clarence. Calça de linho azul e **sweater** multicolor. Aqui, Jeanne Lafaurie sugere uma calça em linho vermelho com um casaco amarelo, **Godel**, ligeiramente mais comprido atrás. Chapéu de palha destiada. **Em baixo, à esquerda:** De Madeleine de Rauch, saia e bolero em percal verde com pastilhas brancas. Sanfona de **tricot**, no bolero



Ao alto: Esta é uma segunda sugestão de Pierre Clarence, casaco de albene, de linhas retas e botões do tecido da calça. **Em baixo:** De Cristian Dior, é este traje em percal marron, calças "três-quartos", franzido na cintura, decote amplo. **A direita:** Modelo em linho, decote em "V" nas costas, saia franzida. Também em linho, saia em panos de dois tons. Modelo gracioso e elegante em tecido unido e estampado. Em listras verdes e brancas, em diversos sentidos

Este casaco
traje marron.
aqui está
ence. Calça
ticor. Aqui,
calça em
co amarelo,
prido atrás.
Em baixo,
de Rauch.
e com pasti-
ot, no bolero

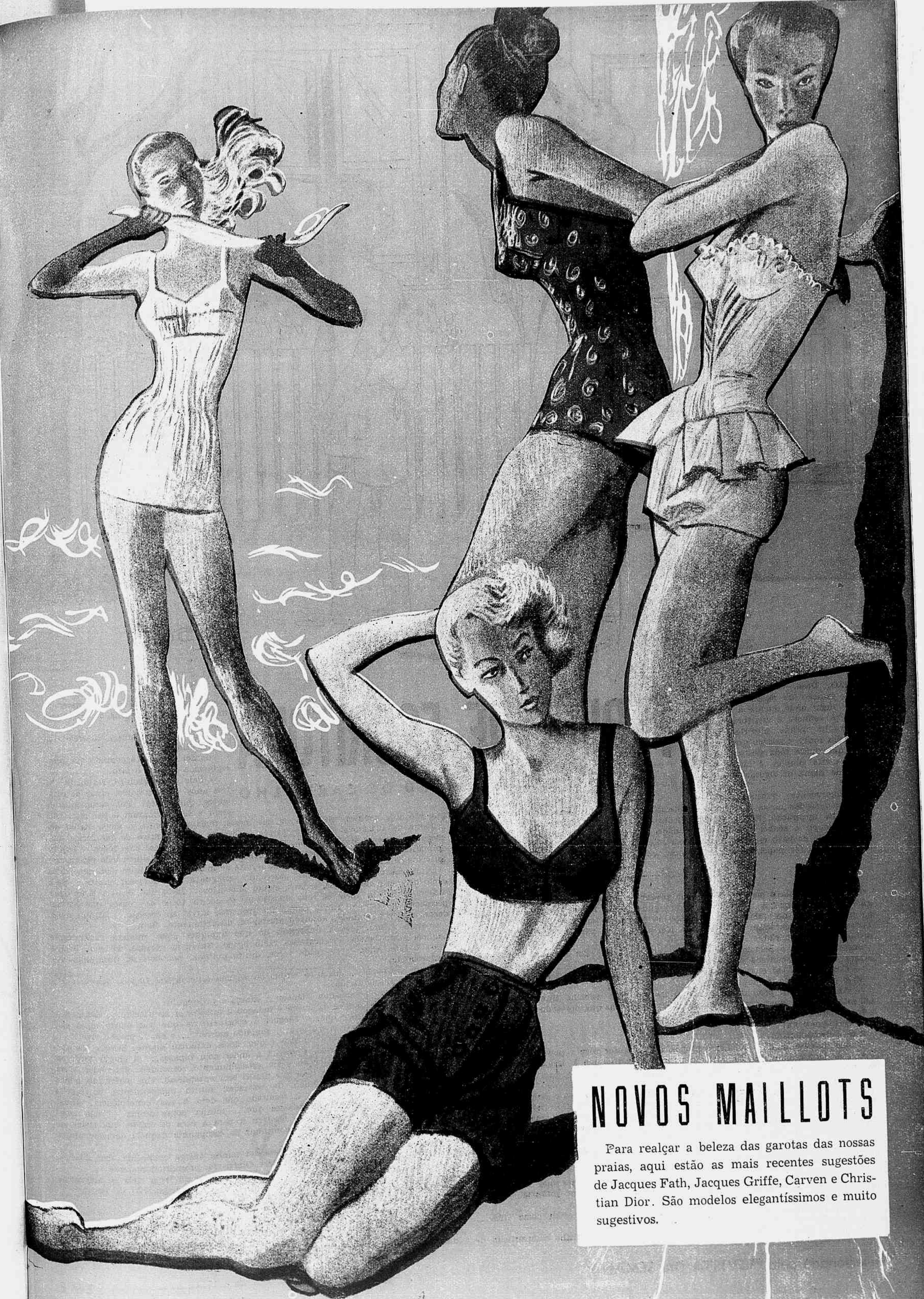
DE



para noite

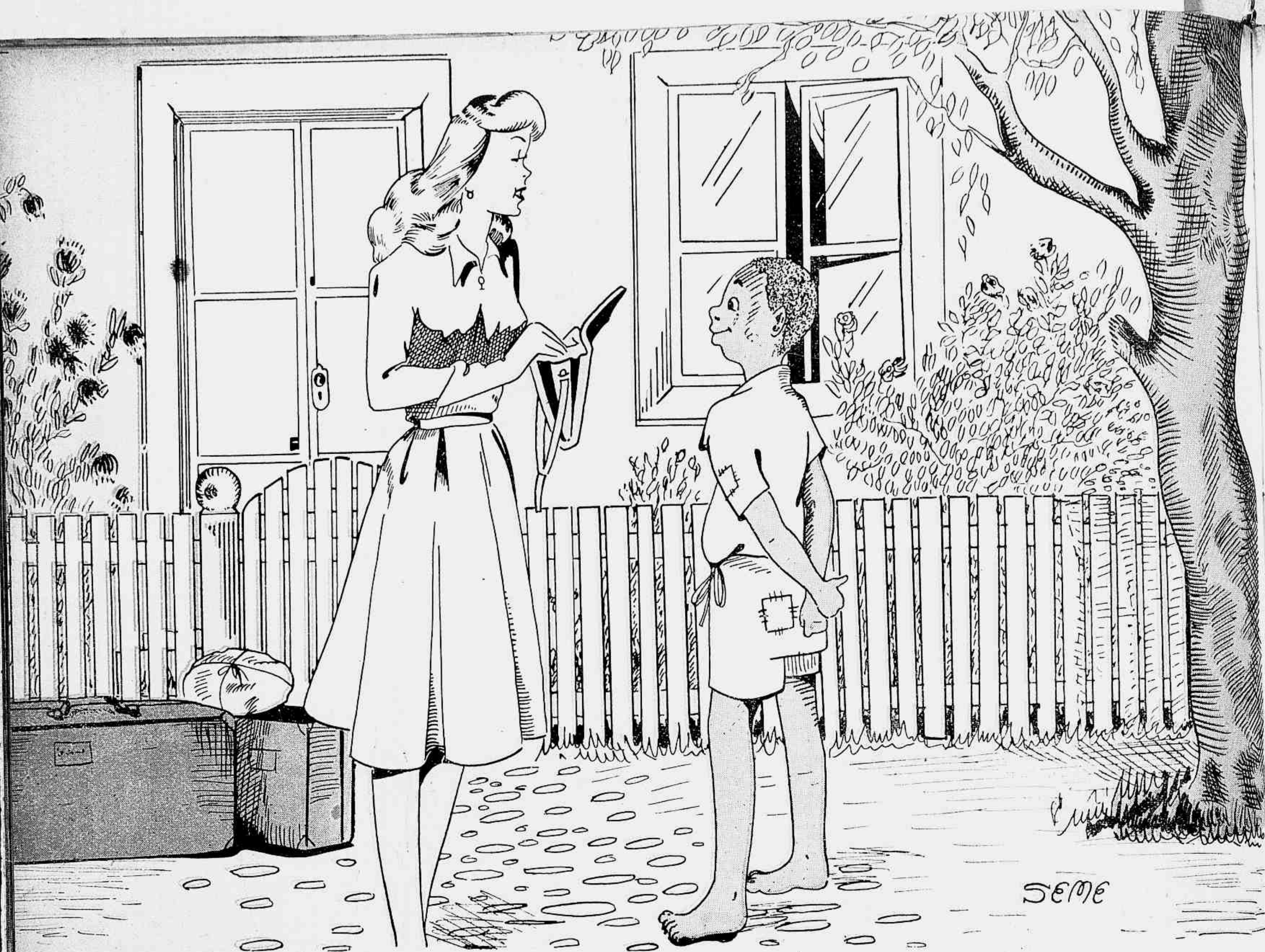
Aqui estão alguns dos mais recentes modelos de Paris, para noite:
À esquerda: De Grés, modelo em jersey canário. Ao centro: De Jacques Fath, saia em tulle, jaqueta em brocado. À direita: De Germaine Lecomte, em tafetá de dois tons

en-
te:
em
De
lle,
ita:
etá



NOVOS MAILLOTS

Para realçar a beleza das garotas das nossas praias, aqui estão as mais recentes sugestões de Jacques Fath, Jacques Griffe, Carven e Christian Dior. São modelos elegantíssimos e muito sugestivos.



NÃO. Dessa vez eu não iria para estação de águas, ou qualquer lugar onde ouvisse a frase habitual: "A senhora é escritora? Ah! Vou contar-lhe minha história. Dá para fazer um conto, e mesmo um romance". (Por que quase toda gente — não me refiro gente simples, é claro — julga sua vida digna de figurar em letra de forma?...)

Decididamente. Procuraria o local onde não fizesse novas revelações e, outrossim, onde se não me deparassem outras fontes de inspiração. Estava difícil descobri-lo, mas o conseguiria. Pensei durante algum tempo, e acabei optando pela cidade pequena em que vivi a meninice. Era um lugarejo de povo modesto e existência monótona. Precisava descansar a máquina de escrever, lapis, papel, e até... de pensar, caso fosse possível.

—oOo—

O trem diminuía a marcha. Revi, com prazer, as paisagens e casas que, há anos, guardara na retina. A locomotiva soltou agudo silvo. Parou. Entreguei as malas ao primeiro menino que enfiou a cabeça na janela do carro. Olhei em derredor. Todas as pessoas pareciam desconhecidas. Dirigi-me, a pé, para a casa de Tia Matilde, distante um quarteirão.

Surpresa, ficou a princípio, estática, a velha parenta. Em seguida, abriu-me os braços. Parecia encantada de me ver. Foi logo dizendo:

— Com certeza vai escrever muita coisa bonita aqui, não é, Helena?

Meio constrangida, respondi:

— Ah! Titia! Fui proibida pelo médico de qualquer trabalho intelectual durante um mês ou mais. Quero ver se, pelo menos, os trinta dias que pretendo passar aqui... Interrompeu-me.

— Oh! Que pena!

Estava decepcionada.

Fiz-me de desentendida, no firme propósito de manter meu repouso.

Após o jantar, convidei Tia Matilde para acompanhar-me à igreja. Sentí desejo de rezar na antiga capelinha.

Acedeu, satisfeita.

Quando voltávamos, passamos por um bar. Chamou-me atenção o grupo de rapazes a conversar, em certa algazarra. No meio, achava-se uma jovem de invulgar beleza. Estranhei tal cena, ainda mais num arraial daqueles. Titia puxou-me pela manga do casaco obrigando-me a estugar o passo. Estava emocionada.

— Vamós, Helena, disse baixinho, em casa explicar-lhe-ei tudo...

Sem compreender, continuei meu caminho a seu lado, pensando na moça de olhos e cabelos negros, dentes magníficos, num riso alegre e desvolto.

Na sala, a idosa senhora falou, com ar triste e confidencial.

— Escute, Helena, quero preveni-la a respeito daquela mulher que você viu no bar... Convém não se avistar com ela... É Beatriz, sua amiga de infância...

— Beatriz? inquiri, admirada.

— Sim, a sobrinha que Leonor — minha grande amiga — criou como filha... Cortei relações com essa... desmiolada, para sempre.

Tia Matilde tremia. Procurei recordar-me da fisionomia de minha companheira de

FÉRIAS DE ESCRITORA

Conto de VERA MILWARD DE CARVALHO

folguedos. Seria difícil reconhecer na linda criatura a pequena de traços vulgares de outrora.

— E' um caso quase inacreditável, minha filha!

Guardei silêncio, esperando que principiasse a relatar o fato.

— Pois é... casou-se, realmente, há três anos, com Ronaldo, rapaz de excelentes qualidades. Foi casamento de amor e eles formaram o par mais feliz

que até hoje conheci. Há coisa de seis meses, mais ou menos, o moço sofreu um acidente de automóvel e veio a falecer... Beatriz desesperou-se de tal forma que, chegamos a recear pela sua razão. Fechou o apartamento nupcial com todos os objetos do marido, como se ele não houvesse morrido. Não quis que ninguém nele penetrasse. Encerrou-se no quarto daquela que lhe servira de mãe — pois sempre moraram juntas — e ali passou quase dois meses, parecendo entregue a uma dor sem limites... Só a custo de muita insistência, tomava algum alimento... Certo dia, Beatriz levantou-se dizendo que iria abrir os seus aposentos. Precisava tocar as cousas que haviam pertencido ao esposo. Talvez aquilo lhe trouxesse alívio ao coração... Minha amiga deixou-a agir à vontade. Resolveu afastar-se, discretamente. Saiu.

Quando voltou, teve a impressão de que qualquer coisa mudara inteiramente naquela casa. Janelas escancaradas, rádio ligado. Subiu as escadas, devagar. Beatriz tirara o luto. Com leve vestido verde, muito pintada, penteava-se, tranquilamente, cantarolando.

Leonor, no começo, julgou-se vítima de alguma alucinação. Depois, pensou que a filha havia enlouquecido...

Minha tia parou, ofegante. Meneou a cabeça e prosseguiu:

— Afinal, aproximou-se da jovem e indagou o que havia acontecido... Respondeu: "Ora, mamãe, acontece que... cheguei à conclusão de que sou muito moça para sacrificar-me e... enterrar-me viva... Ronaldo morreu... e eu... preciso viver!"

Leonor nada compreendeu. O fato é que, dessa data em diante, Beatriz transformou-se. Passou a divertir-se. Começou a andar com rapazes... a chegar tarde em casa. A mãe chamou-lhe atenção, e ela, grosseiramente, respondeu: Era maior, viúva, portanto, senhora de levar a vida que muito bem entendesse. Um parêntesis, minha filha. Beatriz foi educada cheia de vontades; muito independente; entregue a leituras... Agora, Leonor vira o resultado que dera à sua benevolência. Afinal, tornou-se de tal maneira escandalosa que... minha pobre amiga — não tendo coragem para fazê-la mudar-se — resolveu ir para a casa do irmão, que reside em São Paulo. Não era mais possível continuar na companhia daquela desavergonhada!

— Titia!

Foi sem querer. Estava pronta a defender minha antiga conhecida, sem saber se era justo ou não. Minha tia espantou-se. Olhou-me, prescrutadoramente.

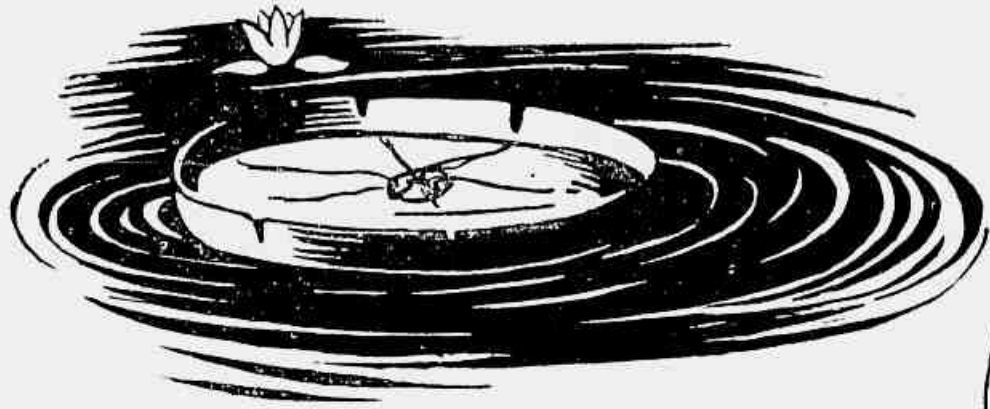
— Helena, veja lá, hein? Todas as pessoas decentes do lugar dela se afastaram. Não se deixe levar pelo seu bom coração e pela sua imaginação de escritora... Dar-me-lhe profundo desgosto...

Nada respondi. Por mais que tia Matilde fizesse por distrair-me com outros assuntos, não conseguia livrar-me o pensamento do estranho caso de minha amiga de infância.

No dia seguinte, depois de noite mal dormida, ergui-me do leito, resolvida a procurar Beatriz, logo que se me apresentasse oportunidade. Faria tudo com habilidade, para não magoar minha tia.

(Continua na página 47)

Da Amazonia



Lendária

...para o seu toucador!

Uma "linha" de perfume diferente e original
caracterisada pelo tom das madeiras d'Amazonia
de fragrancias belas mas inexplicáveis!

Pó de arroz, rouge, extrato, loção e brilhantina em
originais embalagens de madeira. Peça ao seu perfumista

MADEIRAS D'AMAZONIA.



Criações

PHEBO

PERFUMARIAS PHEBO



UMA
NOVA SALA

Por Cr. \$ 98,50
No RIO e em SÃO PAULO



COM
KEM-TONE

- qualquer um pode usá-lo!

TRANSFORME a sua sala num aposento novo, por apenas Cr. \$ 98,50. É tão fácil... você mesmo pode pintar com KEM-TONE as paredes internas de sua casa. KEM-TONE é fabricado em lindas cores e seca em apenas uma hora. Cobre até papel de parede com uma só demão, podendo ser aplicado em qualquer superfície — ... e não deixa cheiro de tinta!

Um galão de KEM-TONE, diluído com água, dá um galão e meio — o bastante para pintar um quarto ou sala de tamanho médio... e custa apenas Cr. \$ 98,50!

ONDE SE VENDE
TINTAS
HÁ SEMPRE

KEM-TONE

TINTAS E VERNIZES
SHERWIN WILLIAMS
do BRASIL

São Paulo: R. Dom José de Barros 264-6º andar
Rio de Janeiro: R. André Cavalcante 23
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

56 523



Asaúde do BEBÊ

DR. SABOIA RIBEIRO

CRIANÇA E CONTÁGIO DA TUBERCULOSE

TRANSMITE-SE a tuberculose pela concepção, ou o contágio é simplesmente externo? Que fazer para diminuir as eventualidades do contágio da criança, no meio infectante?

Na verdade, muitas vezes, é possível estabelecer uma ligação na tuberculose de uma criança, com a de pessoa tuberculosa do meio familiar, com frequência, esta, o pai ou a genitora.

Isto se explica, naturalmente, pela maior intimidade da criança com a genitora. Mas, mesmo neste caso, não se pode afirmar, de um modo absoluto, que já não traga a criança, filho de pais tuberculosos, mesmo que só um deles o seja, uma predisposição, do berço, à doença. É fato bem apurado, por outro lado, que algumas vezes a criança já traz, no momento do nascimento, o germe da doença, o que é, porém, mais ou menos raro.

O contágio, portanto, da tuberculose da criança é, ordinariamente, posterior ao nascimento.

É tão espalhado, porém, o microbio que a produz que, algumas vezes, esse contágio é fora do lar, quer pelo contacto com pessoas portadoras do mal em suas várias modalidades (bronquite, asma, etc.), quer pela poeira das ruas, o trato com o dinheiro contendo germes, mil maneiras enfim.

Não obstante a multiplicidade de meios e formas pelos quais pode a criança contaminar-se, na vida exterior, é por todos os cientistas admitido que, de pais tuberculosos, provém a maioria das crianças com maior receptividade à doença. A criança já nasce, então, com predisposição à doença, e a observação geralmente mostra que a genitora é, já, contaminada, ou porque tenha adquirido sua tuberculose do marido, ou porque a trouxesse consigo, independente deste, e até de sua própria infância.

Numa palavra: "hereditariamente" (empregamos a palavra no sentido comum),

é, geralmente, a tuberculose transmitida aos filhos por contágio materno. Se é o pai o "único" portador dela, sob qualquer forma, ainda assim, os filhos ficarão sempre expostos à doença, por isso que já trazem, de nascença, condições de menor resistência e maiores facilidades de contágio.

Por aí se vê que a verdadeira prevenção da tuberculose, nos filhos, deve pressupor uma vigilância avisada do estado de saúde dos pais, antes da concepção.

Duas são as hipóteses: se há suspeita do estado de saúde dos pais quanto à tuberculose, impõe-se o tratamento de ambos antes da concepção; ou de pai ou de mãe se apenas um deles está atingido pela infecção.

Pelas suas peculiaridades não só de maior convivência, após o nascimento, como



Foto oferecida por Johnson & Johnson

ainda durante a fase da gestação, durante a qual devem ser robustecidas as condições de vitalidade do ser em desenvolvimento, cresce de importância o papel da assistência e tratamento da gestante em relação à sua possível tuberculose, nos casos em que não suspeita e mais ainda se essa já está confirmada. Aliás, por outro lado, alguns eminentes mestres admitem que, durante a gestação, se possam desenvolver certas condições favoráveis a despertar uma tuberculose até então latente na mulher. É, dever, portanto, das gestantes cogitar dessa possibilidade, máxime quando há que suspeitar, quer pelo lado da ascendência, quer pelo seu próprio passado mórbido. E só assim se terá protegido a criança, antes, como depois do nascimento, com relação à tuberculose.

Está claro que o exame dos pais, antes da concepção, e o que melhor ensaja uma profilaxia oportuna e básica.

O exame pré-nupcial, controlando a situação, não pode deixar de ser um alto benefício social, precatando a prole, inclusive, do contágio da tuberculose, quando a origem é daqueles.

Seja como for, a medida elementar da criança nascida de pais tuberculosos é o sequestro — separação de filho e mãe, pois é indiscutivelmente que, mesmo vindo ao mundo sem aparentes predisposições à doença, uma criança em contacto desde o nascimento com pessoa tuberculosa, e maior razão a genitora contrai com grande facilidade a infecção, de uma gravidade extrema nela pela facilidade com que conduz à meningite, quase sempre mortal.

Nessas, ainda, deve ser evitada, o quanto possível, o sarampo e a coqueluche, pelas habituais complicações que podem trazer quando a criança é um predisposto à tuberculose.

A vacinação pelo B.C.G. é medida que se impõe de todas as formas, e imediatamente ao nascimento e até a primeira semana.



UM CONSERVATÓRIO EM CASCADURA — O TAQUÍGRAFO FRANCISCO MIGNONE — CONTRIBUIÇÃO DE F. ACQUARONE

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

CONVERSANDO com três compositores, F. Acquarone reuniu material para algumas entrevistas. Mas, aperfeiçoando-as, juntando-lhe novos dados, lendo, estudando, viu que os seus apontamentos exigiam um desenvolvimento maior. E surgiu a HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA. Sem perder a unidade, a obra é variada, leva o leitor a apreciar o tema sob vários ângulos, satisfaz a todos os gostos. Desde as apreciações críticas, em geral justas, até os largos panoramas históricos que enquadram a evolução da arte, desde os traços bibliográficos até as anedotas, tudo se encontra nestas 350 páginas às quais se poderia aplicar aquela frase do musicólogo Deems Taylor, comentando certa História da Música: "Pode-se discordar do autor — e, em alguns pontos discordamos — mas garanto que a leitura não aborrece". Pelo contrário, a HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA, de Acquarone, prende o interesse. O autor, sem pretensões nem ostentação, mostra segurança, mas evita, deliberadamente, o campo árido das discussões técnicas, que tornaria inacessível a obra ao público, em geral. Fã-lo, entretanto, sem prejuízo do tratamento honesto e sério que dá aos problemas, sem desvirtuar o assunto para que pareça mais atraente e pitoresco. É inegável, por outro lado, que sabe descobrir o que realmente há de atraente e pitoresco, em torno da história da música brasileira, destacando, com estilo leve, aspectos sugestivos, notas curiosas.

UM GRANDE CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DESCONHECIDO

Sirva-nos de exemplo esta deliciosa história que bem revela o temperamento de Villa Lobos.



Maestro Villa Lobos

O compositor, como todos sabem, é rebelde à disciplina das escolas. Seu talento, magnífico, pujante, talento de autodidata, sempre preferiu seguir os rumos indicados pela intuição. Mas, chegando à França, com a sua bagagem artística enriquecida por algumas obras que lhe revelavam a força de compositor, foi logo ouvindo de mestres franceses perguntas insistentes sobre o ensino musical no Brasil e, sobretudo, sobre o Conservatório Brasileiro que mandava à Europa discípulos tão brilhantes. Villa Lobos, impaciente, respondia: — Estudei no meu país, no Conservatório de Cascadura.

E quais foram seus mestres?

— Pixinguinha, Bonga, Bilhar etc.

Resposta típica do impulsivo Villa Lobos, essa alusão ao Conservatório de Cascadura indica, ainda, a ternura com que o maestro

aprecia a música do povo, o carinho especial que ele reserva para ritmos e melodias populares, uma disposição que lhe coloriu a obra, fazendo com que surja, apresentando motivos nacionais em vigorosa e comovente estilização.

CHARUTO, ÓCULOS E A PAPELADA

A figura de Villa Lobos é tratada, no Livro de Acquarone com especial atenção. Reconhecendo-lhe o valor, Acquarone evoca, em páginas cheias de recordações pessoais, o aspecto amável e turbulento, que singulariza o mestre.

"Encontrei-o chupando um charuto, óculos encavalados na ponta do nariz, em meio de uma papelada enorme espalhada sobre a mesa". (p. 24).

Aliás, um dos aspectos mais interessantes da HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA é justamente essa preocupação de apresentar uma visão humana dos compositores, tratando-os com respeito e simpatia, mas sem cerimônia e protocolo. Assim, veremos Lorenzo Fernandez confessando que só consegue trabalhar a sós à noite, aproveitando o silêncio.

De Lorenzo Fernandez, ainda: "O ambiente exterior exerce grande influência sobre mim. É de tal ordem que, quando estava compondo o drama lírico Malazarte, por exemplo, sentia necessidade de ir, continuamente, à praia da Boa Viagem, em Niterói. E ficava ali, contemplando, longamente, demoradamente o mar... E ficava sentindo o que me vinha da natureza". (p. 52).

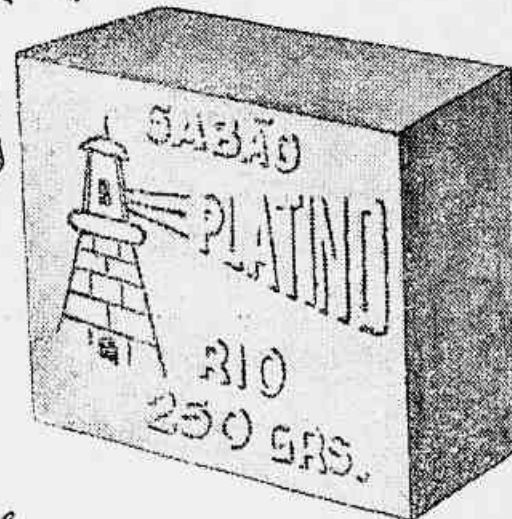
FRANCISCO MIGNONE, TAQUÍGRAFO

O autor vai desvendando aspectos da vida de nossos compositores. À página 65, surpreenderá Francisco Mignone "em mangas de camisa, suando em bicas" e manterá com ele uma palestra sobre sua música. Saberemos ainda, que "quando lhe vem a inspiração de algum tema, Mignone costuma tomar suas anotações — esteja onde estiver — em pedacinhos de papel que leva sempre nos bolsos. Às vezes, quando lhe falta o papel, escreve num embrulho, na capa de um livro ou de uma música. Traça depois a primeira tentativa a lápis, tão sintética que o próprio compositor, passados alguns dias, dificilmente consegue decifrar. Tais apontamentos, constam de abreviações e sinais e constituem uma verdadeira taquigrafia, toda especial, inventada na hora pelo autor". (p. 65).



É o que afirmam milhões de donas de casa em todo o Brasil por haverem encontrado no SABÃO PLATINO qualidades excepcionais, algo diferente que supera tudo quanto se possa desejar e exigir de um grande e maravilhoso SABÃO. As roupas mais limpas e cheirosas; maior eficiência e rendimento nas lavagens a par da pureza absoluta que lhe emprestam os óleos vegetais de que é fabricado, fizeram de PLATINO o mais falado e usado SABÃO do Brasil. Mas convém não esquecer de que tudo o que é BOM e se torna FAMOSO passa a ser imitado. Por isso, ao comprar SABÃO PLATINO,

EXIJA-SE SEMPRE
MARCADO ASSIM



Do contrário,
não é legítimo

ATENÇÃO! SENHORAS DO INTERIOR ATENÇÃO!
Se na cidade onde mora o seu fornecedor não tiver SABÃO PLATINO, peça diretamente à fábrica uma caixa de 16 pedaços, de 250 grs. cada, por apenas Cr\$ 40,00 pelo REEMBOLSO POSTAL

COUPON DE PEDIDOS

Queiram enviar-me ... do famoso SABÃO PLATINO

Nome

Rua Nº

Cidade ou localidade

SEM MAIS DESPESAS

Recorte e remeta este coupon diretamente para
CARLOS PEREIRA, INDÚSTRIAS QUÍMICAS S/A
Caixa Postal 216 — Rio de Janeiro

O SABÃO DAS GERAÇÕES



Líquido, sólido e em bastões para barba

Há 118 anos que o "Sabão Russo" beneficia os lares. Daí a confiança de que goza em nosso meio. Os filhos ouviram o seu elogio da boca dos pais, os pais dos avós, os avós dos bisavós. Todas as gerações souberam que se deve ter sempre em casa, ao alcance da mão, um vidro de "Sabão Russo". Ele é o amigo, o médico, o confidente, sempre pronto, de dia ou de noite, a prestar-nos auxílio.

A VOLTA DE FLAVIO COSTA AO FLAMENGO!



— Naquele caixote era que o Severino guardava as economias que não queria depositar no Banco para evitar falatórios: é o nosso cofre — explicou, com cara de ingênuo, a gorda senhora.

O Armando estava pisando em brasas... Receou ter uma síncope... Tanto dinheiro ali e êle sem um níquel! Ah, mundo mal dividido!... Era preciso agir, casar logo, antes que um pirata qualquer, um desses indivíduos sem escrúpulos, sabedor da história, avançasse e casasse com a Mirandolina, arrastando a **bolada**... Dinheiro em casa, dinheiro no Banco, prédio próprio para residência e ainda uma gorda pensão! Que mina! E tudo aquilo exposto à falta de escrúpulos de um descarado qualquer...

Para encurtar a história: o Armando namorou, noivou e casou dentro de dois meses. Estava louco de paixão e não era para menos... Na primeira semana, em plena lua de mel, não falou em dinheiro. Seria deselegante... Na segunda propôs vender a casa, o que a esposa recusou. Na terceira, porém, soube que havia uma vacaria exposta à venda e decidiu-se. Pegou na caderneta e foi muito alegre ao Banco do Brasil. Ao funcionário que o atendeu disse, com ares de importância, entregando a caderneta:

— Quero liquidar esta conta. Diga qual é o saldo.

O rapaz abriu a conta corrente e respondeu:

— Dezesseis cruzeiros e dez centavos.

O Armando, que julgou ter ouvido mal, indagou novamente:

— Quanto?

— Dezesseis cruzeiros e dez centavos — repetiu o serventuário.

— O senhor deve estar enganado! Pela caderneta o saldo não deve ser inferior a 25.000 cruzeiros.

— Enganado creio que quem está é o senhor — replicou o funcionário. Julga ter um saldo de 25.000 cruzeiros porque na caderneta só estão escrituradas as quantias depositadas. Não lançaram os cheques emitidos. Eu vou pô-la em dia e o senhor verá.

Entregou-a, depois, com todos os lançamentos. O saldo era, realmente, Cr\$ 16.10. O marido da **viúva rica** sofreu um choque terrível, que soube dissimular. Para não perder a oportunidade indagou:

— Diga-me, por favor, quanto é a pensão da minha esposa?

O rapaz olhou para ele, fez um ar de riso e respondeu:

— Era de Cr\$ 1.020,00 mensais.

— Era?! — indagou o Armando, que não compreendeu bem ou pensou ter ouvido mal.

A novidade fôra forte de mais... O Armando ficou tonto, pálido, sem graça, como se lhe tivessem dado uma bruta pancada na cabeça, e saiu cambaleando, como bêbedo, mal acertando com a porta. Sentou-se em frente ao Banco, debaixo de uma árvore, e logo que melhorou pôs-se a raciocinar...

Então era aquêlê o dinheiro depositado no Banco?! 16 cruzeiros e 10 centavos... E, além disso, perdida a pensão de mais de mil cruzeiros mensais!... Por que não lhe tinham avisado que uma viúva, casando novamente, perdia a pensão? Afinal fôra um perfeito idiota e querendo bancar o sabido deixara-se embulhar como um tabaréu ignorante que vai ao Rio de Janeiro pela primeira vez... Lembrou-se, porém, do prédio e do caixote. Reanimou-se. Nem tudo estava perdido. E como ali perto ficava o cartório do Tabelião Almendra, foi até lá saber a situação jurídica do imóvel, pois o inventário do Severino já deveria estar terminado. Outra decepção o esperava: a casa estava hipotecada. E a hipoteca vencida, em véspera de ser executada...

O Armando deixou o cartório sem dizer sequer até logo... Saiu feito um louco, rumo a casa. Entrou como uma fera e doze, pela empregada, que a Mirandolina fôra ao dentista. Não esperou por ela: dirigiu-se à cozinha, pegou na machadinha e num martelo e zaz! Arrancou a tampa do caixote. Desta vez ele cambaleou e quase caiu. O caixote estava cheio de areia da praia...

Como que propósito vem entrando a Mirandolina, bem alegre, num vestido azul celeste, sombrinha nova, que o dia estava claro, o sol brilhava e um almôço saboroso a esperava. Ao deparar com o caixote sem tampa, avançou para o espôso aos gritos:

— Eu não disse a v. que não bulisse no caixão de numerário?

— Caixão de numerário, hein? Caixão de numerário, hein, grandíssima vaca....” — foi dizendo o Armando, rubro de cólera, decepcionado, ao mesmo tempo que avançava perigosamente com o martelo na mão direita.

E logo que chegou a distância conveniente de sua digna esposa não teve pena: deu-lhe duas marteladas na cabeça, tipo martelada-de-cego, e o sangue espirrou, enquanto a Mirandolina, dando um grito horrível que alarmou a vizinhança, caía no chão, sem sentidos.

A ex-viúva morreu, no hospital da Santa Casa, dois dias depois, sem ter recobrado os sentidos. O júri, composto, certamente, de homens maus que nunca tinham se casado com viúvas ricas, condenou o Armando a 16 anos de prisão celular. Em junho d'êste ano, quando visitei Parnaíba, fui encontrá-lo na cadeia daquela cidade. Disse-me o carcereiro que êle está meio maluco e passa todo o tempo calado, embalando-se numa rêde suja, na cela em que o meteram. E nas raras vêzes que fala diz apenas, em voz muito baixa:

— Casa própria... Dinheiro no Banco... Caixote de numerário... Viúva rica...

Repete muitas vezes essas palavras. E quando se cala faz um gesto inconveniente que, decerto, pessoa alguma julgará necessário deveser descrito aqui.

Férias de escritora

(Continuação da página 42)

E essa oportunidade apareceu uma semana após minha chegada. O sino tocava a "Ave-Maria", hora em que, todas as tardes, dirigia-me à Capelinha. Tia Matilde não me acompanhou, nessa ocasião. Antes de entrar na igreja, vi Beatriz que vinha só, em minha direção. Esperei-a.

Ia passando, desreocupadamente, quando a chamei. Fitou-me com ar indiferente.

— Esqueceu-se de mim? — falei, estendendo-lhe a mão.

— Palavra, que...

— Sou Helena de Mendonça. Desde criança não nos vemos.

Continuava abstrata.

— Helena?

Finalmente, esboçou ligeiro sorriso.

— Ah! Sim... Era natural... há quantos anos! Como vai?

Abraçamo-nos.

Trocamos palavras banais e acabamos nos sentando no adro da igreja.

Conversou sobre meus escritos, com certo entusiasmo. Perguntou se me casara.

Disse-lhe que não. Então, com muita diplomacia, falei-lhe no seu casamento.

Com fisionomia perturbada, levantou-se subitamente.

Pedi-lhe desculpas e fiz o que pude para que permanecesse ali, comigo. Sem pronunciar palavra, saiu, deixando-me aturdida.

Fui para casa, impressionada.

Havia mistério naquele caso, um mistério que me deixava louca de curiosidade. De uma coisa tinha certeza: eu não compartilhava da opinião de Tia Matilde e de quase toda a população daquela cidade sobre Beatriz. Estava convencida de que ela não era má e que sofria.

—oOo—

Nos dias que se seguiram a esse episódio, tudo fiz para encontrar-me com minha amiguinha. Mas, foi em vão. Desapareceu de tal modo, que julguei até houvesse viajado. Um dia, comecei a vê-la de novo, porém, notando que me evitava acintosamente.

Chegava a véspera de minha partida. Lamentava não me haver entendido com Beatriz, pelo menos, para tirar-lhe a má impressão a meu respeito. Pensei em ir à sua casa. Se Tia Matilde soubesse, nunca me perdoaria; entretanto, era impossível ir-me embora sem me despedir daquela que, durante tanto tempo, fora minha inseparável companheira e ainda mais, naquelas condições.

Titia fazia a sesta. Não resisti à tentação de aproveitar as suas horas de sono. Sai de casa, rumo à residência de Beatriz.

Parece incrível, mas eu me sentia tão comovida ao bater à porta, que quase desisti. Ela apareceu-me pálida, num elegante quimono azul, cabelos soltos. Parecia uma visão de tão bonita.

— Você aqui, Helena! Não receia...

— Não receio coisa nenhuma Beatriz. Vim cá despedir-me e também trazer minhas escusas... pela admiração... pela indiscreção... naquela tarde...

Seu semblante, há pouco divertido, tornou-se grave, de repente.

— Eu é que tenho que lhe pedir desculpas, falou. Entre.

Ao invés de levar-me à sala de visitas, fez-me atravessá-la, introduzindo-me no interior da casa. Vi-me à porta de seu quarto de casada. Certo mal estar apoderou-se de mim. Perpassaram-me pelo espírito os horrores que se falavam dela... Não me parecia correto transpor essa porta. Todavia, foi questão de segundos. Veio-me logo à mente que eu não tinha o direito de julgá-la, pois, conhecia, de sobre, a maledicência humana. Reagi contra esses preconceitos tolos e entrei.

Beatriz ofereceu-me uma poltrona. Em seguida, encaminhou-se para a secretária de ébano trabalhado, junto à janela. Retirou de uma das gavetas, pequeno caderno. Abriu-o, sem preocupação, em qualquer página. Apresentou-m'o, sem pronunciar palavra. Datava de dois anos e ali estava escrito o seguinte — em letra máscula e firme — "Neusa, infelizmente não pude ausentar-me daqui, esta semana. Toda prudência é pouca para evitar a suspeita de Beatriz. Entretanto, meu amor, creia que longe de você não vivo". Noutra fôlha, com data recente, havia o seguinte: "Querida, a lembrança de nosso último encontro ameniza a falta imensa que sinto de você..."

Bastou, para que eu compreendesse tudo.

Lembrei-me, imediatamente, da história relatada por Tia Matilde. Beatriz só fora descobrir a infidelidade do marido, por intermédio desse diário, dois meses depois de sua morte. Pobre amiga! No dia em que, alucinada de saudade, foi à escrivania de Ronaldo, a fim de sentir um pouco a sua presença, veio a saber que ele amava loucamente outra mulher e que a enganara vilmente, durante dois longos anos! Só ficou a par disso, depois do esposo morto, quando não podia exprobar-lhe o procedimento, ou reclamar seus direitos! Deveria ser cruel!

Levantei os olhos do papel para pousá-los em Beatriz, que soltou uma gargalhada sarcástica e disse:

Não me pude conter. Enquanto a moça continuava rindo, qual uma doida, comecei a chorar...

— Veja você, Helena, que assunto emocional para um conto!

Assim, terminaram minhas férias: um conto dedicado à infeliz amiga de infância e...

—oOo—

Nunca senti tamanho desejo de escrever, como nesse dia, ao deixar aquele quarto... uma grande descrença no amor dos homens...



CAFIASPIRINA
ALIVIA E REANIMA

"INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO"

Vocabulário Completo de Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas.

★

Pedidos pelo Reembolso Postal para
VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 -- Apto. 3 --
TIJUCA -- RIO DE JANEIRO

PREÇO: Cr\$ 20,00

CARTEIRINHAS SOCIAIS

Associações — Clubes — Colégios —
Sindicatos — Centros Espíritas, etc.
— Qualquer quantidade

MOACYR F. FREITAS

AV. PRESIDENTE VARGAS, 831
SOBRADO — TELEFONE 43-5476

Atendemos pelo Reembolso Postal



Superball

V Congresso Eucarístico

(Continuação da pág. 31)

do Congresso, pelo côro da Juventude Católica.

No dia seguinte, à noite, prosseguia com invulgar solenidade o V Congresso Eucarístico Nacional, realizando-se a procissão fluvial de indescritível esplendor, conduzindo-se a Sagrada Eucaristia, da Igreja dos Navegantes para a de Nossa Senhora das Dores. Às 21 horas, dava-se início à imensa procissão, com a presença de todos os cardeais e bispos, autoridades e povo, com luzes a iluminar o pátio sob o qual ia o riquíssimo Ostensorio, até ao "Jenny Naval", pequeno navio do Guaíba que ia servir à emocionante peregrinação noturna, naquele préstito de inesquecível beleza e fé religiosa de nosso povo. Ao passar pelos outros navios e belonaves ancorados no porto, o Navio-Altar foi inundado com os facho de luz dos holofotes e saudado com silvos de sirenes e longos apitos de suas máquinas, enquanto suas tripulações erguiam exclamações e vivas de entusiasmo.

Ao chegar ao portão do cais da cidade, quase à meia-noite, ali estava à frente de enorme massa popular o governador

Valter Jobin, acompanhado de seus secretários, do chefe de polícia e outras autoridades civis e militares. Formando-se novo préstito, foi a procissão para a Matriz de Nossa Senhora das Dores, conduzindo a Sagrada Eucaristia, recebendo pela compacta massa de povo em toda a grande extensão desse percurso, as mais piedosas provas de educação cristã e fé na Religião Católica. Logo que o Cardeal D. Jaime Câmara, Legado do Papa, depositou o Ostensorio, deu a bênção ao público presente, iniciando-se então missa solene, recebendo a comunhão inúmeros fiéis.

Essa solenidade com que se iniciou o V Congresso Eucarístico Nacional, serviu também de comemoração ao primeiro centenário da instalação do Bispado na metrópole gaúcha.

Durante quatro dias, a cidade de Porto Alegre esteve ligada de alma e coração às solenidades levadas a efeito no Parque Farroupilha e em diversos templos da capital, até que, a 31 de outubro, com as últimas solenidades do Congresso, foi o mesmo oficialmente encerrado. Um dos pontos máximos desse encerramento, foi a oração que S.S. o Papa Pio XII pronunciou pela Rádio do Vaticano e

dirigida especialmente aos participantes do V Congresso Eucarístico Nacional.

Para mostrarmos a grandiosidade desse comício de fé e o imenso interesse despertado em toda a vastidão do nosso território e mesmo no estrangeiro, vamos resumir as seguintes notas:

Cerca de duzentos sacerdotes ministraram comunhão a mais de setenta mil pessoas, entre crianças e adultos de ambos os sexos. Vieram centenas de peregrinos do Uruguai e da Argentina. Na procissão do encerramento, tocou a banda de clarins dos Dragões do Rio Pardo, com o uniforme histórico desenhado em Portugal em 1786, e mandado confeccionar agora, especialmente para esse ato pelo Comando da 3.ª Região Militar. Cerca de mil sacerdotes estiveram presentes ao Congresso. Impressionou a todos a impecável ordem reinante durante as solenidades e o perfeito serviço de assistência ao povo e aos milhares de colegiais e filiados a congregações que tomaram parte nas solenidades. A imprensa foi objeto de todas as atenções por parte da Comissão Promotora. Foi muito elogiado o plano e desenho do Altar Monumental, em forma de leque, com dez seções, da autoria e execução do engenheiro Cristiano de La Paix, diretor do

Serviço de Arquitetura da Municipalidade da capital gaúcha.

O Elevador N.º Dois

(Continuação da pág. 15)

dos, ainda não tinha havido um só vislumbre de ciúmadadas entre ambos.

— Ouça, seu bobinho, continuou ela, — Conheço Mr. Moxtey de muito antes de casar-me com você, e ainda mais; muito antes de ele tornar-se tão rico como é hoje. Morava com a família numa rua próxima à nossa, em Hampstead, e eu fui colega de escola de uma sua irmã. Por isso George, penso que ele nos ajudará.

— Não preciso de caridades, disse ele algo indignado.

— Não poderia você dominar esse orgulho, por mim, por Audrey? Não vou pedir misericórdia nem esmolas. Desejo apenas expor nossa situação e solicitar que ele nos auxilie a conseguirmos um emprego para você, entre as inúmeras amizades de que dispõe. E estou certa de que Moxtey poderia arranjar-lhe trabalho.

— Está bem, está bem, respondeu George. Para toda tempestade há sempre a esperança de um porto. Não vejo salvação, embora nenhuma inconveniência haja em você procurá-lo. Ele pode apenas recusar atendê-la.

Mas, o que muito desapontou George foi justamente o não ter Moxtey recusado ajudá-lo por intermédio do pedido de Molly. Veio pessoalmente à casa deles, dois dias depois do pedido da jovem esposa. Visitava-os com todo aquele ar feliz de homem opulento, cheio de dinheiro e importância, a exibir jóias e caros relógios de pulso. Cuidadosamente penteado, sua cabeleira brilhante toda posta para trás, realçava-lhe a testa ampla de homem inteligente e de negócios. Com seu sorriso franco e os olhos algo fora das órbitas, dirigiu-se a Molly:

— Minha pobre menina. Muito sinto ao vê-la assim, em tal situação. Vou ver o que poderei fazer em seu benefício; é verdade que esse ramo de motores, de mecânica, em que é perito seu marido, não é exatamente o meu. Mas, como estou tratando de comprar uma garagem, é provável que possamos colocá-lo ali. No momento, porém, — e passou na face a mão bem cuidada pelas manicuras lançando reflexos sobre Molly e Audrey — no momento não sei, realmente, como vá resolver. Aguarde um pouco.

Súbito, porém, como se lembrasse de uma coisa, voltou radiante:

— Mas... que estúpido sou eu! Penso que o George é o homem exato de que estou a precisar, a quem procuro no momento. — E se dirigindo para ele: — conhece bem a engrenagem de motores Diesel? Poderia tomar conta deles?

— Para mim é o mesmo que fazer um pato nadar. — Respondeu George.

— Meu iate está em Tilbury, disse Moxtey. Conhece alguma coisa de navegação? Ele está bem conservado, aparelhado e possui motores auxiliares "Diesel". Preciso justamente agora de um homem que tome conta dos motores; mas que não exija grandes vencimentos. Poderia dar-lhe cinco libras por semana, com possibilidades de melhorar-lhe o salário, mais tarde. Que acha? Que me diz, Sr. George?

— Que digo? Muitos agradecimentos, Mr. Moxtey, sem dúvida. Aceito com muito prazer o seu oferecimento.

Depois daquele momento, pôde George Black dormir sossegadamente, a sonhar com tudo cor de rosa.

Quinze dias mais tarde estava ele a trabalhar no "Bellerophon", rio a baixo, em excursão. No iate iam, além do patrão, o capitão Strong, Bull e ele. Entretanto, logo depois apareceram outros convivas: Fowlgate e duas garotas, parecendo que se tratava de "girls" de teatro que tomavam férias por uns dias. O iate era dirigido por Strong, tendo Bull por timoneiro. Ambos, porém, não se mostravam muito satisfeitos com a vida, contrastando isso com a grande satisfação de George, que agradecia ao céu o haver obtido aquele emprego. Era um novo ambiente para ele. Moxtey gozava a vida entre garotas lá



Agora... será o fim ou o princípio?...



— Ouça, Nadir. Tudo começou com um telefonema. Passamos a nos falar diariamente. Ele já me enviou seu retrato. Agora, quer que nos encontremos... mas receio que o encontro seja o fim deste novo romance. Que fazer?



— Aceite meu conselho, Luci. Adie o encontro e não use maquiagem excessiva para ocultar imperfeições. Durante uma semana, corrija manchas e espinhas com Leite de Colonia e obterá beleza de encanto real.



(Foi um sincero conselho de amiga. Luci adquiriu beleza jovem e real, de encantadora alvura. E quando se encontrou com "Ele", seu encanto natural conquistou-o... e foi o feliz princípio de um romance para sempre).

Não artificialize sua beleza! CORRIJA as imperfeições da pele com Leite de Colonia!

É uma ilusão! Além de tornar a beleza artificial, o excesso de maquiagem para encobrir as imperfeições da cutis e nocivo à vital respiração da pele. Corrija manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da cutis com Leite de Colonia. Aplique-o diariamente. Pela manhã, numa ligeira massagem protetora sobre rosto, colo e braços. Durante o dia, para fixar o pó facial... e, à noite, numa última limpeza da pele. E seu rosto ganhará aquela fascinante beleza real!

Leite de Colonia

O EMBELEZADOR DA MULHER



Record 2814

Calçados ZELIA
PARA O PASSO
GRACIOSO E LEVE
DA MULHER



Sandália
Mod. 1694
Pelica
dourada
Cr\$ 450,00
Pelica
prateada
Cr\$ 380,00

Mod. 1682
Camurça e pelica
Diversas cores
Cr\$ 180,00

Mod. 1708
Camurça e pelica
Diversas cores
Cr\$ 180,00

SALTOS

4,5
5,5
6,5
7,5

Fabricação própria
Aceitamos encomendas
pelo Rembolsa Postal
Av. Gomes Freire, 29-sob. Tel. 22-2753 - Rio

Modelo	Côr	Tamanho	Salto
.....			
.....			
.....			

NOME
ENDEREÇO
CIDADE EST.

no seu camarote, a abrir champanha, enquanto George alimentava de óleo e combustível os seus motores que compeliavam a embarcação ajudados pela maré. Rompia orgulhoso o late as águas barrentas do rio, a cortar os seus remolinhos, deixando atrás os pequenos barcos. Lower Hope, Jenkyn Swatch; passaram o Nore, quando avistaram ao longe o perfil do Foreness, grande e branco com sua enorme proa. Quando a fresca brisa do mar soprou com animação, George parou os motores e levantaram nos mastros as velas do Bellerophon que velejou modorrento.

— O tempo está firme, disse o capitão Strong, e a chuvinha que se formara já se foi. Estou certo de que este vento noroeste nos conduzirá dentro de uma ou duas horas para pleno Canal.

— Lindo barco este, aventurou George, ainda sem saber se continuaria assim a admirá-lo caso fosse acometido do insuportável enjôo do mar. Mas achava que suportaria bem a viagem.

— Quando o mar estiver encrespado é que você vai ver o que é cabecear. Vá desde logo procurando habituar-se com o andar a bordo em mar agitado. Todos cambaleamos como ébrios. Não há equilíbrio que sirva; todos ficamos tontos e tomamos banhos inesperados.

Bull dava também seus palpites. Passava o late em frente ao Foreland, quando Moxtey veio ao tombadilho com suas companheiras. Com a oscilação, todas cambaleavam, procurando equilibrar-se, a rir como crianças em recreio. Moxtey e Fowlgate as seguravam pela cintura, protegendo-as contra tombos certos.

Então Moxtey gritou com sua voz de barítono desafinado, para o lado em que se achava o Foreland: — "Eh! Shenandoah! Eu gosto de sua filha! Vá por aí a rolar

pelo rio, que eu o baterei no cruzelro!"

As garotas vieram juntar-se a ele naquela chacota, entre gargalhadas.

Mas aquela brincadeira parece que atacou alguma coisa por dentro de Moxtey que ele acabou de gritar e caiu ao convés com um acesso de angústia, como que a soluçar incoercivelmente. Os três homens então o socorreram a dar-lhe palmadinhas nas costas para tirar-lhe o engasgo. Moxtey riu, mas contrafeito, sem nenhum vislumbre de alegria.

O capitão Strong trocou algumas palavras de censura e de comando com Bull, que parecia amolá-lo de quando em quando. George não entendia muito daquelas discussões acerca de ventos e palpites de navegação em pleno mar, e limitava-se a admirar o ambiente novo para ele, vendo a costa de sua pátria de bordo de um late de recreio. À noite encostavam ao cais de Newhaven. Ao encher da maré da manhã seguinte, continuaram o cruzeiro passando por Bognor, Worthing, Littlehampton, todos com seu movimento ativo nas estreitezinhas daqueles portos do Canal. Moxtey e as garotas desejaram pescar e tomar banho. O late desceu âncoras. Enquanto elas mergulhavam com suas roupas exigüas em companhia de Fowlgate, a um lado do barco, Moxtey que não caíra n'água por não saber nadar, mobilizara seus petrechos de pesca com a ajuda de Bull. Em face do adiantado da hora, o capitão advertiu:

— E' bom irmos para Wight antes que escureça.

— Certo, disse Moxtey, mas não quero ancorar em Spithead. Conduza-nos a Solent, com escuro ou sem escuro. Em seguida gritou para Fowlgate: — Hey! Fowlgate! Ele respondeu, e Moxtey reclamou a demora do banho. Que não fossem depois cair com pneumonias. Estava esfriando muito. Mas as jovens responderam que ninguém estava com frio. Em vista disso, Moxtey preveniu que iam partir, e que elas viessem nadando atrás do late.

As moças obedeceram entre protestos. Ao verem que o barco estava mesmo de partida, subiram em seus "maillots" diminutos e foram mudar de roupa. A noite, quando o sol já se fóra, reapareceram em slaks, "sueteres" e capas contra chuva. Cantaram lindas canções e algumas delas procuraram "flirts" com o capitão, com Bull e Black, simultaneamente.

Já era noite fechada quando soprou do leste uma brisa fria, forçando as jovens a irem para seu camarote. Bull foi tomar conta de seus afazeres enquanto Black ficava a sós com o capitão Strong, que lhe deu lições de navegação e pilotagem, quando passaram em Ryde Pier.

— Vamos entrando em Beaulieu River, disse o capitão. Segure bem.

Dali eles ouviam as vozes e risadas das moças em seu pequeno beliche. Em seguida perceberam vozes de pessoas em grande discussão. Eram Moxtey e Fowlgate que altercavam. Naquele instante abriu-se a porta do salão e eles ouviram com clareza estas palavras de Moxtey:

— Eu não vou ficar, e ainda por cima ser insultado em meu próprio late!

— Insultado?... Deixe-me dizer-lhe, Moxtey, você não foi insultado. Se eu tivesse antes que você estava metido nessa confusão, não teria pôsto meus pés nesse corrompido barco. Porque...

— Virtuoso... todo mundo quer ser virtuoso, e também você, não é isso? — E Moxtey lançou-lhe um olhar de desprezo.

— Gosto de ter minhas mãos limpas, de qualquer modo, bradou Fowlgate, indignado.

— Você?... Você, miserável trapaceiro, sujo!

— Mentiroso! Retire-se antes que lhe arrebe a cara!

Então viram quando os dois homens se atracaram numa luta violenta e feroz, a vociferar como dois loucos, movimentando-se aos tombos, jogados de um para o outro lado pelo balanço do barco, até que, na confusão da luta corporal, foi Moxtey arremessado à borda do late e, perdendo o equilíbrio, despenhou-se como um fardo nas trevas da noite, sobre as ondas revoltas.

— Céus! — gritou Fowlgate — ele não sabe nadar!

George Black, vendo que seu patrão morreria afogado, pois que não sabia dar

PELAS estradas do CEU



Por ANDRÉ MAX

A força aérea dos Estados Unidos acaba de aumentar seu poderio com a incorporação de mais uma centena de moderníssimos caças a jato "F-80-C Shooting Star".

O presidente Truman, embora se esforce para manter o mundo numa atmosfera de paz geral, não se descuida de proporcionar ao exército de seu país os elementos necessários à defesa dos Estados Unidos e ao aperfeiçoamento cada vez maior de sua mocidade militar.

Assim, a maior força aérea de tempo de paz do hemisfério ocidental, acaba de receber reforço adicional de mais cem caças a jato, entregues pela "Lockheed Aircraft Corporation" e encomendados pelo governo norte-americano.

Cêrca de mais seiscentos desses aparelhos serão entregues à Força Aérea dos Estados Unidos, conforme declaração de um porta-voz da citada fábrica, para mostrar que tais tipos de aviões estão sendo preferidos a qualquer outro modelo.

Tendo voado, há pouco tempo, da Califórnia para S. Luis, no Missouri, o major Robert M. Haven, aviador da Guarda Nacional daquele Estado, declarou que, para evitar uma área tempestuosa, fez subir seu "F-80" a mais de 12.600 metros.

Os aparelhos destinados à guerra ou à defesa das nações, servem de experiência de grande importância para seus irmãos no campo das atividades civis e comerciais.

Assim, tendo sido a propulsão a jato uma invenção inspirada pela estratégia da guerra, dando aos aviões de combate e caça maior destreza, mais agilidade de ação, superior velocidade, tal aperfeiçoamento foi, em seguida, adaptado aos próprios aviões comerciais, dentro da natural relatividade.



O caça a jato "F-80C Shooting Star" construído para a Força Aérea dos Estados Unidos pela "Lockheed Aircraft Corporation"

Para a decolagem de grandes aviões de transportes foram empregados foguetes, provando sua praticabilidade, tanto a Marinha dos Estados Unidos, como a "Lockheed Aircraft Corporation".

As provas realizadas com o gigantesco "Lockheed Constitution", demonstraram que essa extraordinária força igual à produzida por um motor de avião "Pratt & Whitney Wasp Major" de 3.500 HP pode ser obtida com o emprego de seis foguetes "Jato" (jet-assisted takeoff).

As provas foram efetuadas, conduzindo o formidável avião que tem capacidade para 180 passageiros, um peso acima do máximo regularmente estabelecido, que é de 184 mil libras, tendo decorrido a experiência sensacional, sem qualquer acidente ou verificação de contrariedades sobre o controle da aeronave.

Os engenheiros da fábrica acentuam que a instalação de botijões de jato nos grandes aviões de transportes, como equipamento normal, representaria uma medida extraordinária de segurança, no caso de um colapso de força durante a decolagem.

Para os vôos experimentais três botijões de jato foram colocados em compartimentos do interior da asa, de cada lado da fuselagem e acima dos "flaps". A reação do disparo dura aproximadamente quinze segundos, e a fumaça, passando bem sob a superfície da cauda, não produz vibração alguma.

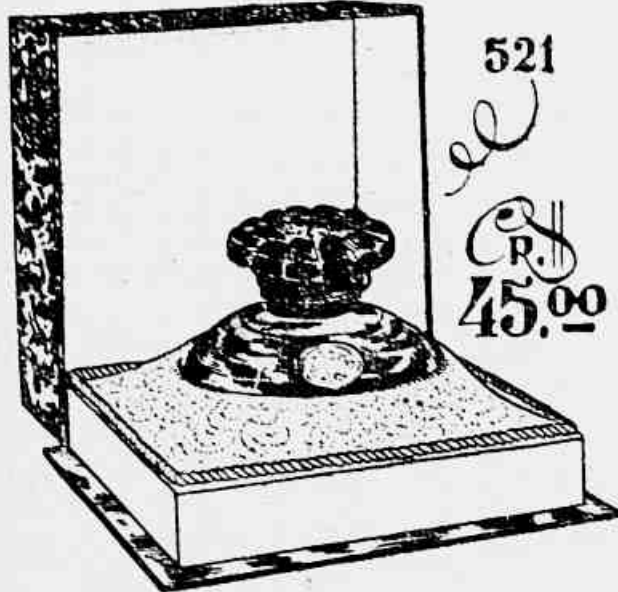
O uso dos seis botijões de mil libras reduz de 24% a corrida normal de decolagem do "Constitution" — afirmam os engenheiros da "Lockheed". Além do uso de emergência do jato, as decolagens por meio de foguetes são de grande importância para todos os tipos de avião quando têm de levantar vôo de pequenos campos em dias quentes ou com carga acima do normal.

A "Lockheed" está construindo alguns desses gigantes navios dos ares destinados a transporte, por encomenda do governo dos Estados Unidos.

PERFUMES



Finíssimo e exótico perfume, em rico estojo de Madeira de Lei



Delicados e fragrantos perfumes, Narciso Negro e Narciso Branco, em lindo estojo torrado com finíssimo e tim. anebos constituindo lindos e valiosos presentes. Pelo Reembolso Postal sem qualquer despesa. Pedidos a

PERFUMARIA EXOTICA
Rua Campos da Paz, 167. — Fone: 48-8137
— Rio — Enviamos catálogos

uma bráçada, lançou fora seu casaco e mergulhou na escuridão à procura de Moxtey. No iate reinava imensa ansiedade. Todos estavam preocupadíssimos com a sorte daqueles homens, e, especialmente com a do chefe e proprietário do barco.

Black era bom nadador e homem vigoroso. O maior risco era o de ser apanhado pelo hélice do iate. Gritando por socorro, Moxtey foi alcançado por Black que lhe passou um braço pela cabeça, enquanto procurava movimentar-se com o outro. Com muito esforço conseguiu trazê-lo a salvo ao barco. Cinco minutos depois davam a Moxtey um cálice de rum quente para lhe restaurar as forças e prevenir um resfriado ou pneumonia. Mais calmo, Moxtey recomendou que não se fizesse nenhum comentário acerca do ocorrido.

Ao amanhecer, estavam todos no pórtico de Solent, quando o patrão lhe falou:

— Black, quero agradecer-lhe, mais uma vez, tudo o que você fez na noite de ontem para salvar-me a vida. Você também salvou Fowlgate. Como é fácil imaginar, um homem nas minhas condições está forçado a manter relações com toda sorte de gente. Ele não é, exatamente, pessoa de minha amizade. Não sei mesmo se tenho amigos pessoais, na exata significação do termo. No caso especial de Fowlgate, desejo mesmo que nossa briga não tenha curso, pois não quero que saibam que briguei com ele.

— Quanto a mim, pode estar tranquilo, Sr. Moxtey. Nada direi.

— Você é um bom companheiro, Black. Já lhe havia dito que estou pensando em comprar uma garagem? Está localizada em West End. Será modernizada e aparelhada a capricho. Precisarai de um gerente para ela, e já pensei em você. Aceitaria o lugar?

— Com muito prazer, Mr. Moxtey, e muito agradecido.

— Ótimo, Black. Vejo que já nos compreendemos muito bem.

Depois desta conversa, passou-se um mês, durante o qual George Black ainda tomou parte em dois cruzeiros no litoral, quando foi assumir seu lugar de gerente do novo estabelecimento, entregando-se

com vivo entusiasmo à sua administração, que se prenunciou de franco sucesso. Nos dois últimos cruzeiros nada de mais importante se passou; mas pôde George observar que sempre havia novos convidados em cada vez. Assim, apareceu num deles um cidadão gordo, de nome Porter, cujo aspecto e aparências profissionais despertaram suspeitas em Black. Notou também um outro sujeitinho intrigante e bulhento, de nome Oxley, que, com seus fuxicos, procurou mesmo intrigar Black com o Capitão.

Foi a essa altura que Black deixou os serviços no "Bellerophon", com muita satisfação, assumindo os trabalhos na direção da garagem, com suas bombas, instalações elétricas, letreiros de gás neon, lavando e polindo todo o maquinário, enfim, dirigindo com esmerada atenção todos os mil serviços de uma garagem moderna. Com os vencimentos de 500 libras por ano, e promessa de aumento logo que os lucros fossem acusados pelo balanço, Black conseguiu, em poucos meses, tornar a garagem de Moxtey num dos mais perfeitos e eficientes estabelecimentos do gênero, servindo maravilhosamente à já numerosa clientela.

Diariamente Moxtey vinha ao estabelecimento ver como andavam as coisas, e apresentava parabéns a Black pelo zelo e eficiência de sua direção. Quase sempre lhe apertava a mão, felicitando-o cordialmente.

Moxtey também fôra, por mais de uma vez, à residência de Black, em Balham, tendo levado, certa vez, lindíssima boneca para Audrey, que falava, chamando seus pais pelos nomes de batismo: George, Molly... Moxtey se manifestara excelente patrão, e Black, recordando-os dos seus recentes meses de desemprego e desesperança na vida, até duvidava que era com ele mesmo que estava a suceder tudo aquilo. De princípio, George chegou até a sentir uma pontinha de ciúmes, por saber que tudo estava a dever à amizade, ou conhecimento da esposa para com Moxtey; mas, com a dedicação dele ao serviço, chegando mesmo a trabalhar catorze horas por dia, já era Molly quem estava enciumada com tanta ocupação lá na garagem. Trocando idéias com o marido, ela lhe recomendou que não devia matar-se tanto naquele trabalho. Mas Black lhe respondeu que tudo faria para que o estabelecimento desse grande lucro no primeiro exercício, para compensar tudo o que o patrão estava a fazer em seu benefício. Molly, porém, lhe disse que muito mais Moxtey lhe devia. Não lhe salvara a própria vida? Mas o esposo não a atendeu e permanecia a redobrar de dedicação.

Sempre que o patrão vinha ao escritório, descia com Black até à garagem. Naquela vez, porém, não foi possível, pois um senhor de voz cheia e pesada entrou no escritório, tendo Moxtey pedido a George que os deixasse a sós. Um quarto de hora depois viu Black que a visita se despedia apertando a mão do chefe. Naquela noite, George disse a Moxtey:

— Muito gostaria que o senhor viesse até aqui após o teatro, afim de conversarmos sobre a outra plataforma para a garagem. Sei muito bem que já temos dispendido muito dinheiro nestas instalações, mas temos necessidade de aumentar o número das plataformas.

— Falaremos disso depois, Black. Preciso agora mostrar-lhe uma carta que recebi de um conhecido meu, de nome Champlain, que reclamou um serviço aqui da garagem. — Moxtey rebuscou nos bolsos até encontrar a tal carta em meio de muitas outras, entregando-a a Black. Tenha razão ou não o reclamante, veja se o satisfaz. — recomendou despedindo-se com um até logo.

Quando Black fechou a porta e ficou sozinho no escritório, viu um papel no chão. Com certeza era algum documento que caíra do bolso do chefe, quando ele andara a remexer nas algibeiras em procura da carta de Champlain. Baixou-se e apanhou. Era uma carta, lá colocá-la sobre a secretária com um peso em cima, para depois entregá-la ao seu dono, quando sua atenção foi despertada pela letra da mesma. Começou a lê-la, sem acreditar no que via. Primeiramente de vagar, depois se foi enchendo de cólera. Sem crer no que viam seus olhos, voltou-a para exa-

minar a assinatura. Não havia dúvida. Estava confirmada. Meteu-a violentamente no bolso e sentou-se. Cerrou os dentes, indignado. Seus olhos fustigavam de ódio. Estava trespassado. Súbito retirou novamente a carta do bolso e releu-a:

"Caro Sr. Moxtey:

Sei que sou uma louca ao escrever-lhe (você me advertiu que não dissesse Dear Fred) você não é Dear Fred. Eu o odeio. Compreende? Você me enoja. Fiz aquele plano; mas você está tão obtuso que parece não perceber. Tudo o que lhe peço é que queime esta logo que acabar de lê-la. Poderá fazer isto por mim? Espero que assim o faça. Houve tempo em que pensei que o amava. Fui uma louca, louca varrida. Não compreendia os homens de sua classe, selvagens que são. Suponho que estou pagando pela loucura que fiz, ao permitir que você se enchesse de amor por mim. Nunca imaginei que iria pedir-lhe auxílio; mas fui levada a apelar para você, em virtude de ter estado George desempregado por todo aquele tempo. E pensei que, possivelmente, você nos ajudaria. Ajuda! Você seria incapaz de socorrer sua própria mãe, mesmo que ela lhe implorasse ajoelhada a seus pés, se nada tivesse que dar-lhe em troca do seu auxílio. Sim, porque você coloca tudo acima de seu interesse, de seu egoísmo. Desejou arrebatá-me de George, destruir nosso lar, arrebatá-lo do coração. Antes que isso sucedesse eu o mataria, compreende? Eu o mataria. Odeio-o, odeio-o, odeio-o! Posso ter pecado no passado. Pequei, sim, cruelmente, contra meu marido; mas reconheço que ele é o mais decente e fino homem de quantos possa haver neste mundo, enquanto você é o mais sujo e canalha, que pode existir. Assim, advirto-o claramente, Sr. Moxtey, que se o senhor, em qualquer tempo, insinuar perante George, como ameaça, que Audrey não é filha dele e sim sua, eu juro que o matarei onde quer que esteja! Juro que farei isso. Agora se vinde despedindo George, e veja o que lhe acontecerá. Você tem-se divertido à minha custa; mas George e Audrey não devem pagar por minha culpa. Se eles sofrerem por isso, tome cuidado com sua pessoa.

Molly Black"

George estava perplexo, sem poder atinar com coisa alguma. Tudo aquilo era incrível. Calmamente pôs de novo a carta no bolso. Mas, outra vez a retirou da

— Já me inteirei do assunto da carta de seu amigo sobre o serviço que reclamou. Pode o senhor perder alguns minutos e ir comigo ao quarto andar para mostrar-lhe em que consistiu a reclamação? E' rápido.

— Pois não, — respondeu Moxtey. — E se encaminharam para o local escolhido por seu gerente para assassiná-lo. Aproveitando o momento em que muitos clientes deixavam os elevadores, Black apanhou uma chave inglesa fingindo ir consertar lá em cima um hidrante, enquanto Moxtey chamava com o dedo no botão, o elevador número dois. Black verifica que o número um no lado oposto descia vazio. Com rapidez abre a porta e, com um golpe, interrompe-lhe o contacto, obrigando-o a parar. Nessa ocasião desce o número dois, também vazio. Moxtey entra, quando, por detrás Black lhe vibra violento golpe na cabeça, derrubando-o sem vida. Então fecha a porta do elevador e, com a mão protegida por um lenço, pressiona pela grade o botão do quarto andar. O carro sobe com aquela sinistra carga. Normaliza, com um mecânico o elevador número um e limpa cuidadosamente a chave inglesa de que usara, tornando a colocá-la em seu lugar. Estava certo de que ninguém o viria. Descoberto o corpo no elevador, vieram buscá-lo para ver seu patrão morto, veio a polícia, e... era o que sabia. Então o inspetor pediu sua ajuda para descobrir o assassino de seu benfeitor. George sorriu intimamente. Seria um trabalho bem feito. Tomou do fone e discou o número de sua casa.

— Alô! Molly? Aqui é George quem fala. Olhe, chegarei tarde aí em casa. Grande complicação aqui. E' que Moxtey está morto. Sim, morto. Sim, foi grande o choque. Ao que parece alguém o assassinou. Que diz? Sim, eu sei que você muito o sente. Eu também. Não posso compreender como sucedeu isso. Alguém o golpeou violentamente com uma chave inglesa, por trás, na cabeça. Bem... você sabe como são essas coisas, impossíveis dizer ou imaginar quem o atacou. Sim, a polícia está aqui. Mas eles não parecem muito esperançados em descobrir o assassino. Agora procure dar balanço no seu íntimo e imaginar quem poderia cometer esse crime contra ele. Bem, estarei aí em nossa casa, algum dia. Oh! Molly! Quero apenas dizer-lhe o quanto a amo! Beije Audrey por mim, e boa noite, minha querida!



LYTOPHAN

DRAGO

Nº 15 por Hogart



DRAGO



ENQUANTO ISSO EM SEU QUARTO, DARBY PENSA...



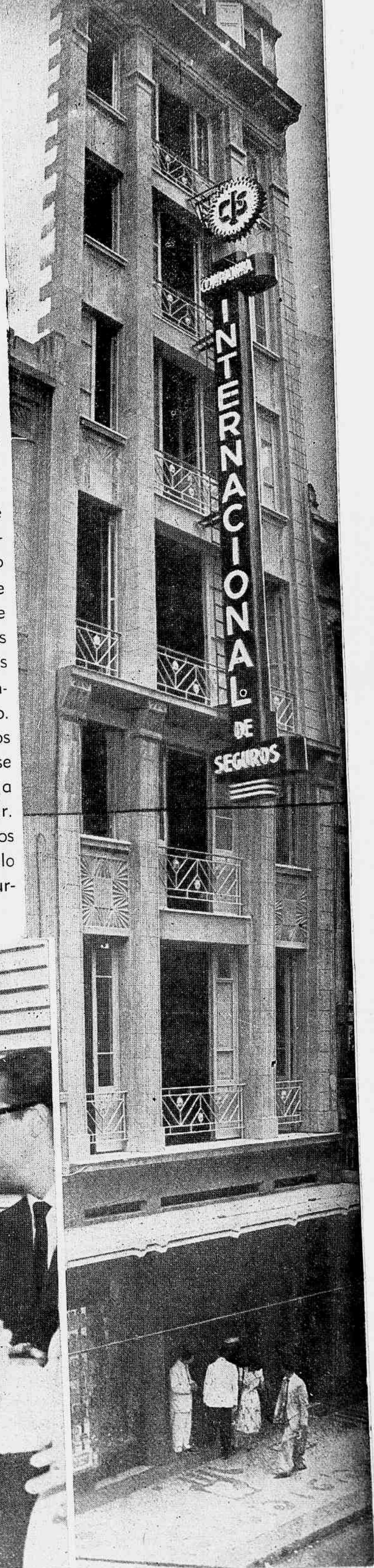
QUE HA MENINA, ESTA' TRISTE... BEM O FREQUÊS TEM SEMPRE...



A COMPANHIA INTERNACIONAL DE SEGUROS INAUGURA SUA SEDE PRÓPRIA

Damos aqui um aspecto fotográfico do ato inaugural da nova sede própria da Cia. Internacional de Seguros, e, bem assim, uma visão da fachada da mesma sede à rua Sete de Setembro, 94, na Capital da República. A solenidade da inauguração teve lugar às 16 horas do dia 17 do mês em curso, presentes altas autoridades, dentre as quais o exmo. sr. Otto Wadested, Ministro da Dinamarca, no Brasil, sr. A. Ponsomby, Cônsul-Geral da Grã-Bretanha, sr. dr. Amilcar Santos e Diretor do Departamento Nacional de Seguros Privados e Capitalização, sr. Cmte. Rogério Coimbra, Presidente do Instituto de Resseguros do Brasil, sr. dr. Odilon de Beauclair, Presidente do Sindicato das Empresas de Seguros Privados e Capitalização do Rio de Janeiro, sr. João Teixeira Soares, Presidente do Sindicato dos Corretores do Rio de Janeiro, corretores desta capital, acionistas, negociantes e grande número de senhoras. Ao

champagne, usou da palavra, dando como inaugurada a nova sede, o Diretor-Presidente da Companhia, dr. Carlos Guinle. A seguir, pronunciou brilhante discurso o dr. Odilon de Beauclair, Presidente do Sindicato das Empresas de Seguros Privados e Capitalização do Rio de Janeiro, ressaltando a grande contribuição trazida ao seguro nacional pela Cia. Internacional de Seguros no decorrer dos seus 28 anos de existência, durante os quais acumulou mais de Cr\$ 34.000.000,00 de capital e reservas e espalhou organizações próprias e Agências por todos os Estados da Federação. Procedeu-se, a seguir, à visita pelos convidados aos sete pavimentos de que se compõe a nova sede da Companhia, cuja atual Diretoria é a seguinte: Presidente, dr. Carlos Guinle; Vice-Presidente, sr. Carlos O. R. Guinle; Diretor-Gerente, dr. Ângelo Mário Cerne; Diretor da Produção, sr. Durval Lopes Reis.



grá-
ndo
uns
nda
nte,
ami-
-nos
ento
nior,
eram
aos
veis
tado
nome
sado
do a
coisa
das
ofone

o de
ndes
o sr.
á a
senta-
ecido,
se os
sucs

H"

missões
iu a luz
a locali-
joso de
"debut"
dade de
Rio, veio
ento de
ois anos
o, entu-
estação
ada por
em prá-
a PKC-3
onde se
alho, não
irradiar
não se
hida luta
vre, nin-
O rapaz
os que
nte, nosso
nos, pois
Não torce
le chegar

procura-
rava inte-
o da mis-
consulta?
o a glória
brilhante
ra, pois o
julgando
ecusava-se



BODAS DE PRATA

Comemorando o seu 25.º aniversário de casamento no dia 14 deste mês, o casal Manuel F. de Oliveira-Esméralda M. de Oliveira, mandou celebrar uma missa em ação de graças na Igreja de São José, pela manhã, oferecendo, à noite, em sua residência, uma encantadora festa aos numerosos amigos e parentes que foram levar-lhe abraços de felicitações e votos de felicidade pessoal.

O templo da rua da Misericórdia, que estava fartamente iluminado, quase não podia conter o elevado número de pessoas presentes ao ofício religioso, entre as quais se notavam elementos do nosso alto comércio e da melhor sociedade local, jornalistas etc.

A noite, a residência do distinto casal acolheu, igualmente, além das pessoas da família, um número considerável de amigos e admiradores que foram compartilhar da imensa alegria que, num ambiente de distinção e conforto, se transformara em contagiante felicidade.

O sr. Manuel F. de Oliveira, figura destacada da colônia portuguesa e do comércio desta praça, é também um nome muito conhecido e estimado nos círculos esportivos locais, e particularmente no seio do Clube de Regatas Vasco da Gama, a que pertence, e onde goza de grande simpatia, sendo também sócio e elemento de grande prestígio do Clube Ginástico Português.

Nesta página estampamos os seguintes aspectos fotográficos: Em cima, um numeroso grupo de pessoas que compareceram à missa em ação de graças, focalizado após o ato religioso. Ao centro, uma pose especial para a REVISTA DA SEMANA do casal Manuel F. de Oliveira-Esméralda M. de Oliveira. Em baixo, dois aspectos da festa realizada na residência dos homenageados.



BOM HUMOR



Forração em passadeira de lã "craie" e tapete verde-
água; sofá e poltronas estofados a couro sintético
verde e bege; cortinas em sanderlin — tecido inglês,
de estampado brilhante resistente ao sol e à chuva



Mobiliários Decorações

Orçamentos e sugestões por decoradores especializados



UM MUNDO DE TAPETES
persas, indianos, franceses, ingleses, portugue-
ses e nacionais a preços do outro mundo!



FUNDADA EM 1912

65. RUA DA CARIOCA, 67 — RIO